



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Ariel de Lima Vieira

**Paisagens Animadas em São Pedro de Alcântara/SC: Uma Etnografia Multiespécie sobre
práticas da Agricultura Familiar.**

Florianópolis-SC
2023

Ariel de Lima Vieira

Paisagens Animadas de São Pedro de Alcântara/SC: Uma Etnografia Multiespécie sobre práticas da Agricultura Familiar

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Viviane Vedana

Florianópolis

2023

Vieira, Ariel

Paisagens Animadas em São Pedro de Alcântara/SC : Uma etnografia multiespécie sobre práticas da agricultura familiar / Ariel Vieira ; orientadora, Viviane Vedana, 2023.

120 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. agricultura familiar . 3. paisagens animadas . I. Vedana, Viviane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Ariel de Lima Vieira

Paisagens Animadas de São Pedro de Alcântara/SC: Uma Etnografia Multiespécie sobre práticas da Agricultura Familiar

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 21 de outubro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Jeremy Deturche

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Hilton Costa

Universidade Estadual de Maringá

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a), Dr.(a) Viviane Vedana

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a todas as pessoas que desempenharam um papel fundamental na jornada da minha dissertação. Primeiramente, à minha companheira de vida, Gabriela Soares, por estar sempre presente, oferecendo apoio inabalável ao longo desse percurso.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado: meu pai Bob Vieira, minha mãe Giovana de Lima, Meu irmão Alexandre de Lima e Tia Maria de Jesus, por me apoiarem de maneiras infinitas, seja emocionalmente, financeiramente ou simplesmente estando lá quando eu precisava.

À minha orientadora, Viviane Vedana, que dedicou tempo, atenção e compromisso incansáveis para me guiar e orientar ao longo da minha dissertação. Sua mestria e mentoreamento foram imensuráveis.

Agradeço também aos meus amigos de moradia em Maringá, Arthur Rodriguez, Gustavo Azevedo e Matheus Gomes, por compartilharem a jornada da vida comigo por tantos anos, tornando cada desafio mais fácil de enfrentar.

Aos amigos incríveis que sempre estiveram ao meu lado, Bárbara, Nicholas e Rayane, por serem tão atenciosos e grandes apoiadores em todos os momentos.

Ao sociólogo e amigo de longa data, José Diniz, por suas revisões e leituras criteriosas, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

Paulo, Malu e Karina, que me receberam em Florianópolis e me forneceram um teto na cidade, permitindo que eu me dedicasse totalmente na minha pesquisa.

Às minhas colegas de classe no mestrado, Cecília, Rebeca e Sílvia, pelas trocas de ideias e experiências ao longo dessa jornada acadêmica.

Agradeço aos professores da graduação em Ciências Sociais, em especial a Eliane Sebeika, Fagner Carniel, Hilton Costa e Walter Praxedes, por sua orientação e inspiração durante minha formação acadêmica.

Por fim, aos professores do PPGAS-UFSC, em especial para Flávia Medeiros, Jeremy Deturche, Rafael Devos e novamente à Professora Viviane Vedana, que enriqueceram meu conhecimento e me ajudaram a alcançar esta etapa importante do meu trajeto.

O presente trabalho foi realizado com bolsa de mestrado custeada pela Agência Governamental Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

We change through our collaborations both within and across species. The important stuff for life on earth happens in those transformations, not in the decision trees of self-contained individuals. Rather than seeing only the expansion-and-conquest strategies of relentless individuals, we must look for histories that develop through contamination. (Tinsg, Mushroom at the end of the world, 2015, p.29)

RESUMO

Os debates desenvolvidos nessa dissertação, partiram de uma pesquisa etnográfica que se preocupou em acompanhar a produção e o escoamento de um grupo organizado de agricultores familiares na cidade de São Pedro de Alcântara, interior de Santa Catarina. Em especial o trabalho acompanhou a montagem e venda de cestas orgânicas desenvolvidas pelo grupo “Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara”, e a comercialização de seus insumos em uma feira mensal, promovida pela prefeitura da cidade em parceria com os agricultores e artesãos locais, além de se atentar aos processos produtivos dentro dos sítios. O trabalho de campo se desenvolveu na feira da cidade e dentro de quatro dos treze sítios envolvidos com o grupo de agricultores familiares e propôs um olhar multiespécie para a relação desses agricultores com os tratos na terra, tendo foco em compreender como as interações entre as espécies cultivadas, os seres humanos e os ambientes são importantes para a pequena produção agrícola. O envolvimento desses agricultores com as especificidades das paisagens em que estão inseridos demonstra a importância do conhecimento e interação intraespecífica com o ambiente e com as diversas formas de vida emaranhadas, dentro de uma produção sem agrotóxicos ou pesticidas. A etnografia feita em dois momentos, demonstrou as técnicas de venda e escoamento do grupo, como a criação do sistema CSA -comunidade que sustenta a agricultura- desenvolvido pelos próprios membros do grupo, além de verificar como os diferentes agricultores demonstraram formas variadas de se adaptar aos tipos de terreno, a sazonalidade, imprevistos climáticos e espécies não desejadas dentro das práticas da agricultura familiar.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Relações multiespécie; Escoamento; Técnica.

ABSTRACT

The debates developed in this dissertation originated from an ethnographic research endeavor that aimed to observe the production and distribution processes of an organized group of family farmers in the city of São Pedro de Alcântara, located in the interior of Santa Catarina, Brazil. Specifically, the research focused on monitoring the assembly and sale of organic baskets produced by the "Family Farming of São Pedro de Alcântara" group, as well as the marketing of their inputs at a monthly fair organized by the city in collaboration with local farmers and artisans. Furthermore, attention was devoted to the production processes within the farmsteads. Fieldwork was conducted at the city's fair and within four of the thirteen farmsteads associated with the family farming group. The research adopted a multispecies perspective to examine the relationship between these farmers and their land management practices. The primary objective was to comprehend how interactions among cultivated species, human beings, and the environment are essential for small-scale agricultural production. The involvement of these farmers in the particularities of their local landscapes underscores the significance of intra-species knowledge and interaction within a pesticide-free and herbicide-free production context. The ethnography conducted in two phases revealed the sales and distribution techniques employed by the group, such as the establishment of a CSA (Community Supported Agriculture) system developed by the group members themselves. Additionally, it examined how different farmers displayed various strategies to adapt to different types of terrain, seasonal variations, unexpected weather events, and unwanted species within the family farming practices.

Keywords: Family Farming; Multispecies Relationships; Distribution; Technique

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alice bebendo café...	25
Figura 2 – Uma ecofossa.....	41
Figura 3 – Bananeira e mudas de palmito Juçara no sítio Iगतú....	42
Figura 4 – Couve e cebolinha, sítio “Badalotti”.....	44
Figura 5 – Plantação de morango suspenso de Cleonir e Ivete.....	52
Figura 6 – Cleonir mostrando fertilizantes orgânicos	53
Figura 7 – Cleonir mostrando fertilizantes orgânicos.....	53
Figura 8 – Gato comendo bananas e tomate no barracão.....	63
Figura 9 – Produtos dos diversos sítios reunidos no barracão de Alice.....	64
Figura 10 – Alice se preparando para montar as cestas que seriam enviadas a Florianópolis.....	70
Figura 11 – Salgados produzidos pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara – os recheios são todos feitos a partir da própria produção do grupo.....	78
Figura 12 – Verduras posicionadas mais para trás. A foto foi tirada quase ao final da feira, ou seja, grande parte das verduras já haviam sido vendidas	81
Figura 13 – Parte da frente da barraca, caixotes que são mais expostos ao sol.....	82
Figura 14 – Barraca logo após a montagem e organização.....	83
Figura 15 – cogumelos conservados em caixa térmica.....	84
Figura 16– Mapa.....	92
Figura 17 – Relevo.....	93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
1.1. OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA PESQUISA E SEUS APORTES TEÓRICOS.....	21
1.2. PAISAGENS E RELAÇÕES MULTIESPÉCIES NA PESQUISA DE CAMPO.....	26
2. DESENVOLVIMENTO.....	29
2.1. AGRICULTURA FAMILIAR DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA-SC.....	32
2.2. PRODUÇÃO.....	34
2.3. FAMILIARIDADE COM A TERRA DENTRO DO PROCESSO PRODUTIVO.....	45
2.4. AGRICULTURA FAMILIAR VERSUS AGRICULTURA ORGÂNICA.....	54
3. ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO.....	59
3.1. CESTAS ORGÂNICAS, ENCONTROS IMPREVISTOS E RELAÇÕES MULTIESPÉCIE.....	64
3.2. CIDADE E FEIRA MENSAL LIVRE DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC.....	76
3.3. AGRICULTURA FAMILIAR E AGRICULTURA INDUSTRIAL.....	83
3.4. AGRICULTURA FAMILIAR EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC: REFLEXÕES SOBRE IMIGRAÇÃO, PAISAGEM E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	89
3.5. NATUREZA, ESTADO E SOCIEDADE.....	99
4. CONCLUSÃO: FAZERES AGRÍCOLAS E OS CAMINHOS ABERTOS PELA AGRICULTURA FAMILIAR EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC.....	110
REFERÊNCIAS.....	118

1 INTRODUÇÃO

Considerando a importância do estado de Santa Catarina no debate nacional sobre agricultura familiar, uma vez que o setor representa 50% do Valor Bruto de Produção Agropecuária (VBP)¹ de todo o estado, esta dissertação tem como objetivo elaborar uma análise da dinâmica produtiva de um grupo de agricultores familiares organizados no interior de Santa Catarina. A importância do trabalho também se justifica pelo fato de que a capital do estado, Florianópolis, tornou-se a primeira cidade do Brasil a proibir agrotóxicos em seu território a partir de uma lei aprovada pela Câmara Municipal e sancionada pelo prefeito da época em 09 de outubro de 2018. Por isso, tanto a aplicação, como o armazenamento de pesticidas na Ilha de Santa Catarina passou a ser ilegal. A nova legislação faz parte de esforços para transformar a região como uma "zona livre de agrotóxicos", abrangendo agricultura, pecuária, entre outros manejos de recursos naturais. Amplamente apoiada na Câmara Municipal desde que entrou em vigor em Outubro de 2020, a lei proíbe o uso de agrotóxicos e também busca abordar questões educacionais e de conscientização ambiental na cidade. A decisão teve forte influência dos resultados do monitoramento feitos pelo Ministério Público de Santa Catarina que identificou resíduos de agrotóxicos acima dos limites permitidos em alimentos. Em cerca de 34,5% dos casos, os alimentos analisados apresentaram presença de agrotóxicos acima do limite legal².

Nesse contexto regional de relevância para a negação dos agrotóxicos, a cidade de São Pedro de Alcântara se destaca por ser um exemplo na procura por alternativas ao estado de coisas da produção alimentícia no país. Fica localizada no interior do estado de Santa Catarina, a 40 km da capital Florianópolis, nas paisagens montanhosas e bucólicas de uma cidade interiorana. Aqui nasceu o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, um coletivo de agricultores composto por treze sítios e suas famílias. O grupo se dedica à expressão de uma agricultura consciente e orgânica, cujos esforços em prol de uma convivência harmônica com a natureza são importantes para o grupo. Sob a liderança e cuidados de Alice, figura central para a organização desses agricultores, o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara preza pelo respeito à sazonalidade da produção e aos

¹ Dados do último Censo Agropecuário do IBGE de 2017

² Limite imposto pela lei federal nº 7.802/89, a chamada "Lei dos Agrotóxicos". A lei abrange uma série de áreas que englobam desde a pesquisa e experimentação até a produção, embalagem e rotulagem, transporte, armazenamento, comercialização, propaganda comercial, utilização, importação e exportação de agrotóxicos e pesticidas em todo território nacional.

ciclos da terra e dos alimentos, bem como a negação aos agrotóxicos e pesticidas. Ainda que alguns sítios possuam o certificado de orgânicos, usarei a denominação "agricultura familiar" para definir o mosaico de práticas que florescem a partir da produção e escoamento do grupo. Duas formas se desenham para a comercialização e escoamento dos insumos e produtos: uma delas ocorre na feira mensal, que acontece no segundo sábado de cada mês em São Pedro de Alcântara/SC, permitindo trocas e a interação desses agricultores com a comunidade local. A outra se manifesta nas "Cestas Orgânicas", destinadas principalmente aos moradores de Florianópolis, mas que também são comercializadas dentro da própria cidade.

Além das ações comerciais, o grupo oferece oficinas, aos quais chamam "Da Terra, à Terra". A intenção das oficinas consiste em ensinar e debater sobre o manejo, conservação e preparo dos alimentos, guiados por uma consciência ambiental. Segundo Alice: "A gente se preocupa em incentivar o aproveitamento máximo do alimento, com o mínimo desperdício". As oficinas também oferecem debates sobre questões ambientais, o entendimento do grupo sobre agricultura familiar, e prezam por debater as possibilidades de cada pessoa poder contribuir para uma transformação coletiva em prol do futuro da agricultura e dos ambientes em que estamos inseridos.

Com atuação na cidade interiorana de São Pedro de Alcântara/SC e Florianópolis, o Grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara tece os fios de sua história a partir de uma sensibilidade e conexão com a terra e com os ciclos dos alimentos e demais seres vivos nas relações do campo. A dissertação acompanhou o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara em todo seu caminho produtivo e comercial, começando pelo plantio e colheita e passando pelo escoamento através das múltiplas estratégias de comercialização que o grupo adotou.

Durante meu processo de pesquisa de campo, tive a oportunidade de conversar e conviver com alguns membros do grupo de agricultura familiar de São Pedro de Alcântara/SC. A porta de entrada foi Alice, do sítio "Delícias da Roça", que me recebeu de forma extremamente acolhedora e abriu as portas de sua casa e me introduziu ao restante do grupo. Em seguida, conheci Cleonir e Ivete, do "Sítio Badalotti", que também me acolheram carinhosamente em seu sítio, oferecendo local para repouso, além de alimentação feita a partir dos insumos locais, produzidos por eles e pelos demais sítios do grupo. Outro sítio que tive a oportunidade de visitar e conhecer foi o "Sítio Iगतú", administrado por Arthur e Grazi. Eles não apenas me ofereceram um lugar confortável para passar a noite, mas também me proporcionaram ótimas conversas e trocas de informações, além de me apresentarem o funcionamento do sítio, inclusive compartilhando conhecimentos sobre permacultura.

Também tive a oportunidade de conhecer o sítio "Terra Nova", sob a administração de Renata e Sérgio, durante minha participação em um encontro da CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura). Lá, pude aprender mais sobre o sítio e a produção de ovos caipiras do grupo. Fui muito bem recebido em todos os lugares, com uma mistura de estranheza por eu ser uma pessoa de fora da cidade e estar sempre portando um caderno e fazendo anotações, com uma felicidade e vontade em ajudar na minha pesquisa, que para eles, de certa forma, também ajudaria na divulgação do grupo.

Conforme conhecia os agricultores e membros do grupo, fui me habituando e conhecendo melhor a cidade em que eles vivem e desenvolvem suas práticas cotidianas. São Pedro de Alcântara/SC é a primeira colônia de imigrantes alemães em Santa Catarina, e teve sua origem em 1829. Situada no vale do rio Imaruí, ao longo da rota de cargueiros que conectava São José no litoral à vila de Lages, no planalto serrano. Durante seus 194 anos de existência, São Pedro de Alcântara/SC desenvolveu sua base econômica em lotes coloniais familiares, caracterizados por uma produção diversificada de insumos. Segundo José Raul Staub (2020), esse processo contribuiu para a emergência de uma sociedade com suas próprias peculiaridades dentro do âmbito rural brasileiro.

Me proponho, também, a examinar como as cicatrizes desse processo colonizador permanecem presentes, visto que a ocupação do território catarinense por colonizadores foi precedida por uma expropriação violenta dos povos indígenas. As autoridades tratavam os nativos como obstáculos ao desenvolvimento econômico e buscavam justificar suas ações com base na ideologia do "branqueamento" da população, atraindo europeus para a região. Segundo Lauri Emilio Wirth (2000), comparando com outros modelos colonizadores, a colonização de Santa Catarina pode ser entendida como uma "colônia de povoamento", enaltecida como mais branda. Porém, essa abordagem histórica inviabiliza a memória dos povos originários e reduz a natureza a mero recurso para o progresso. Em São Pedro de Alcântara/SC não foi diferente, os Guaranis que habitavam aquela região foram expulsos ou exterminados pelos colonizadores e pelo governo imperial em nome do "progresso" como veremos melhor no capítulo quatro desta dissertação.

Sobre as paisagens da região, a localidade se destaca por sua geografia repleta de morros, caracterizada por uma cidade serrana, com clima mesotérmico úmido e temperaturas médias variando entre 15°C e 25°C, situada a uma altitude aproximada de 300 metros acima do nível do mar, abrangendo uma área de aproximadamente 140,6 km². Durante a pesquisa de campo em São Pedro de Alcântara/SC, pude perceber como os sítios que visitei se adaptam através de técnicas de plantio às paisagens montanhosas da região. Cada sítio parecia

buscar uma sintonia com as paisagens, onde os agricultores cultivam seus insumos de acordo com o ambiente local. Todos os sítios que visitei estavam espalhados pelas colinas e vales, comunicando-se em conformidade com a paisagem local.

Ao visitar o sítio "Delícias da Roça" de Alice e sua família, pude notar que o solo era mais plano devido a área da cidade em que foi construído. O sítio é próximo ao centro da cidade, sendo uma planície rodeada por morros e colinas. Aproveitando do relevo, a família também possui uma floricultura dentro do espaço do sítio. Já os sítios "Badalotti" e "Igatú" e "Terra Nova", diferente do "Delícias da roça", adaptam-se ao terreno montanhoso e usaram terraços para criar áreas planas dentro dos vales para o plantio. Na região, também há colinas e morrarias com topos arredondados, criando sulcos e vales profundos. Esse cenário influencia as práticas agrícolas dos sítios, que se ajustam a esse tipo de paisagem, levando em conta as características geográficas da área. Essas observações me permitiram compreender como as práticas agrícolas dos sítios são moldadas pelas características únicas do local. Minhas viagens a campo me proporcionaram a oportunidade de testemunhar como essas interações entre o terreno e a agricultura se desenrolam na prática. Saí de Maringá, meu ponto de partida, e viajei até Florianópolis antes de chegar a São Pedro de Alcântara/SC, uma jornada que, por si só, simboliza uma transição entre diferentes paisagens e relevos. Durante essa viagem comecei a ter minhas primeiras impressões e insights que me ajudaram na compreensão mais abrangente das dinâmicas relações entre os sítios, a geografia e as práticas agrícolas.

Para percorrer este trajeto eu pegava um ônibus de Maringá até Florianópolis, com uma viagem de duração em média de doze horas, e mais um ônibus de Florianópolis até São Pedro de Alcântara/SC em que a viagem dura aproximadamente uma hora. Mas eu não estava apenas lidando com a distância geográfica. A pandemia global de Covid-19 também me trouxe uma certa distância física para com os agricultores com quem eu queria trabalhar.

O contexto da pesquisa foi marcado pela presença da pandemia do Coronavírus (COVID-19). No início de 2022, quando realizei as primeiras viagens a campo, as medidas de precaução ainda eram bastante rígidas, por isso usei máscaras tanto nas ruas, como dentro das casas das pessoas, nos sítios e também na feira local. A condição peculiar desse período trouxe desafios adicionais à pesquisa, afetando diretamente a minha capacidade de realizar visitas mais prolongadas e abrangentes, limitando o tempo de permanência na cidade e restringindo o acesso a todos os sítios do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara/SC. Apesar desses obstáculos, que outros estudantes e trabalhadores também enfrentaram, as viagens a campo foram produtivas, e me proporcionaram uma imersão no

universo da agricultura familiar de São Pedro de Alcântara/SC, possibilitando o contato direto com seus plantios, práticas e técnicas agrícolas, permitindo uma conexão com a rede de relações sociais e naturais estabelecidas tanto entre os membros do grupo entre si, dos agricultores com a comunidade da cidade e dos agricultores com as demais formas de vidas presentes e atuantes no universo da agricultura. Durante as últimas etapas da pesquisa, houve uma transição na dinâmica da pandemia, com a flexibilização das medidas de segurança e a progressiva retomada das atividades cotidianas, inclusive com a opção de dispensar o uso de máscaras por parte das pessoas que já haviam recebido algumas doses da vacina contra a Covid-19.

Outros encontros inesperados marcaram minhas viagens, como em minha segunda visita à cidade de São Pedro de Alcântara/SC, quando vivi uma experiência de interação entre as espécies que me trouxe ensinamentos dolorosos. Passei a sexta-feira à noite na casa da Alice auxiliando na montagem e distribuição das cestas que iriam para Florianópolis na manhã seguinte. Próximo às 22h, Alice me levou para conhecer o sítio de Ivete e Cleonir, onde eu passaria a noite. Na manhã do sábado, acordei antes das 7 da manhã para ajudar na colheita de alfaces que não podem ser colhidas em um horário em que o sol está mais forte. Era verão e eu não havia levado trajes apropriados para um dia de roçada. Cleonir me emprestou uma bota reserva que usava para subir as colinas para trabalhar na terra, mas tive que ir de shorts pois não havia levado nenhuma calça para o campo. Primeiro fizemos a colheita dos alfaces e cebolinhas, logo após fui conhecer a plantação de morangos, o “carro chefe” do sítio “Badalotti”. Durante a manhã, levei muitas picadas de pernilongos nas pernas expostas, e claro que eu era o único de shorts, então sofri bem mais do que Ivete e Cleonir. Continuei meu dia normalmente, almocei com os dois, fui a feira mensal já que era o segundo sábado do mês, fiquei até o encerramento da feira e ajudei a desmontar as barracas e guardá-las na prefeitura onde é cedido um espaço para armazenar as estruturas. Durante o dia senti muita coceira das picadas, mas segui meus afazeres de campo normalmente. Ao voltar para Florianópolis no último ônibus, a coceira começou a se transformar em dor, e minha perna e meu pé ficaram inchados e doloridos. Nesse momento podia sentir a interação multiespécie na própria pele e no sangue, já que eu servia de alimento para aqueles mosquitos da cidade de São Pedro de Alcântara/SC³. Ao final do dia, próximo à meia noite, meu pé estava tão inchado que decidi ir ao Hospital Universitário da UFSC, pois a dor era intensa e mal conseguia fixar os pés no chão. Passei a madrugada no HU, tomei corticoides até meu pé desinchar e eu poder voltar para a casa em que estava alojado. Aprendi através da dor que

3 Segundo Ivete, aqueles mosquitos eram os popularmente chamados “Borrachudos”, ou *Simuliidae*.

para fazer uma pesquisa de campo eu precisava mais do que estar aberto ao aprendizado e ao conhecimento. Precisava também estar preparado; precisava pensar previamente o que poderia me aguardar e ir a campo com algumas precauções que não tomei desta vez.

1.1 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA PESQUISA E SEUS APORTES TEÓRICOS

O primeiro ponto explorado na pesquisa foi a produção, que é o instrumento de sobrevivência e transformação desses pequenos agricultores familiares. O primeiro ponto debatido por Tim Ingold em sua obra “Estar vivo” (2015) é justamente o conceito de produção, o que, segundo ele, não é algo exclusivo do ser humano. Para explicar essa relação, o autor parte dos debates presentes na obra “A ideologia Alemã” (2007), em que Marx e Engels afirmam que: “Assim como os indivíduos expressam sua vida, assim eles o são. O que são, portanto, coincide com sua produção”. (MARX; ENGELS, p.86, 2007). O ato de produzir com um fim previamente determinado, para os autores, é o que distingue o homem dos demais seres, já que o trabalho produtivo humano “termina na criação de algo que quando o processo começou já existia, em uma forma ideal” (MARX, 2007, p.170). Tim Ingold recupera esse debate, porém com uma elaboração crítica. Para ele, o processo produtivo não é uma simples transição de uma imagem mental pré-concebida para o substrato da natureza. O que deve ser levado em conta é toda primazia do processo sobre o produto final e, portanto, a ação de produzir pode ser estendida a todos os seres vivos. Marx, para diferenciar os nossos modos produtivos dos demais seres, enfoca a vontade intencional ou intencionalidade, que é inerente à própria ação humana. No entanto, para Ingold, a produção dos seres vivos não-humanos, assim como a dos humanos, possui uma intencionalidade inerente à própria ação e “deve ser entendida intransitivamente, e não como uma relação transitiva de imagem com o objeto” (INGOLD, 2011 p.29). Produzir, segundo o antropólogo, deve estar no grupo de muitos outros verbos intransitivos como esperar, crescer e habitar, e ser contrário a verbos transitivos como planejar, fazer e construir.

Anna Tsing também nos ensina com primazia como esses seres vivos não humanos fazem parte da construção do mundo e da nossa própria vida enquanto seres humanos. Tsing (2019) possui posicionamentos teóricos afinados com a visão de Tim Ingold e demonstra isso quando descreve o entrelaçamento das relações entre seres humanos e outras

espécies, utilizando escalas múltiplas não aninhadas⁴. Sua descrição crítica considera como mundos são formados pelas trajetórias cruzadas de diversas espécies que coabitam em um mesmo ambiente. A autora se propõe a construir uma antropologia que vá além da perspectiva humana e inclua a habitabilidade não apenas para os seres humanos, mas também para outras formas de vida. Tsing enfatiza a importância dos mutualismos multiespécies, relações em que diferentes formas de vida prosperam em conjunto. Nesse sentido, para desenvolver uma antropologia de habitabilidade mais que humana, a autora aproveita o conceito da biologia de “simbiose” para chegar até a ideia de “biologia substantivistas”, ou seja, tentar reviver a paisagem como uma protagonista dentro das relações entre os seres vivos. “Na maior parte deste ensaio, me deterei em paisagens animadas nas quais humanos são parte de mutualismos que fazem muitas formas de vida prosperarem. Precisamos de mutualismos multiespécies para sobreviver.” (TSING, 2019, p. 38)

De acordo com o pensamento dialético proposto nesta dissertação e, conseqüentemente, seguindo os conceitos de Tsing, o mutualismo não é algo fácil, simples ou predestinado a acontecer. Na realidade, interagir com outros seres, sejam eles humanos ou não, frequentemente assume uma natureza brutal, hierárquica ou até mesmo ambas simultaneamente. A “simbiose”, tal qual outras formas de conexão entre vidas humanas e não humanas, não é algo planejado, mas se desenvolve em conjunturas históricas inesperadas, emergindo de situações histórico-materiais à medida que partes não planejadas estabelecem novas conexões.

Nessa dissertação, para me aprofundar em uma análise do universo agrícola, proponho explorar o conceito de paisagens animadas que, nas palavras de Ana Tsing:

[p]aisagem: na maioria das vezes usamos esse termo para imaginar um pano de fundo para a ação humana. Se nos preocupamos com a habitabilidade, no entanto, teremos que descobrir como tornarás paisagens animadas, protagonistas de nossas histórias.” (TSING, 2019, p. 38).

Além da antropologia de habitabilidade mais que humana. Ambas são conceitos em que humanos estão imersos em interações multiespécies, necessárias para que possamos sobreviver. Essa abordagem proposta por Ingold e Tsing busca expandir os horizontes da

4 Para Tsing (2019), escalas múltiplas não aninhadas referem-se à ideia de que as relações entre diferentes espécies não podem ser compreendidas apenas em uma única escala ou em uma hierarquia linear. A autora propõe que devemos considerar as interações em diversos níveis e contextos em que essas escalas se sobrepõem e interagem, mas que não necessariamente se encaixam perfeitamente uma dentro da outra como em um pensamento cartesiano. Baseada nos pensamentos de Marilyn Strathern, essa linha de pensamento busca superar abordagens simplistas e hierárquicas, permitindo uma compreensão mais dialética e complexa das interações entre seres vivos e ambientes em diferentes contextos e níveis.

antropologia para incluir uma visão mais interconectada com as relações entre humanos, seres vivos não humanos e o meio ambiente.

No entanto, também proponho a pensar sobre paisagens de não habitabilidade. Sobre os desafios que surgem no mundo capitalista, um sistema que se baseia na superprodução desenfreada e em práticas sucessivas que colocam os seres humanos acima de outros seres vivos, e tornam algumas paisagens não habitáveis e, nos próprios termos de Tsing (2019), criam um mundo em “ruínas”. Essa visão de mundo é representada pelo agronegócio e as grandes produções monocultoras baseadas na superexploração dos ambientes e do uso de agrotóxicos e pesticidas. Essa forma de enxergar e agir no mundo chega até nós de diversas formas, inclusive no alimento que consumimos. Segundo Tsing:

Entre os desertos monocultores e sepulturas de agricultura industrial e os lábios impacientes dos consumidores repousa o sinal da ruína de nossos tempos: nossas cadeias de suprimento de alimentos mortais. No entanto, na última década, as mobilizações populares, da alimentação saudável ao comércio justo, tiveram um sucesso impressionante em mostrar que esse arranjo é inevitável: nós podemos fazer a diferença. Políticas alimentares estão sob observação; sistemas alimentares alternativos estão florescendo. Nós temos uma chance: ocupar a comida. (TSING, 2019, p. 28).

É aí que nossos “interlocutores”, Alice e o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara entram. Através das suas ações de plantio e colheita e do escoamento da produção eles ocupam a comida, propondo uma forma alternativa ao agronegócio de produzir com a terra e na terra.

O terceiro capítulo da dissertação percorre os caminhos do escoamento da produção do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara. Dois pontos principais foram explorados: a venda de cestas orgânicas e a feira livre mensal da cidade, que acontece todo segundo sábado do mês. Precedendo a comercialização, Alice cede um barracão dentro de sua casa que funciona como ponto de encontro para os treze sítios, os produtores agrícolas e famílias envolvidas na produção e escoamento do grupo. Os produtos agrícolas que se encontram dentro do barracão são utilizados na construção das cestas orgânicas e na organização da barraca do grupo na feira mensal na cidade. Essa organização coletiva possibilita que os trabalhadores e suas produções atinjam maior visibilidade e alcance social e econômico, o que seria difícil se atuassem de forma individual.

As mercadorias vendidas pelo grupo são diversificadas e abrangem grãos, legumes, verduras, frutas, cogumelos, ovos, processados como queijo e bebidas alcólicas⁵, além de

⁵ A gama de produtos será melhor discutida ao caminhar da dissertação.

produtos de higiene naturais. Essa diversidade de produtos reflete a trajetória da produção, desde os sítios até o ponto final de venda, onde são destinados aos compradores/consumidores.

As formas de comercialização do grupo atingem os consumidores de formas variadas: nas cestas, o comprador recebe em casa itens previamente separados e selecionados, enquanto na feira o próprio consumidor escolhe manual e visualmente o que deseja comprar. Essa distinção influencia o perfil dos compradores, já que a maioria dos que adquirem as cestas são de Florianópolis, muitas vezes sem laços pessoais com os produtores, enquanto os frequentadores da feira são moradores locais, conhecidos ou amigos dos agricultores. Através da observação e estudo da produção dos insumos e da distribuição das cestas e feiras, é possível perceber uma rede de correspondências e interdependência entre os participantes, criando um sistema dinâmico de produção, escoamento e debate sobre a agricultura local e o desenvolvimento de uma agricultura sazonal e a importância do respeito ao tempo das coisas na produção agrícola.

Uma das ações do grupo, pensado inicialmente por Alice, foi o modelo CSA, ou Comunidade que Sustenta a Agricultura, termo desenvolvido pelo próprio grupo e debatido dentro de reuniões internas dos agricultores. Diferente do modelo de venda usual que o grupo já desenvolvia, de compra e venda semanal de cestas, o CSA proporciona que os compradores recebam quatro cestas por mês, de acordo com os produtos disponíveis na época da colheita. Esse sistema valoriza a sazonalidade dos alimentos, respeitando os ciclos naturais de produção e evitando o uso intensivo de fertilizantes e técnicas artificiais. Por meio desse modo de comercialização, além de consumir os alimentos do grupo, os compradores têm a oportunidade de apoiar os agricultores locais, e fomentar uma forma de produção mais consciente e harmônica com os ciclos ambientais. Além disso, segundo Alice, o modelo também ajuda na conscientização dos consumidores, incentivando o entendimento sobre a importância da sazonalidade e da relação harmoniosa com a natureza.

Para aprofundar esses vínculos com os clientes, a partir do modelo CSA, o grupo organizou encontros mensais ou bimensais dentro de alguns sítios que fazem a produção dos insumos do grupo. Estas visitas permitem aos consumidores conhecer a paisagem, os produtos em desenvolvimento, os animais e outros elementos presentes na agricultura local, além de entrarem em contato com as técnicas de plantio e colheita. A interação com os agricultores e a degustação de alimentos criam uma conexão mais profunda com a comida que chega à mesa, promovendo a importância de uma produção local mais consciente e que respeite os ciclos naturais.

Além das cestas, a feira mensal é uma outra forma de escoamento da produção do grupo, que também não se limita simplesmente à comercialização de seus produtos. A feira, além de um evento comercial, é um espaço de sociabilidade e integração entre agricultores entre si e consumidores da cidade. A feira mensal de São Pedro de Alcântara/SC é um evento que conta com a ajuda da administração local e com os esforços dos agricultores e artesãos da cidade. Com um conjunto de 8 barracas fornecidas e alojadas nas instalações da prefeitura, a feira apresenta uma variedade de itens produzidos e transformados na região. Duas dessas oito bancas são operadas pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara.

Figura 1: Alice bebendo café após a abertura de uma das barracas do grupo



Fonte: Foto minha.

As práticas dos pequenos agricultores dentro do espaço destinado a feira mensal, localizada no centro da cidade, refletem a produção social do espaço, adaptando-se às condições locais, e visa o aproveitamento espacial para o escoamento de suas produções. As estratégias de escoamento da produção adotadas pelo grupo incluem comunicação e marketing promovidos por Alice, que busca, além da divulgação dos produtos, a conscientização dos consumidores sobre os benefícios dos alimentos sazonais e locais, diversidade de produtos para atender diferentes demandas, parcerias e redes cooperativas para

ampliar o alcance, venda de cestas orgânicas pelo modelo CSA e realização de feiras livres mensais para se conectar de forma mais próxima com os consumidores.

Essas estratégias tanto de produção, quanto de escoamento adotadas pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, têm impactos não apenas comerciais, mas também divulgam e promovem uma forma alternativa de fazer agricultura, em harmonia com a natureza, valorizando ciclos sazonais e respeitando as relações multiespécies presentes dentro das culturas na terra. A partir da relação com alimentos, os consumidores e apoiadores do grupo, podem valorizar e apoiar a agricultura familiar. Em conversas com Alice, sempre ouvia que formar alianças e conscientizar os consumidores são medidas importantes para buscar uma mudança na lógica do sistema agrícola do Brasil.

1.2 PAISAGENS E RELAÇÕES MULTIESPÉCIES NA PESQUISA DE CAMPO

No cerne das terras de São Pedro de Alcântara/SC, em meio a suas colinas e morros, entrelaçam-se histórias multiespécies dos agricultores familiares locais com as diversas formas de vida presentes naquelas paisagens. Em busca de uma compreensão mais profunda dessas histórias, traçamos o caminho da produção e escoamento de treze famílias e as espécies que os acompanham no desenvolvimento de um movimento agrário que se importa com o ambiente local e com o tempo de desenvolvimento natural de seus insumos. São Pedro de Alcântara/SC, abraçada pelas águas do rio Imaruí, é testemunha da luta diária de um grupo de agricultores que busca construir seu espaço de produção e sobrevivência através de um fazer agrícola que não acompanha o *status quo*, que não segue as técnicas nefastas do uso de agrotóxicos e pesticidas sem precedentes ou sem se importar com as consequências desse uso. Em meio a uma cidade com aproximadamente 80% de sua mata atlântica preservada⁶, o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, constrói diariamente seus fazeres na terra a partir de ciclos de vidas entrelaçadas, onde produz não apenas alimentos, mas também constroem socializações, parcerias, e identidades se desenvolvem em meio a relações que respeitam as interações multiespécies ao seu redor e constroem suas realidades juntos dos seres vivos. Através das *linhas* de Tim Ingold, encontramos o sentido do processo produtivo do alimento como um fio que une todos esses trabalhadores rurais com suas produções, os consumidores de São Pedro de Alcântara/SC e Florianópolis e os demais seres vivos não humanos que acompanham essa produção e a paisagem e ambiente local. Não se limitando apenas às ações humanas, a

6 Informações fornecidas pelos próprios moradores e agricultores locais.

produção se estende por entre as teias da vida, revelando-se como um ato que transforma e cria um mundo em constante movimento. Assim, os agricultores familiares de São Pedro de Alcântara/SC inserem-se nestas linhas e nesse fluxo da vida, onde a intencionalidade e a harmonia com o ambiente se encontram em paralelo.

O Grupo Agricultura Familiar de São Pedro, a partir da venda de suas cestas orgânicas, especialmente através do modelo criado por eles, chamado de CSA, ou Comunidade que Sustenta a Agricultura, oferece produtos que trazem consigo a essência sazonal da terra. Nessa forma de escoamento, os consumidores já não mais escolhem os produtos que vão querer, mas recebem de acordo com a época e a produção de cada sítio. Já na feira mensal, palco de encontros e trocas, os agricultores com suas produções e os consumidores se entrelaçam, onde a história de cada alimento é trazida e contada dentro das duas barracas que o grupo cuida dentro do espaço cedido pela prefeitura local. Esse elo entre produtores e consumidores está para além do ato comercial e se desdobra em uma teia de relações que se cria a partir do ponto em comum entre eles: a comida mais limpa, sem agrotóxicos e fertilizantes. E, entre os produtos vendidos, seja nas cestas ou na feira, reside uma harmonia que promove a conscientização, a valorização da produção local e a formação de alianças em prol de uma agricultura que abraça e respeita o tempo das coisas, o tempo da terra, e as interações multiespécies.

A partir das complexas relações de um grupo organizado de agricultores familiares, proponho me adentrar no debate contemporâneo sobre as relações multiespécies e a necessidade de superar as fronteiras entre as ciências naturais e humanas. Autores como Tim Ingold e Anna Tsing buscam uma nova abordagem narrativa, permitindo que a história seja contada a partir da perspectiva das interações entre seres humanos, outros seres vivos e o ambiente. A agricultura familiar, nessa abordagem, destaca-se como uma força resiliente que se adapta e resiste às pressões do sistema capitalista e do agronegócio, por mais que, por enquanto, tenha que se adaptar a esse sistema, ao mesmo tempo em que tece uma rede de relações comunitárias e de cunho sustentável.

Sem perder de vista a concentração de poder e riqueza de um mundo majoritariamente capitalista que desafia a construção de uma sociedade mais equitativa e que respeite os ambientes e paisagens, a agricultura familiar e a agricultura orgânica fazem sua parte na construção de um novo modelo produtivo, alinhado com princípios de respeito e interdependência multiespécie. A agricultura familiar e orgânica é um caminho promissor para a construção de uma narrativa transformadora. O grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara dá demonstrações claras disso quando adota práticas agrícolas mais

conscientes e respeitadas o grupo contribui localmente para uma produção mais harmônica entre as formas de vida presentes naquela paisagem.

Ao seguir as linhas do processo produtivo e de escoamento de um grupo de agricultores familiares, mergulhamos no encontro de vidas humanas e não humanas em que os conceitos de produção, comercialização, interação, habitação e relações multiespécies se cruzam dentro das paisagens de São Pedro de Alcântara/SC. Esse cenário ganha vida como uma paisagem animada, e o protagonismo compartilhado entre seres humanos, animais, plantas e outros organismos revela um padrão de relações e colaborações intensas. Ao longo da dissertação, a história se desenrola, revelando uma rede dinâmica na qual a produção agrícola não é uma mera função humana, mas sim uma “sinfonia” envolvendo todos os atores humanos e não humanos presentes nas mais diversas paisagens que comportam esse modelo produtivo. Os ensinamentos de Ingold demonstram que a produção não é exclusiva dos humanos, senão uma característica presente em animais e outras formas de vida. Em paralelo, as reflexões de Anna Tsing nos convidam a olhar para além das fronteiras humanas, a reconhecer as interações entrelaçadas que formam mundos inteiros, onde humanos, animais, plantas, fungos e outros organismos coexistem em harmonia e tensão.

Nessa dinâmica, esta pesquisa percorre uma jornada de significados múltiplos sobre relações no campo. Ela se infiltra nas interações multiespécies, nos ritmos sazonais e nas tramas de uma comunidade agrícola do interior catarinense. À medida que a Antropologia encara o desafio de pensar uma coexistência humana compartilhada com outras espécies, minha pesquisa a partir das práticas produtivas do Grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, busca trazer uma contribuição para encarar a vida de uma forma mais compartilhada ao invés de isolada. Esta pesquisa, se propõe a nos levar a um universo que vai além da produção e do escoamento, abraçando um sentido múltiplo para as relações entre seres vivos, as quais moldam e sustentam o mundo que compartilhamos.

Ao longo dos próximos capítulos, nos aprofundaremos em parte da jornada desses agricultores, explorando as histórias entrelaçadas de vidas, as interações com o ambiente local e as formas de vida não humanas que compartilham essa jornada. Analisaremos as práticas produtivas e de escoamento do grupo, e pensaremos como essas práticas contribuem para a construção de uma comunidade integrada de famílias de agricultores do interior de Santa Catarina. O fio condutor da discussão propõe voltar nosso olhar para a compreensão das contribuições teóricas de autores como Tim Ingold e Anna Tsing, enriquecendo nossa compreensão a respeito da relação entre seres humanos, outras espécies e o ambiente.

2 DESENVOLVIMENTO

Vimos mais cedo que Santa Catarina é um estado que já demonstrou suas preocupações com o trato da terra e dos alimentos. Seja pela lei favorável ao combate de agrotóxicos, seja pelo alto grau produtivo que representa nada menos que 50% do valor bruto da produção agropecuária (VBP) do estado, que vem da pequena produção e principalmente da agricultura familiar. Nesse contexto, o estado e sua capital, Florianópolis, destacam-se na vanguarda das leis de estímulo a esse modelo de agricultura e na batalha contra a utilização abusiva de agrotóxicos e pesticidas. Uma lei aprovada na Câmara Municipal, no dia 09 de outubro de 2020, tornou crime passível de multa a aplicação ou armazenamento de qualquer tipo de pesticida na Ilha de Santa Catarina. A lei 10.628/2019 é do vereador Marcos José de Abreu (PSOL), conhecido como Marquito, e estabeleceu a Ilha de Santa Catarina correspondente a 97% da área territorial do município como a primeira zona livre de agrotóxicos do Brasil. O Brasil, por sua posição de produtor agrícola na geopolítica mundial e sua vasta produção, tornou-se um dos maiores consumidores de agrotóxicos do mundo. No entanto, pouco se questionam os riscos à saúde pública e ao meio ambiente. Ao mesmo tempo em que se desenvolvem ações como a implementação da zona livre de agrotóxicos em Santa Catarina, é fundamental compreender como o processo do uso dessas substâncias se desenvolveu.

A grande ascensão do uso de pesticidas surgiu no país com a introdução do agronegócio. A ideia do *agribusiness* surgiu no final dos anos 50 nos Estados Unidos e é introduzida em seguida no Brasil. Na obra “Formação política do agronegócio”, Caio Pompéia (2021) demonstra que o termo foi criado para ajudar a construir uma nova perspectiva da relação entre agricultura e indústria, incluindo todos processos de trabalho, armazenamento, transporte, uso de máquinas e agrotóxicos para potencializar a produção. A lógica se fundamenta em uma crença na modernização tecnológica em prol dos ganhos na produtividade dentro do campo. Segundo o autor, esse modelo se baseia na valorização das grandes unidades produtivas e foi amparado no Brasil durante os governos militares, com amplo apoio às políticas de mecanização e industrialização do setor, beneficiando grandes produções monocultoras e investidores internacionais, além do forte discurso de marginalização em relação aos pequenos agricultores.

Em contrapartida, uma das alternativas ao grande modelo industrial de lidar com a terra e produzir alimentos é a agricultura familiar. Para Maria José Carneiro (1999), esse

modelo de fazer agricultura é baseado em uma unidade de produção, onde trabalho, família e terra são indivisíveis e agem de forma mútua. Para a autora, a estrutura familiar envolvida no processo não pode ser entendida como rígida e cristalizada, mas sim como uma estrutura flexível, que pode incorporar novos valores e criar novas perspectivas e práticas. Em suma, aceitar essa flexibilidade evita o risco de criarmos classificações fechadas, que não nos permitam entender a inserção das unidades familiares na economia e na sociedade de forma dinâmica. Além disso, para Giralda Seyferth (2011),

[...] A economia camponesa não pode ser vista apenas como resquício de um passado pré capitalista, conforme o postulado de pesquisadores que preferiram situar o verdadeiro camponês no sistema de servidão medieval. A multiplicidade dos dados empíricos mostra que ela se insere no sistema mundial de modo específico e a partir de suas próprias demandas. (SEYFERTH, 2011, p. 400).

Se olharmos para os dados recentes, conforme o último Censo Agropecuário do IBGE de 2017, existem mais de quatro milhões de estabelecimentos familiares em território nacional e a produção agrícola familiar representava 38% do PIB (Produto Interno Bruto) agropecuário do país, o equivalente a um montante de R\$ 54 bilhões de reais, além de produzir uma grande variedade de insumos, sendo 87% da mandioca nacional, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café 34% do arroz e 21% do trigo. No estado de Santa Catarina, segundo a Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural, atualmente a agricultura familiar corresponde a metade do faturamento agrário do estado, 50,7% do valor bruto da produção agropecuária vem desse setor.

Do número de propriedades rurais, a agricultura familiar está presente em 84,4% das terras cultivadas e o agronegócio abrange 15,6%. Porém, no que tange a extensão territorial, a agricultura familiar ocupa menos de 25% dessas terras, contra 75% para o agronegócio. Mesmo com uma vasta extensão territorial, o agronegócio produz um número limitado de variedades, visto que a agricultura empresarial é baseada na monocultura e padronizada na alienação do trabalho e da terra. O que nos remete à ideia de Marx (2013), uma vez que, nesse modelo, o produto final é estranho ao próprio trabalhador, que, conseqüentemente, sente-se estranho ao seu ambiente.

Anna Tsing, em *Mushrooms and the end of the world* (2015), associa essa alienação à capacidade artificial de ficar sozinho, como se os emaranhados de vida não importassem. Através da alienação, pessoas e coisas tornam-se ativos móveis, ou seja, eles podem ser removidos de seus ambientes comuns e serem trocados por outros ativos de outros ambientes.

Assim, a alienação evita o emaranhamento dos espaços de vida desses seres humanos e não humanos, modificando a paisagem, e valorizando apenas um ativo, visto que todo o resto se torna um “apêndice” totalmente descartável. Tsing entende os emaranhados como resultados de sucessivos movimentos, como histórias de cooperação entrecruzadas. Diferente do agronegócio, dentro da minha pesquisa de campo, pude observar esse emaranhado na cooperação dos trabalhadores entre si e com suas produções, e também na própria cooperação dos seres vivos não humanos entre si.

A produção familiar agrícola é um ótimo exemplo a ser apresentado de relações multiespécies, em que o trabalhador rural, através do seu ato de produzir, se joga em um emaranhado de relações, que tem função primordial para o desenvolvimento de sua produção, de seu ambiente e de si mesmo. Como afirma Anna Tsing (2015),

interespécies emaranhadas que antes pareciam matérias de fábulas, agora são materiais para a discussão séria entre biólogos e ecologistas, que mostram como a vida requer a interação de muitos tipos de seres. Os humanos não podem sobreviver pisando em todos os outros⁷. (TSING, 2015, p 16)

Segundo a autora, para entender a natureza, devemos evitar suposições de que o futuro é aquela direção singular à frente. Como o movimento de um rio seguindo suas margens, os futuros surgem e desaparecem: a visão de natureza oferecida pela autora emerge dentro de tal polifonia temporal. No entanto, as histórias de progresso nos cegaram. A visão de um mundo que caminha pra frente, em um futuro que o homem domina completamente os recursos naturais, e não um futuro em que ele faz parte do mundo onde extraímos esses recursos.

A teia da vida e das relações, tecida por uma infinidade de associações entre organismos e ecossistemas, contradiz a visão de que os seres humanos podem moldar os ambientes sem sofrer as consequências. A era do antropoceno nos provou que a própria sobrevivência humana está intrinsecamente ligada ao funcionamento dos sistemas naturais, aos ciclos ambientais, aos padrões climáticos e à diversidade biológica. O conceito iluminista do homem no controle absoluto sobre esses processos se provou prejudicial para os ambientes.

Ao fazermos o exercício de reconhecermos nossa posição como parte integrante de uma rede complexa de vida, podemos construir narrativas que busquem alternativas menos danosas para coexistir com o mundo natural. Essa visão não apenas nos convida a reimaginar nosso papel, mas também a pensar um futuro onde as diversas relações multiespécies sejam a

7 Tradução minha

base para uma coexistência menos destrutiva ao nosso planeta.

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA-SC

A fim de me aprofundar nos estudos sobre agricultura familiar, precisei me inserir diretamente nesse universo. Foi quando através de uma indicação conheci Alice.

Alice é a fundadora e organizadora do grupo Agricultura familiar de São Pedro de Alcântara, vive no sítio "Delícias da roça" com seus dois filhos pequenos, seu marido, seu sogro e a sogra que também compartilham da moradia. Ela tem cerca de 50 anos e trabalhou muitos anos como contadora em uma empresa no centro de Florianópolis, onde cuidava das questões financeiras, econômicas e patrimoniais da empresa. Devido a carga de trabalho e dias corridos, afundou-se em uma rotina frenética, trabalhando mais de 9 horas por dia e vivendo uma vida acelerada. Em nossas conversas, Alice comentou que nessa época se alimentava muito mal, com comidas de preparo rápido, fast foods, alimentos processados e ultraprocessados que acompanhavam seu estilo de vida corrido. Após anos trabalhando na mesma empresa, Alice reconheceu que essa forma de vida estava prejudicando sua saúde física e mental, foi quando segundo ela, decidiu mudar drasticamente. A chegada de seu primeiro filho foi um ponto de virada para buscar um novo rumo em busca de proporcionar à sua família uma vida baseada em uma rotina saudável. Alice deixou para trás sua carreira na empresa e se mudou para o interior de Santa Catarina, onde seus sogros possuíam um sítio. Chegando em São Pedro de Alcântara/SC, dedicou-se em ajudar na floricultura que já existia naquele espaço, e começou a cultivar alguns alimentos na terra. Segundo ela nesse momento sua vida começou a mudar. Após conhecer outros agricultores da região, Alice se aproveitou de suas habilidades em contabilidade para organizar e dar norte a um grupo de agricultores, que futuramente se chamaria Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara. A experiência prévia de Alice na contabilidade e gestão de uma grande empresa, trouxe grandes vantagens a partir uma abordagem técnica para a organização do grupo, estabelecendo uma base sólida para o início de suas práticas produtivas e comerciais.

Hoje o grupo conta com a participação de treze pequenos produtores e suas famílias que vivem em sítios e roças na cidade interiorana de São Pedro de Alcântara/SC. Existe uma variedade de mercadorias vendidas pelo grupo, que são produzidas dentro dos treze sítios envolvidos. São eles grãos, legumes, verduras, frutas, cogumelos, processados como queijo e

bebidas alcóolicas,⁸ até sabonetes e desodorantes naturais, os quais serão vendidos através de uma feira mensal e da venda de cestas orgânicas.

As formas de comercialização desses produtos acontecem em processos distintos: nas cestas, o comprador recebe em sua casa dentro de caixas os itens já separados e selecionados. Na feira, ao contrário, o próprio consumidor é quem seleciona o que deseja comprar, visualizando, manuseando, sentindo o cheiro do alimento. Por isso, a grande maioria dos compradores das cestas são de Florianópolis e não possuem vínculos ou laços pessoais com os produtores, já os frequentadores e consumidores das feiras são moradores da cidade de São Pedro de Alcântara, e geralmente conhecem ou são amigos dos agricultores locais.

A partir de algumas conversas de forma remota, recebi o convite para conhecer a feira livre da cidade de São Pedro de Alcântara/SC, que acontece em todo segundo sábado do mês. O convite claro envolveu uma negociação prévia, eu não podia chegar de “mãos abanando”, minha visita deveria ser de alguma forma vantajosa para ambos. Foi preciso oferecer algo antes da minha primeira viagem, e o que eu pude oferecer inicialmente foram registros em vídeos e fotos do trabalho executado pelo grupo Agricultura familiar de São Pedro de Alcântara. Comentei que poderia fazer registros em boa qualidade através de uma câmera Canon DSLR, o que gerou interesse imediato em Alice. Assim tivemos a ideia de também registrar a organização e montagem das cestas orgânicas, que acontecia toda toda sexta feira à noite na própria casa de Alice no sítio “Delícias da roça”, para serem enviadas para Florianópolis e São Pedro de Alcântara na manhã seguinte. Quando comecei os trabalhos de campo, as cestas eram vendidas semanalmente com a prévia escolha dos produtos feita pelo cliente, a partir de um formulário eletrônico da plataforma Google, o que se alterou durante minhas visitas a campo. Foram inseridas novas formas de compra e venda das cestas, como uma compra por assinatura mensal, baseado na sazonalidade dos produtos, além da possibilidade ainda da compra semanal. Essa discussão será melhor abordada no terceiro capítulo dessa dissertação, que discute de forma mais específica as estratégias de escoamento e venda da produção desse grupo de agricultores familiares organizados.

⁸ Alguns dos produtos tem o caráter da sazonalidade e imprevisibilidade. Por se tratar de uma agricultura ligada ao “tempo das coisas” e mais suscetível às mudanças e imprevistos ambientais, os clientes são previamente avisados da possibilidade da substituição de alguns dos itens das cestas.

2.2 PRODUÇÃO

A produção é o instrumento de sobrevivência e transformação de quem vive da agricultura familiar. Tim Ingold em sua obra *Estar vivo* (2015), apresenta-nos uma visão inovadora e ousada sobre a produção. Segundo ele, não é algo exclusivo do ser humano. Para explicar essa relação, o autor parte dos debates clássicos de Marx e Engels que defendiam a ideia de que o trabalho humano se difere do trabalho dos demais animais. Marx em “O capital” (2013) mostra como a produção “termina na criação de algo que quando o processo começou já existia em uma forma ideal”. Ainda, é o consumo que define os objetivos da produção. Porém o próprio Marx sugere que há mais elementos envolvidos na análise e as imagens não se transformam em objetos de uma hora para outra: o processo leva tempo, e como ele mesmo observa “a vontade intencional (do produtor) manifestando-se como a atenção, deve estar operacional durante todo o período de duração do trabalho”. Não apenas os materiais que utiliza são transformados, mas o próprio trabalhador é transformado através da experiência.

O Antropólogo Marshall Sahlins apresenta uma crítica antropológica ao pensamento “circular” entre o consumo e a produção. Para ele, “as finalidades da produção na verdade são pré-especificadas nas formas simbólicas da cultura.” (SAHLINS, 1976, p. 153 *apud* INGOLD, 2011, p. 28). Segundo o ponto de vista de Ingold, Sahlins está preso no mesmo círculo sem fim de Marx, porém invertendo os pólos, já que a necessidade cultural, ou de consumo, que resulta na produção. Tim Ingold recupera esse debate de forma radicalmente crítica, porque, segundo ele, as potencialidades latentes da ação e de percepção são desenvolvidas durante a produção, tornando o produtor uma pessoa diferente de quando o processo começou.

Então a essência da produção encontra-se na qualidade atencional da ação, na sua sintonização e responsividade à tarefa conforme se desdobra, e nos seus efeitos de desenvolvimento sobre o produtor, do que em quaisquer imagens ou representações de fins pré-estabelecidos. Processos produtivos não são uma simples transição de uma imagem mental pré concebida para o substrato da natureza, mas sim, o que deve ser levado em conta, é toda primazia do processo sobre o produto final e, portanto, a ação de produzir, pode ser estendida a todos os seres vivos. Tendo dispensado a representação mental prévia de um fim a ser alcançado como condição necessária para a produção, e focando a vontade

intencional, ou intencionalidade que é inerente à própria ação, na capacidade literalmente de produzir, extrair ou atualizar potencialidades na pessoa do produtor e no mundo, então já não há qualquer motivo para restringir as fileiras dos produtores apenas aos seres humanos. Produtores tanto humanos quanto não humanos, não só transformam o mundo, imprimindo seus projetos preconcebidos sobre o substrato material da natureza, quanto fazem a sua parte na transformação de si mesmo junto ao mundo. Crescendo no mundo, o mundo cresce neles e vice versa.

Cada vez que eu visitava um sítio diferente durante minhas viagens de campo, eu percebia o quão familiar a ideia de um mundo multiespécie é para alguns agricultores familiares, a partir da cumplicidade de vidas interligadas e do crescimento mútuo presente nas suas ações produtivas. Tive esse entendimento prático quando visitei o sítio Iगतú, gerenciado por um casal e seus filhos pequenos. O convite para essa visita surgiu de forma espontânea, em uma das feiras mensais que eu estava presente, já na minha quarta viagem de campo, onde os vínculos com os agricultores já estavam mais estreitos, cuidei de uma das barracas do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara junto com a agricultora Grazi. Essencialmente em todas as feiras que participei quem cuidava dessa barraca eram Alice e Grazi, mas neste mês em específico, Alice tinha um compromisso familiar e não pôde dedicar sua manhã de sábado para cuidar da barraca, por esse motivo quando a feira estava mais movimentada tive que ajudar a Grazi com as vendas. Desde receber o pagamento e contar o troco, anotar o que foi vendido e o valor da venda, até anunciar os preços, separar e colocar os produtos nas sacolas para o cliente levar. Em alguns momentos em que o movimento era mais baixo, tive a oportunidade de conversar melhor com a Grazi, e perguntar sobre o sistema de funcionamento e a produção dentro do seu sítio. Ela me explicou que cuidava de tudo com seu marido Arthur e seus dois filhos pequenos, e me contou um pouco do que eles estavam produzindo no momento, como tomate cereja, banana e manjeriçao. Em certo momento, Grazi me perguntou se eu poderia cuidar da barraca sozinho por um tempo, até ela almoçar em um restaurante próximo com seu marido e seus filhos que estavam indo para a feira. Quando voltaram, tive a oportunidade de conhecer Arthur e as crianças, e então me fizeram o convite para dormir na propriedade e pela manhã conhecer o sítio. Durante o resto da feira e no período da noite tive a oportunidade de interagir e conhecer melhor Arthur e os dois filhos do casal, fui servido de um jantar majoritariamente feito com produtos do próprio sítio enquanto ouvia e entendia melhor sobre a prática da permacultura. Segundo Arthur, a agricultura aplicada por ele, é aquela que quer “se reconectar com a natureza, como um ente ecológico dentro do ecossistema.”

Arthur além de produtor e permacultor, também é professor da UFSC, junto ao departamento de Educação do Campo, e faz parte do Núcleo de estudos em permacultura da UFSC (NEPerma/UFSC). Arthur é nascido no Rio Grande do Sul e lá iniciou seus estudos na área da permacultura. Fez sua pós graduação na Austrália, berço da permacultura, que foi inicialmente pensada e desenvolvida por Bill Mollison e David Holmgren nos anos 70. Grazi, por sua vez, possui formação em geografia e aplica seus conhecimentos e práticas no "Sítio Iगतú". Além de cuidar da barraca junto com Alice durante as feiras, ela desempenha várias funções administrativas do grupo e sempre é atuante na comunicação, união e desenvolvimento de suas práticas.

O casal também é acompanhado por seus dois filhos pequenos, que vivem na cidade e frequentam a escola municipal em São Pedro de Alcântara/SC. Os filhos demonstram um grande entusiasmo pelas práticas do sítio, participando do plantio, colheita e do aprendizado das técnicas de permacultura e agricultura familiar. Eles possuem grande conhecimento sobre compostagem, reaproveitamento de insumos e de práticas produtivas de plantio e colheita.

Ao amanhecer, fomos nós cinco andar pelo sítio todo. Conforme fui acompanhando a produção, consegui, aos poucos, perceber a relação forte que eles criaram com a terra e com a paisagem ao entorno. Devido aos estudos dentro da permacultura o sítio me foi apresentado por Zonas, assim como define as práticas da permacultura. Nesse modelo, quanto mais perto for a zona demarcada, mais tempo de trabalho ela exige. Saímos da Zona 0, que é onde está a casa ou a edificação principal e fomos para a Zona 1, que é onde se encontra a horta, ervas, plantas medicinais e a composteira, local no qual colocam os resíduos orgânicos para serem reaproveitados como adubo e fertilizante. Saímos da Zona 1, enquanto eu degustava um tomate cereja, e nos dirigimos a Zona 2, área com árvores que precisam de manejo, como árvores que necessitam de podas e frutíferas de pequeno porte. Nessa altura, Arthur me falava sobre a importância de perceber os “sintomas da natureza”, pois produzir dentro da lógica da permacultura “não deve ser um processo rápido, que se preocupa demais com o tempo do relógio”.

No âmbito dessas reflexões, Ingold (2001) aborda temas semelhantes ao desenvolver o conceito de 'Task-Orientation', no qual a percepção do tempo está intrinsecamente ligada à temporalidade das coisas, de modo que a experiência do tempo é intrínseca ao desempenho da atividade executada. Mas, com o capitalismo industrial, “...a pessoa é retirada do núcleo para as margens do processo de trabalho, e, portanto, também o tempo inerente a experiência pessoal e a vida social são desincorporados no momento do trabalho ou da produção.” (INGOLD, 2021, p. 34). É interessante observar a percepção do agricultor em relação ao

relógio, pois a lógica industrial da produção agrícola acaba com essa orientação para a tarefa, estabelecendo uma divisão cronometrada, onde a produção é confrontada com a experiência real do tempo das coisas, sendo contrária à corrente concreta de atividades práticas. Ou seja, a orientação para a tarefa, é centrada na pessoa que está produzindo, de modo que a experiência do tempo é intrínseca ao desempenho da atividade desenvolvida. Ainda segundo Tim Ingold, as tarefas não existem isoladamente, mas apenas como parte de uma matriz interligada, uma paisagem de tarefas.

O cenário de tarefas é qualitativo e heterogêneo. O cenário do trabalho é quantitativo e heterogêneo. E na redução de um ao outro, efetivada pela lógica das relações capitalistas, dissolve-se a sociedade do trabalho. Qual a medida comum pela qual diferentes tarefas podem ser consideradas como representando quantidades equivalentes de trabalho? A resposta, claro, é o tempo (INGOLD, 2000, p 205).

Entrando na Zona 3, Arthur e Grazi me falaram sobre a importância dos grandes ciclos da terra e de suas inúmeras espécies. Essa Zona contém os elementos que necessitam de poucos manejos, como cultivos anuais ou bianuais. Grazi nesse momento, enquanto subíamos dentro o sítio, me dizia que para produzir na terra é preciso ter uma leitura da paisagem, “interpretar a natureza para tirar o melhor proveito sustentável possível”. Essa interpretação, para eles, relaciona-se tanto com a paisagem, como com as sucessões climáticas, em que época do ano tem suas mudanças que devem ser acompanhadas dentro da produção. Chegamos neste momento na Zona 4, aqui já estava mais difícil caminhar, apesar de ter uma pequena passagem aberta pelo casal, aqui a mata era mais fechada e densa, essa área é comumente usada para extração de madeira, alguns frutos ou sementes de árvores preservadas e nativas. Por fim, passando pela Zona 5, área de completa floresta preservada, quase como em uma conclusão, Arthur explica como seu método é uma “forma de compreensão e planejamento de espaços geográficos sustentáveis de forma sistêmica”. Segundo o agricultor do sítio Iगतú, é preciso ter uma leitura da paisagem, onde “ábacos cartesianos nunca dão certo”. Segundo ele, a permacultura “empresta a compreensão de mundo dos povos originários”, ou seja, vivem de forma a se sustentar e sustentar o próprio ambiente em que estão inseridos.

Aqui observamos uma relação interessante, onde o agricultor e professor Arthur, dentro de sua produção, usa seus estudos e seu conhecimento sobre permacultura, ou seja, respeita os ciclos da paisagem, aproveita seus recursos de forma sustentável, considerando o ecossistema como um todo e buscando criar um sistema de produção agrícola autossuficiente. No entanto, cada agricultor e produtor tem sua realidade específica e uma relação única com a

terra em que trabalha. A paisagem pode ter características diferentes, como a presença de diferentes tipos de solo e organismos, clima e vegetação, além de fatores sociais como o acesso à terra e aos investimentos agrários. Por isso, Arthur deixou claro a ideia de que "ábacos cartesianos não funcionam", o agricultor precisa estar atento às particularidades de sua propriedade e adaptar os métodos, sejam da permacultura, da agroecologia, ou da "pequena agricultura" às suas necessidades e recursos disponíveis. Isso pode incluir a escolha de verduras, frutas ou animais que mais se adaptam ao clima e paisagem local, o uso de técnicas específicas de manipulação do solo, a implementação de sistemas de irrigação dependendo da fonte de água específica, o aproveitamento dos dejetos entre outras ações pontuais. Além disso, ficou claro pra mim, nessa visita, como não existe uma "receita" pronta na agricultura familiar, uma vez que ela é uma abordagem flexível que permite a adaptação a diferentes realidades materiais e sociais. Segundo Arthur, o agricultor antes de tudo deve estar aberto a experimentar, aprender com os eventuais erros e buscar soluções possíveis para os desafios que surgirem ao longo do caminho aberto pelas práticas agrícolas. Em resumo, Artur me explicou durante essa visita que a relação do agricultor com a terra e com as diversas vidas humanas e não humanas é um elemento fundamental na implementação da agricultura em pequena escala e que precisa das relações multiespécies. No caso observado de Arthur e Grazi, o conhecimento sobre permacultura, forneceu um conjunto de técnicas que podem ser adaptados às particularidades do sítio Iगतú, mas é a relação próxima e atenta que os agricultores têm com a terra que permite que sua produção floresça e produza resultados consistentes, também a partir do imprevisível e do adaptável. Encontros imprevisíveis nos transformam; muitas vezes não estamos no controle nem mesmo de nós mesmos e estamos imersos em assembléias mutáveis que nos reconfiguram tanto quanto aos nossos outros. Enquanto a produção e o sítio Iगतú se transformam e se jogam no mundo, Arthur e Grazi os acompanham.

O pensamento apresentado por eles durante o passeio no sítio, remeteu-me a concepção de *habitar* discutido por Ingold, quando o autor faz a diferenciação entre "construir" e "habitar". Segundo o autor:

Construir é transitivo como diria Marx: O arquiteto já tem em mente um projeto antes de sua construção. Habitar por sua vez é intransitivo: concerne na maneira como os habitantes isolados e em conjunto, produzem as suas próprias vidas e como a vida prossegue. (INGOLD, 2011, p. 34).

Habitar não é ocupação de paisagens e ambientes já construídos. "Significa antes essa

imersão dos seres nas correntes do mundo da vida, sem qual atividades como concepção, construção e ocupação simplesmente não poderiam acontecer.” (INGOLD, 2011, p. 34). Ou seja, para Ingold, habitar é uma forma de estar no mundo que envolve uma relação direta entre as pessoas e o meio ambiente em que vivem. Para ele, a vida humana não é uma atividade isolada, é apenas uma parte integrante de um ambiente dinâmico e em constante mudança, juntos dos seres atuantes, sejam eles humanos ou não humanos.

A lógica da permacultura se encaixa perfeitamente à produção desejada no sítio segundo os agricultores residentes. Apesar do grande espaço físico, no sítio Igatu a produção pode ser considerada pequena, pois grande parte é para consumo próprio da família, e uma pequena parte ou o que sobra é destinado a venda ou transformados em processados, como pestos e molhos. Por isso, quando questionado sobre o quanto trabalho ele tem naquela terra, a resposta foi interessante: “No começo dava muito trabalho, precisávamos organizar o caos. Mas depois o próprio ambiente começa a se autossustentar, pois nós e os insumos estamos conectados. Eu trabalho aqui só dois dias na semana e a Grazi mais dois dias”. Essa organização do “caos” me foi explicada, quando o terreno foi comprado, apesar de ser muito grande, o preço estava acessível, pois grande parte dele é composto por morros e ainda estava praticamente em mata nativa, foi preciso entender a paisagem primeiro. Como afirma Anna Tsing, encontramos cercado por irregularidades, “isto é, um mosaico de montagens abertas de modos de vida emaranhados, cada um se abrindo em um mosaico de ritmos temporais e arcos espaciais.” (TSING, 2011, p. 4)

Assim como observei durante minhas visitas aos sítios em São Pedro de Alcântara/SC, modos de ser são consequências de interações multiespécies, na qual humanos e não humanos trazem suas histórias, para enfrentar a imprevisibilidade do encontro das vidas. Essas histórias, humanas e não humanas, não são predeterminadas ou previsíveis como na visão ocidental de progresso, mas sim compreendidas no aqui e no agora. Enquanto a compreensão ocidental exige pressupostos de progresso, o que se perde é a heterogeneidade do espaço e do tempo. No entanto, para Anna Tsing, “as teorias da heterogeneidade estão em sua infância (...) Para apreciar a imprevisibilidade irregular associada à nossa condição atual, precisamos reabrir nossa imaginação.” (TSING, 2011, p. 03)

Às imprevisibilidades do aqui e do agora, dentro da antropologia dialética proposta, devem levar em conta toda coerção e imposição de um mundo capitalista, onde esses encontros imprevisíveis muitas vezes são tendenciosos e favorecem grupos específicos dentro da divisão social e natural que se construiu em nossa história. Anna Tsing nos mostra como é possível estudar o capitalismo sem essa suposição artificial do progresso, "combinando

atenção especial ao mundo, em toda a sua precariedade, com perguntas sobre como a riqueza é acumulada. Como o capitalismo pode parecer sem pressupor o progresso?”⁹ (Tsing, 2015, p.10). Ele parece irregular. A dominação sobre outros é possível pois os valores produzidos dentro das imprevisibilidades são apropriados pelo capital. Segundo a autora, a história ocidental, molda-se sobre a concentração de riquezas a partir da transformação de humanos e não humanos em recursos para investimento. Dentro das imprevisibilidades, observamos que as ruínas dessas transformações também geram novas relações multiespécies e a vida multicultural.

Dada a eficácia da devastação estatal e capitalista de paisagens naturais, podemos perguntar por que algo fora de seus planos está vivo hoje. Essas consultas aparentemente triviais podem mudar tudo para colocar encontros imprevisíveis no centro das coisas. (TSING, 2015, p.23)¹⁰.

Essa dinâmica multiespécie pode ser observada na cooperação que se desenvolve entre o pequeno trabalhador rural com seu plantio, a partir das técnicas de aragem, adubagem e colheita dentro da paisagem rural. Os recursos utilizados muitas vezes vêm da própria produção, como no uso de esterco dos animais do sítio, ou de compostagem feita dos “restos” que não estão aptos à venda ou consumo. No sítio Iगतú, além do esterco das galinhas, os próprios dejetos humanos são reaproveitados, a partir de uma técnica apresentada por Arthur, chamada de EcoFossa.

Na EcoFossa os dejetos humanos são transformados em nutrientes para plantas que retiram a água do sistema através do processo de evapotranspiração, devolvendo essa água, antes misturada aos dejetos, totalmente limpa para o meio ambiente. Trata-se de um espaço retangular impermeabilizado e preenchido com diferentes camadas de substrato. O vaso sanitário que se encontra dentro da casa, chamada pelos permacultores de Zona 0, possui um sistema de encanamento que leva esses dejetos até a camada mais profunda dos substratos.

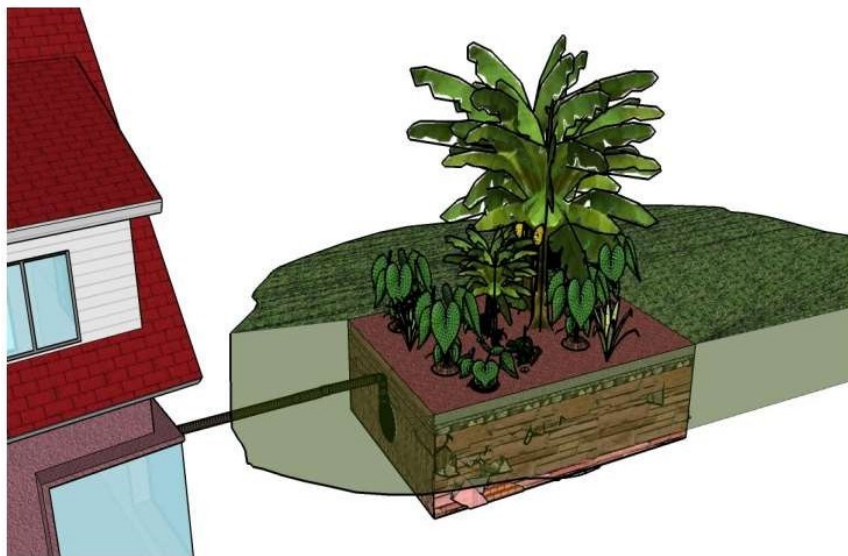
Arthur me explicou que essa camada continha pedras maiores e mais porosas, além de pneus de carros velhos. A segunda camada é composta por pedras usadas na construção civil, como britas, por sua vez cobertas pela terceira camada com areia. Por fim a primeira camada, com terra fértil da propriedade. Esse sistema é bastante vantajoso para espécies vegetais de crescimento rápido e que necessitem de muita água. No caso observado eram utilizadas bananeiras. Grazi me explicou que esse método evita a poluição do solo e do lençol freático, e não gera nenhum efluente, que são os resíduos produzidos por um sistema de esgoto comum. Vale dizer que apenas o vaso sanitário é conectado à Ecofossa. O encanamento de pia,

9 Tradução minha

10 Tradução minha

chuveiro e máquina de lavar não são compatíveis, pois estão misturadas a sabonetes, detergentes e outros produtos químicos.

Figura 2: Uma EcoFossa.



Fonte: Imagem da cartilha sobre fossa ecológica do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Permacultura-NEAP-DEG/UFLA

O conhecimento da cooperação multiespécie no plantio e colheita também é visto com frequência nas técnicas de cultivo transmitidas entre os grupos e famílias. Determinados vegetais, legumes ou frutas são semeados próximos a outros, pois contribuem de alguma forma para o desenvolvimento de ambos, seja uma proteção “mecânica”, para fora do solo, enquanto uma protege a outra da luz do sol ou do vento, seja em uma interação bioquímica, em que os nutrientes são compartilhados e não favorecem determinada espécie em detrimento de outra. Um exemplo é o plantio da ervilha, o pepino e a batata, interagem muito bem com espécies mais altas como o milho. Já o tomate por sua vez cria uma ótima parceria com a cebola, a cenoura e o repolho (Cartilha da EMBRAPA, 2004).

No sítio em questão, pude observar a prática do/plantio de banana e palmito juçara um ao lado do outro, nessa prática a bananeira protege o palmito do sol enquanto ele é uma planta em desenvolvimento, que posteriormente também protege a bananeira ao crescer mais do que

ela. Em outro sítio visitado, um dos trabalhadores envolvidos com o grupo “Agricultura familiar de São Pedro”, me explicou sobre o plantio colaborativo entre o milho e o brócolis, onde o milho sendo uma planta mais alta, protege o brócolis que é sensível ao calor e a luz do sol.

Figura 3: Bananeira e mudas de palmito Juçara no sítio Iगतú



Fonte: Foto minha

Estamos cercados por muitos projetos interativos de construção do mundo, sejam eles humanos ou não. Projetos de construção de mundo emergem de atividades práticas de construção de vidas, já que no processo eles alteram o mundo.

Nessa ótica proposta por pesquisas de campo, a arte de notar estava sempre intrínseca à curiosidade e às conversas que tive. Segundo Tsing, as artes de notar, como perceber pequenas alterações nas paisagens, ver e escutar diariamente as coisas e sentir as mudanças do ambiente, são consideradas arcaicas porque são incapazes de “escalar” as coisas. “A capacidade de fazer com que a estrutura de pesquisa se aplique a escalas maiores, sem alterar as questões de pesquisa, tornou-se uma marca registrada do conhecimento moderno.” (Tsing, 2015, p. 41). Para pensar na agricultura familiar da forma proposta, devemos deixar de lado essa lógica e assumir que o “não-escalável” também pode ser conhecimento. A

observação participante realiza-se nessa dinâmica, e observar é estar no que acontece ao redor: é ver, ouvir, cheirar e sentir. Participar significa mergulhar no fluxo dessa corrente de atividades através da qual a vida transcorre.

A herança do pensamento dualista, insinua que observação e participação estejam em contradição. Essa ideia está ancorada nos protocolos da “ciência normal” em que precisamos estar desligados do mundo para conhecê-lo. Dentro das práticas de campo, a partir de uma visão multiespécie do mundo, procurei rejeitar essa partilha entre conhecer e ser, para construir um conhecimento que emerge a partir das encruzilhadas de vidas vividas junto dos outros. Esse conhecimento consiste não em proposições sobre o mundo, mas em habilidades de percepção e capacidade de observação que se desenvolvem no decorrer do engajamento direto, prático, e atento com o que está a nossa volta. O mesmo engajamento que o agricultor Arthur do sítio Igatu insistiu em ser primordial para uma produção sustentável, sazonal e com o mínimo uso de pesticidas possível. O agricultor em questão chamou isso de “mímica da natureza”, imitando os movimentos naturais e contínuos para produzir “com ela”, e não produzir “nela”.

Em outra prática de campo, dentro do sítio “Badalotti”, onde os agricultores já eram aposentados de outras funções, a produção se dava no dia a dia, no momento em que as coisas precisavam da devida atenção. Tanto por fazer parte da lógica de uma agricultura familiar, ficou claro que a divisão capitalista entre “lazer” e “trabalho” não acontecia de uma forma tão marcada. Ivete e Cleonir, além de serem aposentados, e disporem de mais tempo para dedicar ao trabalho agrícola, o casal que cuidava do sítio não olhava sua produção como um trabalho mecânico e obrigatório. Essa lógica ficou clara na fala de Cleomir: “Aqui também é nosso passatempo, as vezes a gente nem vê o tempo passar, quando pisca já tá na hora do almoço”. Ouvi essa frase logo pela manhã, quando estávamos indo colher morangos frescos.

Figura 4: Couve e cebolinha, sítio “Badalotti”



Fonte: Foto minha.

A separação entre os domínios de “trabalho” e “vida social” é uma implicação da lógica da produção capitalista. Assim como explica Marx, a base do capitalismo é a alienação da força de trabalho, ou seja, a necessidade de uma certa classe de pessoas, sem acesso direto aos meios de produção, vender sua própria força de trabalho para um empregador capitalista, que possui os meios de produção, em troca de um valor específico com o qual eles podem comprar os meios para sua subsistência. Nesse sistema, a força de trabalho torna-se uma mercadoria que pode ser comprada e vendida, e o trabalhador está separado de sua produção, uma vez que, em sua atividade, sua capacidade de trabalho está sob o comando não dele mesmo, mas de um capitalista. Em uma das conversas com Alice durante as montagens das cestas, ouvi que “estamos criando um sistema dentro do sistema”. Embora a agricultura familiar não esteja totalmente dissociada da lógica capitalista, como discutirei mais aprofundadamente no capítulo final, é evidente como um processo produtivo que não busque apenas o lucro, representa uma alternativa intrínseca ao sistema predominante. Alice apontou para algo que foi fundamental na minha percepção dentro da pesquisa: a intersecção entre as práticas da agricultura familiar e a economia capitalista. A observação dela ecoa a ideia de que, dentro da estrutura do sistema econômico dominante, a agricultura familiar representa uma espécie de microcosmo. Esse "sistema dentro do sistema" é moldado por princípios distintos, onde as preocupações vão além da lógica da acumulação.

Através das conversas que tive com os membros do grupo, pude entender um pouco sobre como eles próprios enxergam sua gama de ações enquanto agricultores familiares. Praticamente todos agricultores com os quais conversei mais profundamente citavam que a forma que eles fazem a agricultura em diversos momentos se opõe ao modelo padrão produtivo inserido nas práticas econômicas dominantes, e que eles se enxergavam dentro de um fluxo produtivo mais harmônico com a terra e as espécies presentes na produção. Influenciados por Alice e pela construção conjunta desenvolvida nas reuniões do grupo, todos os agricultores evidenciaram que suas ações são motivadas por uma série de preocupações "ambientais" e sociais. Essas preocupações não são apenas um elemento periférico, mas sim uma parte central de sua abordagem agrícola. A visão coletiva do grupo incorpora uma consciência ampliada sobre os impactos ambientais de suas práticas. Essa abordagem não é apenas uma resposta à pressão ambiental contemporânea, mas reflete práticas materiais a partir de um entendimento cultivado de forma colaborativa. Em suas ações, percebe-se não apenas uma busca por uma produção mais harmônica, mas também um auto-entendimento desenvolvido e enraizado nas discussões e trocas do grupo.

2.3 FAMILIARIDADE COM A TERRA DENTRO DO PROCESSO PRODUTIVO.

Durante a prática de campo, tanto o trabalho quanto o lar podem representar uma perspectiva sobre o mundo, que Tim Ingold chama de *habitar*. “Seu foco está no processo pelo qual características do ambiente assumem significados locais específicos por meio de sua incorporação no padrão de atividade cotidiana de seus habitantes. O lar nesse sentido é aquela zona de familiaridade que as pessoas conhecem intimamente e na qual elas também são intimamente conhecidas.” (Ingold, 2000)

Um dos objetivos do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara é promover uma dinâmica de conexão e familiaridade com a terra e a paisagem local, tanto para os agricultores quanto para os consumidores de seus produtos. Pensando nisso, Alice em conjunto com outros agricultores do grupo, organizaram uma série de encontros, entre os produtores e os consumidores das cestas e da feira, com o intuito de aproximar esse comprador, muitas vezes residente de Florianópolis, com o processo de produção e distribuição dos produtos agrícolas do grupo. O encontro é gratuito, e o convite é feito para todos compradores das cestas, principalmente os apoiadores do modelo que eles chamaram de

“CSA”, ou seja, “comunidade que sustenta a agricultura local”. A ideia é realizar encontros mensais ou bimensais nos diferentes sítios produtores do grupo, e, em cada encontro, será possível acompanhar essa produção de perto, ver com os próprios olhos, tocar, colher, comer direto do pé, e até cozinhar com os produtos dentro do encontro.

Enquanto nos dirigimos ao primeiro “Café de acolhimento do CSA”, realizado no sítio “Terra Nova” e cuja produção de ovos destina-se majoritariamente para as cestas e a feira, Alice me explicou que “A ideia também é mostrar a distância e a dificuldade do transporte dos nossos produtos, incluindo o percurso que ele faz”. O encontro teve seu início na casa de Alice, ponto de fácil localização dentro da cidade, onde todos os participantes do café se encontraram para irem juntos até o destino final, o “Sítio Terra Nova” que é produtor de ovos do grupo além de vegetais e leguminosas. Realmente o caminho era longo, o sítio visitado nesse primeiro encontro era nos limites da cidade de São Pedro de Alcântara/SC, foram cerca de 20 minutos de carro, seguindo por uma estrada estreita de terra morro acima.

Após chegarmos ao nosso destino, nos reunimos em um salão no sítio “Terra Nova” onde Alice nos forneceu uma visão geral dos encontros, especialmente porque esse era o primeiro deles.

A ideia aqui é mostrar pra vocês não só a parte bonita da agricultura, mas também os desafios que a gente encontra ao produzir de forma mais consciente e sustentável [...]. Vocês vão ver que nem sempre é fácil, que existem obstáculos e incerteza, mas a recompensa é grande quando a gente colhe os frutos do nosso esforço.

Nessa fala, Alice quis passar a ideia de que a agricultura familiar envolve não apenas os aspectos visíveis e positivos aos consumidores, mas também existem os desafios e dificuldades que fazem parte desse processo. Ela destaca que a escolha de produzir de maneira mais consciente requer enfrentar obstáculos, lidar com momentos de incertezas, superar adversidades e se transformar a partir dessas dificuldades e embates.

O sítio “Terra Nova” é administrado principalmente por Renata e uma parceria agrícola que compartilha com o agricultor Sérgio. Seu comprometimento com a agricultura familiar e a sustentabilidade se fez notável durante sua apresentação. Uma das realizações recentes de Renata e Sérgio é a colaboração com a Cooperativa da Agricultura Orgânica e Familiar Recanto da Natureza (COOPAFREN). Através dessa parceria, eles conquistaram uma licitação que permite o fornecimento de alimentos provenientes da agricultura familiar para as escolas da região. Essa ação não apenas fortalece a agricultura familiar local, mas também promove uma alimentação mais saudável entre as crianças, cultivando hábitos

saudáveis desde cedo.

Após uma breve apresentação do sítio, nos dirigimos para o galinheiro. Renata, nos apresentou o sistema de criação, que se divide em 4 piquetes, que são o espaço pré-definido e limitado para que as galinhas se alimentem. Ela nos explicou que apenas 2 piquetes são usados por vez, acontecendo um rodízio de dois em dois piquetes para que nunca falte comida a ser ciscada. A rotação varia de 1 a 2 meses dependendo do consumo e da época do ano. Perguntei para Renata se havia alguma lógica na localização dos espaços, e ela me respondeu que “Sim, no verão deixamos as galinhas naqueles dois espaços ali, onde são as áreas mais sombreadas, e no inverno priorizamos os piquetes que pegam mais sol, senão nessa época de frio as galinhas nem saem do galinheiro”. Renata me explicou que elas comem o capim dentro dos piquetes e também uma quantidade racionada de ração dentro do galinheiro. Enquanto voltávamos para o galpão inicial do encontro, Renata fez uma fala sobre a importância de ter um cuidado com as galinhas, pois segundo ela “Tem muito da criação da galinha no gosto do ovo”. Ou seja, para Renata, o processo de criação da galinha desempenha um papel fundamental na qualidade e no resultado final dos ovos. Segundo ela, “A criação da galinha não é só os cuidados físicos, também tem a ver com o espaço, a segurança delas, e até o bom convívio com outras galinhas e também outros animais aqui do sítio”. Para Renata, a criação das galinhas não é apenas uma questão de fornecer alimento e água, mas também de garantir um ambiente que promova seu bem-estar e segurança.

Antes de chegarmos de volta no salão em que estava acontecendo o encontro, uma situação me chamou atenção: uma galinha estava fora do galinheiro, passeando perto da casa e do salão para onde estávamos nos dirigindo, ví que a galinha tinha um dos olhos maiores do que o outro, como uma deformidade. Ao ser questionada sobre essa galinha, Renata me contou que logo quando chegam os pintinhos é feita uma vistoria a olho nu procurando alguma deformidade ou doença aparente. “Reparei que tinha um pintinho que tinha um dos olhos maior do que o outro, e com medo de ser alguma doença transmissível tirei ele de perto das outras e trouxe aqui pra casa”. Quando já crescida, concluiu-se que a galinha era saudável, porém tinha essa deformidade em um dos olhos. Como já estava acostumada com aquela área mais próxima a casa, a galinha não saiu mais das proximidades do convívio das pessoas, foi apelidada de “Zoiuda”, e começou a fazer parte da família, como um bicho de estimação. A história narrada da galinha Zoiuda é um exemplo do que Donna Haraway (2021) chama de "espécies companheiras". Haraway argumenta que nossa compreensão tradicional de natureza e cultura como dois mundos separados não é adequada para entender as complexas relações entre humanos e animais. Em vez disso, Haraway propõe que os

humanos devem aprender a viver em relação de companheirismo com outras espécies.

No caso de “Zoiuda”, a galinha foi retirada de sua posição de produtora de ovos e tornou-se uma companheira valorizada por Renata e os demais moradores do sítio. A história de Zoiuda para Donna Haraway é um exemplo de como devemos reconhecer a individualidade e capacidade dos seres vivos não-humanos de formar vínculos com humanos e demais seres vivos. Haraway argumenta que precisamos de uma abordagem mais aberta e inclusiva para entender as relações mais que humanas, e que isso pode levar a um mundo mais equitativo para todas as espécies, sejam elas humanas ou não-humanas. Haraway argumenta que as relações entre humanos e animais devem ser reavaliadas a partir de uma perspectiva que rejeita a noção de que os humanos são superiores aos outros seres vivos. Ao invés disso, ela propõe que devemos buscar formas de coexistência e colaboração com outras espécies. Anna Tsing por sua vez, destaca a importância de olhar para as formas de vida que surgem nas margens, para entender melhor como as espécies e os seres humanos podem se adaptar e sobreviver em um mundo em destroços. Destroços causados pelo capitalismo e sua predação em nome de um “progresso” que passa por cima de todas outras espécies vivas.

Fica claro nessa situação como a relação entre as diversas espécies, seja humana, vegetal e animal estão em uma simbiose multiespécie, e para entender isso, foi preciso a observação dos afazeres dos diferentes seres daquele ambiente. Não só a ação humana constrói mundos. Muito pelo contrário, ele precisa justamente da ação interativa dentro de uma paisagem específica para dar seguimento ao fluxo da vida. Assim como afirma Patrícia Postalli (2008)

[...] Gostaria de deixar explícito, desde então, que as práticas agrícolas não podem ser pensadas aqui como feitura envolvendo apenas um agente, seja ele humano ou não humano. As práticas envolvem agenciamentos múltiplos, sem precisão de escalas. Logo, a pesquisa tem um suporte de saída, mas não possui, em si, um fim delimitado (POSTALLI, 2008, p. 126).

Claro que assim como Arthur do sítio “Igatú” e Renata do sítio “Terra Nova” deixaram claro em suas experiências, o conhecimento prévio e o estudo fizeram parte da construção e desenvolvimento de seus sítios e de suas produções, mas para aquele conhecimento prático, os modelos são como uma antecipação, uma gama de possibilidades, que ao mesmo tempo incluem diversos outros fazeres e práticas possíveis. Ou seja, os mais diversos ritmos das diferentes espécies, não só modificam a paisagem, como também se refazem diariamente, junto ao fluxo da vida, onde ambientes estão em crescimento e

desenvolvimento mútuo com os organismos.

Quando retornamos ao salão onde nos reunimos inicialmente, Alice tomou a iniciativa de puxar uma roda de conversa, abordando um tema bastante semelhante ao que estamos discutindo no percorrer da dissertação. Segundo ela, algo muito importante acontecia ali: “A criação de vínculos que vão além de vendedor consumidor.” Segundo ela, ao mostrar para as pessoas o funcionamento dos sítios, vivenciado o que os agricultores vivem, é possível mostrar um “outro lado” da produção agrícola, o lado da pequena agricultura. “Desse lado a gente respeita e está junto de todas as espécies, não fazemos aquela agricultura que destrói e passa por cima das vidas”. Alice seguiu com uma série de questionamentos interessantes, como: “Vocês estão aqui por terem interesse em mudar a vida, não só a sua, mas todas as vidas envolvidas na nossa produção?”. E “porque consumimos isso? Como mudar a perspectiva alimentar pode atingir tantas áreas da vida?”. Segundo ela, esses questionamentos incentivam produtores e consumidores a andarem juntos, em um “ritmo compartilhado”. Percebi na fala da Alice como ela prioriza os ritmos não só humanos, mas os ritmos não humanos também, todos suscetíveis de construção compartilhada.

De acordo com o antropólogo francês Leroi-Gourhan (1980), os ritmos não são naturais e prontos. Vamos construindo relações com o tempo a partir do ritmo, como, por exemplo, a transição do dia para noite ou mudança do claro para escuro. Leroi-Gourhan argumenta que o ritmo é uma forma de organizar a vida humana em relação ao meio ambiente. Ele observava que os seres humanos têm uma capacidade única de se adaptar a diferentes condições ambientais e temporais, e que a produção, de qualquer tipo que seja, só é possível graças à organização ritmada de sua vida social e cultural, ou seja, “O ritmo é, portanto, uma função vital de produção. É um fator indispensável na gênese do objeto e, inversamente, o objeto é o seu resultado” (Leroi-Gouhan, 1993, p. 34)³. O ritmo é uma função vital do trabalho na terra, e está relacionado à importância do tempo e do movimento na produção e na realização de atividades humanas. Na produção agrícola, o ritmo é fundamental na medida em que influencia a forma como o trabalho é pensado, organizado e executado.

Esses ritmos podem ser também coletivos, formando assembléias. Como nos mostra Anna Tsing (2000), “[A]ssembleias significam justamente aqueles que encontramos reunidos: por exemplo, as plantas que crescem em torno umas das outras em uma paisagem particular.”⁴ (Tsing, 2011, p. 63) ou seja, para a autora, a assembleia é uma ferramenta para explorar a

3 Tradução minha

4 Tradução minha

dinâmica constitutiva das paisagens. “As assembleias são coordenações de variadas maneiras de ser — humano e não humano, vivo e não vivo.” Como em uma cooperação, uma paisagem pode existir em qualquer escala, mas sempre envolve uma diversidade de fragmentos. O encontro entre o sítio “Igatú” de Arthur com a mata preservada é uma paisagem, mas também é uma paisagem o galinheiro do sítio “Terra Nova”, onde animais e plantas criam micro-ecologias. Pensar dentro da categoria das assembléias e paisagens, possibilita uma análise de uma multiplicidade entrelaçada. Cada Paisagem está inserida dentro dos contornos geográficos e históricos que lhe conferem uma composição e caráter particulares. Essa é a sua força como ferramenta de construção de mundos, e é a possibilidade analítica que queremos explorar. Alice prossegue com suas palavras, enfatizando a importância de "desacelerar". A partir de suas colocações, fica claro que a concepção por trás do modelo CSA não só pensa em questões alimentares. Na verdade, o que está sendo debatido aqui é a problemática das amplas transformações das relações entre os seres vivos, e dos ambientes e paisagens dentro de um contexto capitalista a respeito da qual a pequena agricultura apresenta eloquentes possibilidades de fuga e diferentes formas do fazer agrícolas.

Logo após Alice fazer a apresentação do grupo, a palavra foi aberta para os demais participantes do encontro. Havia cerca de doze pessoas presentes nesse primeiro encontro, sendo moradores de Florianópolis e de São Pedro de Alcântara/SC. Alguns membros do grupo também participaram dessa primeira reunião do CSA e das discussões. Eram na maioria pessoas com idade entre 40 e 50 anos e alguns jovens, sendo uma criança que estava junto com o casal que mora na capital, e um adolescente que estava junto com sua mãe, estes deixaram claro em suas falas que eram vegetarianos e que a alimentação para eles era fator primordial em seu dia a dia.

Quis me apresentar de antemão, pois algumas pessoas ali ainda não me conheciam, e estavam achando curioso uma pessoa desconhecida com um caderno e uma máquina fotográfica dentro do encontro. Expliquei logo que sou estudante de antropologia da UFSC e estava fazendo minha pesquisa de mestrado com o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara. Nesse momento, enquanto me apresentava, percebi que eu também era um agente transformador naquele ambiente, tanto eu enquanto cientista, quanto os agricultores, além dos não humanos inseridos naquelas relações multiespécies, são seres construtores de conhecimento, seres capazes de realizar trocas e transformar o fluxo em que a vida transcorre. Percebi durante minha fala que eu estava aberto a me conectar com os diferentes fazeres, tanto humanos, quanto não humanos dentro daquela paisagem, e que, além de pesquisador, eu também estava fazendo um papel de agente transformador para todos ali presentes: grupo de

agricultores, os consumidores e aquelas espécies sobre as quais estávamos tratando sobre.

Seguindo com as apresentações, alguns compradores presentes além de falarem sobre si, comentaram sobre os motivos pelos quais começaram procurar alimento orgânico, caipira ou provindo de pequena produção familiar. Dentro dos relatos o mais comum era a busca por uma “comida mais limpa”, ou com “menos produtos químicos”, e até mesmo a busca por saber de onde o alimento consumido diariamente vinha, e “essa experiência dos encontros me atraiu justamente por isso, deu a possibilidade de eu ver com os próprios olhos da onde vem o alimento que eu coloco na mesa para meu filho”, disse um dos consumidores, que estava com sua esposa e seu filho pequeno. Esse mesmo consumidor disse que era um “rato de feira”, e assim descobriu o grupo Agricultura familiar de São Pedro de Alcântara. Seguindo com as apresentações, Mônica, que não é agricultora, mas faz parte do grupo se apresentou, segundo ela, após comprar do grupo e receber em casa a cesta, teve vontade de ajudar de alguma forma na produção ou venda dos insumos e “Hoje em dia eu ajudo nas entregas, venho com meu carro pra São Pedro e levo cestas pra ilha toda semana (...) Me sinto parte do grupo e tenho muito orgulho disso”.

Por último, Ivete e Cleonir se apresentaram, donos da produção de morango que visitei em minha primeira ida a campo. Segundo Ivete antes de começar a produção, ela e o marido foram conhecer uma produção em larga escala de morangos, porém o que mais chamou a atenção deles foi a quantidade de agrotóxicos que era usada nessa produção. Mesmo sem experiência com a fruta, o casal se aventurou na produção de morangos, e se adaptaram através de técnicas que já conheciam ou que foram pesquisando e incluindo aos seus saberes locais. Uma das adaptações feitas, foi a plantação do morango suspenso. Nessa técnica, os morangos ficam em um ambiente coberto por uma lona plástica branca, e são plantados suspensos em uma bancada de madeira com algo entre 70 e 80 cm de altura, que sustentam a estrutura formada por sacos plásticos preenchidos com o substrato onde as mudas são plantadas.

Figura 5: Plantação de morango suspenso de Cleonir e Ivete



Fonte: Foto minha

A composição do substrato não leva nenhum agrotóxico ou pesticida, apenas fertilizantes e fortificantes orgânicos para a terra. Quando fiz minha visita ao sítio “Badalotti”, Cleonir me mostrou os produtos que mais gostava e melhor se adaptam a seu método, sendo eles o produto chamado “Raizer” da empresa “Agrivalle” para a fortificação do solo e o fertilizante mineral misto da marca “Bordasul”, o qual protege a planta da ação de fungos e bactérias indesejadas. Segundo Ivete, o fato de o morango ser suspenso e não direto no chão, diminui consideravelmente a quantidade de fertilizante necessário no plantio. Além disso, nas palavras dela, “quando começamos usar esse adubo orgânico nossa produção melhorou muito, os morangos crescem mais bonitos e saudáveis”. Porém existe um problema “burocrático” nessa metodologia usada por Ivete e Cleonir, e eles só descobriram esse problema quando foram atrás de um certificado de orgânico para os morangos produzidos dentro de seu sítio. O problema da metodologia não está nos fertilizantes usados, tampouco nas técnicas, que se adaptaram totalmente a paisagem e a realidade material daquele casal. O grande problema é que pelo fato de o morango estar suspenso, e não diretamente cultivado no solo, ele não pode ser considerado orgânico. E isso abre portas para algumas reflexões interessantes sobre a agricultura familiar e a agricultura orgânica em nosso país.

Figura 6: Cleonir mostrando fertilizantes orgânicos



Fonte: foto minha

Figura 07: Cleonir mostrando fertilizantes



Fonte: Fotos minhas.

2.4 AGRICULTURA FAMILIAR VERSUS AGRICULTURA ORGÂNICA.

Para que um alimento seja considerado orgânico, ele precisa de um selo de conformidade orgânica, para garantir a rastreabilidade e qualidade do produto a ser vendido. Porém, para conseguir esse certificado, o produtor precisa seguir uma série de práticas de verificação, com procedimentos e dispositivos que devem ser refeitos anualmente. A certificação de produtos orgânicos no Brasil começou a ser regulamentada em 2003, por meio da Lei nº 10.831/2003, que estabeleceu normas para a produção, processamento, certificação, comercialização e fiscalização de produtos orgânicos, mas, só no ano de 2013, surgiu o primeiro Plano nacional de agroecologia e produção orgânica (PLANAPO). O Plano foi elaborado na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO).

Existem alguns meios de conseguir esse certificado de orgânico, uma das formas é pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA): uma certificadora credenciada pelo MAPA faz a avaliação da produção¹³. Alguns órgãos privados também existem para cumprir essa função, essas organizações seguem padrões internacionais e devem ter credenciamento junto ao MAPA. Existe também a certificação participativa, onde os próprios produtores de orgânicos, seguindo as normas desse ministério, certificam-se uns aos outros. Isso é feito por meio de uma associação ou grupo de produtores locais, mas que seguem uma série de normas prévias estabelecidas pelo ministério.

Durante a pesquisa de campo, deparei-me com relatos que ilustram as inúmeras dificuldades associadas à obtenção do certificado de orgânico, independente do caminho escolhido para alcançá-lo. Uma constatação intrigante foi compartilhada por Renata, que ilustrou um dos motivos implícitos na questão: “Eles são todos agrônomos de gabinete, que só ficam em suas cadeiras sentados e não entendem da nossa realidade aqui”. A perspectiva de Renata questiona a desconexão entre os métodos burocráticos de certificação orgânica no Brasil e a realidade prática vivida pelos agricultores familiares ou de pequena escala em sua lida diária com a terra e a busca pela produção de alimentos orgânicos. Essa reflexão de Renata demonstra uma discrepância entre o ambiente de “escritório”, onde os dirigentes dos órgãos reguladores trabalham e a experiência prática e diária dos agricultores na terra.

É relato comum entre os agricultores com quem convivi que a obtenção de um

¹³ Fonte <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/produtores-de-organicos-devem-seguir-recomendacoes-para-ter-certificacao-de-qualidade>

certificado de produto orgânico no Brasil é um processo complexo e bastante dificultoso, especialmente para pequenos agricultores familiares. Um dos motivos é o fato do processo de certificação passar por uma série de requisitos e normas que muitas vezes não conversam com a realidade prática de certos agricultores, além da necessidade de um grande investimento financeiro e uma adaptação da propriedade e das práticas e técnicas de produção dentro daquela paisagem específica. Cleonir relatou que escolheu produzir o morango suspenso por dois motivos principais: primeiro porque o morango suspenso, diferente de quanto está diretamente no solo, elimina a possibilidade de várias doenças e fungos que atingem o fruto, por isso o uso de fertilizantes é bem menor nessa técnica. Outro motivo apresentado, dessa vez por Ivete, é ligado a condição física e material do casal, ou seja, por terem uma idade mais avançada, é muito danoso ao corpo, especialmente às costas, colher o morango diretamente do chão, visto que em cada muda é preciso agachar para colhê-los. Muitas vezes a paisagem local, ou a condição material do agricultor está cercada por irregularidades e mosaicos a serem explorados dentro da experiência e do conhecimento real do trabalho na terra, ou seja, em cada caso, encontramos cercado por irregularidades. Para Anna Tsing, estamos cercados por “um mosaico de montagens abertas de modos de vida emaranhados, cada um se abrindo em um mosaico de ritmos temporais e arcos espaciais.”¹⁴ (TSING, 2020, p. 35). Enquanto a certificação orgânica se pautar mais na burocracia de normas pré-estabelecidas, os agrônomos e ditos especialistas do campo não enxergarão a heterogeneidade das mais diversas paisagens abertas a possibilidades de uma produção sustentável e sem o uso de agrotóxicos, mesmo quando isso parece tão óbvio para os participantes e agricultores familiares com quem eu conversei.

Como apontam as pesquisadoras da UFF Raquel Pereira de Souza, Angelita Pereira Batista e Aldara da Silva César (2019), apesar do enfoque ecológico de produção, a maioria das práticas orgânicas além de terem seu alcance limitado, muitas vezes não questionam as relações convencionais do mercado, que são pautadas no individualismo e na competitividade.

A agricultura orgânica é uma prática que possui características técnicas adaptadas em função do contexto social em que se insere, podendo seguir uma lógica capitalista, enfatizando a produção para o mercado externo na perspectiva empresarial ou uma lógica familiar, que produz alimentos para subsistência e para o mercado local, com administração da própria família na produção”. (PEREIRA DE SOUZA *et al.*, 2019, p. 10)

O crescimento do consumo de produtos com o certificado orgânico, principalmente

14 Tradução minha

pelos mais ricos, desenha um cenário complexo em que a própria demanda por sustentabilidade ambiental e saúde alimentar pode paradoxalmente fortalecer os mecanismos da lógica capitalista da produção. É intrigante notar como esse processo, aparentemente alinhado com a busca por alternativas menos danosas à saúde e aos ambientes, pode amplificar as práticas de monocultura e a alienação intrínseca às dinâmicas agroindustriais de uso da terra e exploração das espécies.

Essa lógica inspirou os investidores da agricultura orgânica empresarial a incentivar o trabalho baseado na alienação, ou seja, a capacidade de ficar sozinho, como se os emaranhados da vida não importassem. Como afirma Anna Tsing: “Através da alienação, pessoas e coisas tornam-se ativos móveis; eles podem ser removidos de seus mundos de vida em transporte que desafia a distância para serem trocados com outros ativos de outros mundos de vida, em outros lugares.” (TSING, 2020, p. 45)¹⁵. Além disso, ainda segundo Pereira de Souza, Pereira Batista e Silva César, o acesso aos mercados internos e externos de orgânicos é mais limitado para os agricultores familiares, beneficiando em maior magnitude os maiores e mais estruturados.

Outro problema relatado pelos agricultores familiares foi a questão do acesso financeiro aos substratos necessários para a criação do produto orgânico. Dentro do encontro do CSA, Renata afirmou: “Nossos ovos ainda não são orgânicos por causa da ração. A ração que usamos aqui no sítio vem de milho transgênico. A ração para conseguir o certificado é mais do que o dobro do preço da ração que a gente usa aqui. Não tem condição nenhuma da gente conseguir dobrar o preço dos ovos pelo certificado, aí não vendemos nada. Por isso a gente chama os ovos daqui de ovos caipiras.”

Se pensarmos o caminho que a história da produção orgânica teve em nosso país, é possível compreender melhor o motivo da dificuldade de obtenção desses certificados. Quando a agricultura orgânica surgiu no Brasil, no início dos anos 90, não haviam exigências burocráticas para a entrada dos agricultores. A fiscalização aconteceu entre os próprios agricultores de algumas organizações, uma das pioneiras, a cooperativa ecológica Coolmeia, surgiu no Rio Grande do Sul e depois espalhou seu trabalho por todo Brasil. O trabalho principal da cooperativa era a visita aos sítios que se interessavam pela agricultura orgânica, a fim de garantir a qualidade das práticas. Segundo Felipe Puga (2012), pesquisador da Unicamp,

Alguns agricultores, que já estavam no início do processo de institucionalização pelos decretos oficiais, permaneceram com as suas técnicas orgânicas e seus

15 Tradução minha

consumidores fiéis, recusando a adoção de esquemas de certificação de auditoria por considerá-los uma contradição com a crítica aos sistemas convencionais de produção (PUGA, 2012, p. 06).

O movimento de agricultores brasileiros começou a estabelecer uma forma de certificação orgânica que não seguisse modelos fechados de auditoria, nem colocasse os saberes locais dos agricultores contra os supostos conhecimentos técnicos agrícolas. Eles defendiam que os esquemas de certificação devem seguir critérios e decisões dos próprios produtores, e não de fontes externas ao processo. Surgiu então a proposta do Sistema Participativo de Garantia (SPGs), em que os próprios agricultores fariam a autocertificação orgânica, visando garantia da conformidade através da confiança interna e nas decisões tomadas em conjunto, além de questionar custos elevados e excesso de procedimentos burocráticos de certificadoras privadas e reivindicar a possibilidade de rotular os próprios produtos.

Se observarmos ao longo dos anos, o caminho da certificação de produtos orgânicos, do modelo de auditoria fechado para a certificação participativa, é compreensível a burocratização e a implementação de regras para as práticas de certificação, pois eles são dispositivos de controle e garantia de que aquele produto condiz com o que é vendido. Embora a certificação participativa seja uma alternativa para pequenos produtores, ela ainda é uma medição governamental que estende relações a empresas privadas e outros atores, mantendo o controle sobre quem atende aos critérios de qualidade das práticas, procedimentos e alimentos enquadrados, muitas vezes impossibilitando o agricultor de ter acesso a esse certificado, como no caso observado dentro da prática de campo em São Pedro de Alcântara/SC.

Não se pode afirmar que a agroecologia e a agricultura familiar estejam em extremos opostos. Entretanto, considerar que a origem da produção orgânica não esteja minimamente

ligada à lógica do estado burguês seria um equívoco de notável simplicidade. O lado contrário também é válido, nem sempre a agricultura familiar é uma agricultura totalmente orgânica. Podemos encontrar o uso de pesticidas e agrotóxicos dentro deste modelo de agricultura, como aponta a pesquisadora da UFSC Julia Guivant em suas pesquisas com agricultores familiares de Santa Catarina. Mesmo “os agricultores familiares seguem determinadas regras no processo de construção social dos conhecimentos que legitimam suas práticas em relação aos agrotóxicos” (GUIVANT, 1997, p. 29). Ou seja, as práticas com pesticidas muitas vezes foram estabelecidas dentro de um parâmetro do próprio conhecimento local.

Deve-se reconhecer que a trajetória da produção orgânica não se desvincula da influência e da lógica inerente ao estado burguês. É simplista acreditar que a produção orgânica surgiu de maneira independente das engrenagens políticas e econômicas vigentes dentro de um país capitalista. Por outro lado, também é importante entender que a agricultura familiar, embora muitas vezes vista como sinônimo de práticas orgânicas e sustentáveis, nem sempre é um exemplo perfeito dessas práticas. Precisamos reconhecer que as práticas agrícolas são profundamente influenciadas por contextos culturais, históricos, econômicos e ambientais, e que mesmo dentro da agricultura familiar ou orgânica, as ações práticas nem sempre são as mais românticas e podem ser moldadas por uma variedade de fatores. A nossa compreensão é de que os panoramas agrícolas exigem uma investigação profunda das dinâmicas em ação, uma análise das raízes históricas e materiais e das variáveis culturais que moldam as diferentes ações da agricultura no Brasil. Somente ao abordar essas contradições é que podemos construir um conhecimento prático e dinâmico sobre os diferentes fazeres agrícolas.

3 ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

Quando iniciei o trabalho, o objetivo era desenvolver uma pesquisa sobre as cestas orgânicas vendidas pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara. No começo do ano de 2021, tive minha primeira conversa com Alice, fundadora do grupo de agricultores, foi através de uma chamada de vídeo online. Expliquei que minha pesquisa antropológica buscava se aprofundar no universo da venda e entrega de cestas orgânicas. Logo no nosso primeiro contato via chamada de vídeo, percebi que o grupo e seus objetivos eram muito maiores do que a venda das cestas, e para compreender essa dinâmica, o próximo passo seria me inserir de alguma forma no grupo. Durante essa conversa, combinei com Alice de fazer uma visita em seu sítio “Delícias da roça”, ponto central das ações do grupo. Em suma, o espaço cedido por Alice é um espaço físico onde todas as ações do grupo se encontram e se reúnem, mais especificamente em um barracão ao fundo da residência, que funciona como um centralizador da produção dos treze sítios envolvidos com o grupo.

Alice e esse espaço cedido por ela funcionam como um ponto de encontro de *linhas* dos treze sítios, dos produtores agrícolas e das famílias envolvidas na produção e escoamento do grupo. As frutas, legumes, vegetais, ovos e processados que se encontram dentro do barracão, agora farão parte da construção das cestas orgânicas e da feira mensal que ocorre na cidade. Sozinhos, esses trabalhadores e suas produções não teriam o alcance social e comercial que conquistaram estando dentro de um grupo organizado de agricultores familiares. As mercadorias vendidas são de grande variedade, e são produzidas dentro dos treze sítios envolvidos no grupo Agricultura familiar de São Pedro de Alcântara. São eles grãos, legumes, verduras, frutas, cogumelos, ovos, processados como queijo e bebidas alcólicas, até sabonetes e desodorantes naturais, e marcam o caminho percorrido pelas *linhas* da produção que saem dos sítios, se encontram no barracão da Alice, passam pelas cestas e feiras e chegam até o ponto final: a casa do comprador/consumidor.

As formas de comercialização desses produtos são dadas em processos distintos, já que nas cestas o comprador recebe em sua casa dentro de caixas os itens já separados e selecionados por Alice no barracão em sua casa. Pelo contrário, na feira, o próprio consumidor é quem experimenta sensorialmente qual produto deseja comprar: sente o cheiro, a firmeza – manuseia, visualiza. Por isso, como já dissemos, a grande maioria dos compradores das cestas são de Florianópolis e não possuem vínculos ou laços pessoais com os produtores, já os frequentadores e consumidores da feira são moradores da cidade de São Pedro de Alcântara, e geralmente conhecem ou são amigos dos agricultores locais.

Traçar o caminho percorrido através das *linhas* de devir da produção do grupo, levando em conta todo emaranhado de relações multiespécie que os envolve, proporcionou-me uma compreensão da complexa dinâmica construída a partir da agricultura familiar estruturada em uma pequena cidade do interior de Santa Catarina. Ao imergir na observação direta das práticas envolvidas na produção e distribuição das cestas, assim como na realização da feira, consegui captar uma parcela do movimento que caracteriza o fluxo de produção e distribuição do grupo. Esse fluxo transcorre como um sistema em constante movimento, que cria e revela novos horizontes e possibilidades. Nesse contexto, a agricultura familiar para esse grupo se demonstra não apenas como um meio de subsistência, mas como um sistema dinâmico capaz de gerar transformações e abrir novos caminhos no âmbito da produção de alimentos e no entendimento das relações entre seres humanos e o ambiente.

Em minha primeira visita à Alice e ao sítio “Delícias da roça”, comecei a perceber o que fazia dela essa figura central para o grupo. Alice mora em uma casa que também é uma floricultura, cuidada por ela, seu marido e sua sogra, que também moram dentro do mesmo terreno. A casa em horário comercial fica aberta para a venda das mais diversas espécies de flores, trazendo sempre uma movimentação dentro daquele espaço. Quando fiz minha primeira visita, não entrei pelo portão principal da floricultura. Observei que havia uma pequena entrada lateral e chamei por Alice. Além de nervoso, eu estava um pouco atrasado, pois parei de ônibus no centro da cidade e andei a pé, sem saber muito bem o caminho até sua casa. Mas o caminho foi importante para eu entender e conhecer melhor a paisagem daquela cidade, e como isso tinha influência dentro das técnicas de plantio dos agricultores daquela região. Segui o fluxo do rio Imarui, onde as diversas casas e sítios o acompanham e aproveitam de seus recursos tanto para práticas agrícolas quanto para outras ações cotidianas da vida daqueles moradores.

Fui muito bem recebido por ela e seus filhos pequenos com um café da tarde, essencialmente com produtos vindos da produção do próprio grupo. Após o café fomos conhecer o barracão onde as coisas tomavam forma e aconteciam. Chegamos em um espaço grande, com duas geladeiras para conservação de alguns produtos e muitas caixas de papelão. Em nossa primeira conversa, comecei entender a dimensão e a proposta do grupo organizado de agricultores daquela cidade: “A gente não só produz para vender, o grupo também está envolvido com reciclagem, arrecadação e doação de roupas, ações dentro de escolas aqui na cidade. Estamos sempre buscando crescer”, Alice me disse isso enquanto começamos a organizar a montagem das cestas.

Isso me fez pensar em como a Alice, os demais seres vivos que a acompanham, sua

casa, o barracão que centraliza a produção, atuam como um fio central de uma rede de *linhas*, dentro de um movimento de abertura de mundos interligados, que se constroem e desenvolvem mutuamente. Segundo Tim Ingold:

[...] Na realidade, a vida continua sempre ultrapassando os fins que possam ser realizados dentro dela, pode ser começar construir uma casa ou cultivar um campo, e eventualmente empenhar-se na satisfação de um trabalho bem feito, no entanto, ao fazê-lo, a vida e a consciência avançaram, e outros objetivos já encontram no horizonte. Pela mesma razão esses horizontes não podem ser atravessados, é impossível alcançar os fins da vida” (INGOLD, 2011, p. 39).

Estamos cercados por muitos projetos de construção do mundo, sejam eles humanos ou não. Projetos de construção de mundo emergem de atividades práticas de construção de vidas, já que no processo eles alteram o mundo.

Por se tratar de uma pesquisa que se passa dentro do tempo real dos acontecimentos e ações do grupo Agricultura familiar de São Pedro de Alcântara, a prática proposta seguiu um compromisso dialético com o movimento da própria percepção e ação que estava se desenvolvendo naquele espaço. Ingold (2008) dá o nome de correspondência para essa composição de movimentos que, à medida que se desenrolam, respondem continuamente uns aos outros, visto que as pessoas e coisas não se encontram lançadas no mundo, mas estão sendo lançadas simultaneamente. Dessa forma, a noção de correspondência sugere a existência de uma relação contínua e dinâmica entre as diferentes ações e movimentos que ocorrem no espaço de encontro, que nesse caso, está representado pelo barracão da Alice.

Para ilustrar essa ideia, podemos pensar em exemplos, como o encontro de agricultores do grupo de agricultura familiar de São Pedro de Alcântara/SC, em que diferentes trabalhadores compartilham a partir da produção, suas experiências, saberes e práticas em torno de uma agricultura não industrial. Além dos saberes e conhecimentos, é comum que, dentro do grupo, os participantes compartilhem o resultado da produção entre si, trocando alimentos, sejam já em estado processado ou em estado primário. Às vezes esse compartilhamento acontece dentro de um almoço ou jantar organizado por algum membro do grupo. Nesse contexto, os movimentos de cada indivíduo influenciam e são influenciados pelos movimentos dos outros participantes, criando uma rede de correspondência e interdependência em que até os espaços de moradia dos agricultores em certos momentos se tornam um espaço comum para o grupo. Alice me explicou que um dos próximos objetivos do grupo é a criação de uma agroindústria para a fabricação dos processados, como queijos, geleias, pestos e bebidas fermentadas. Enquanto essa agroindústria ainda não está pronta, os membros do grupo se reúnem e usam suas próprias casas e cozinhas para o processamento

dos produtos. É possível observar essa cooperação também na hora de transportar os insumos até a casa de Alice, já que dependendo da localidade dos sítios, acontece uma colaboração em relação ao transporte, onde membros do grupo que moram em sítios próximos, trabalham em conjunto e revezam muitas vezes esse transporte até o ponto central de encontro das linhas dos insumos: a casa de Alice.

Alice funciona como um ponto central de encontro para os treze agricultores e suas famílias, além de centralizadora da produção do grupo. Nesse caso, os movimentos de Alice, como a organização dos produtos dentro das cestas, a organização da barraca na feira, e a comunicação com os agricultores e com os compradores, acontece em correlação com o movimento dos demais participantes, como a produção em cada sítio e a entrega dos alimentos.

Além disso, podemos destacar a presença ativa de seres vivos não humanos que coabitam aquele espaço com Alice e os demais agricultores. Um exemplo é a presença dos gatos criados por Alice no ambiente. A cada chegada de tomates e bananas é possível observar como um desses gatos reage instantaneamente, direcionando sua atenção aos recém chegados itens. Nesse caso, o movimento do gato se corresponde com o movimento dos agricultores e de Alice, criando uma relação de interdependência entre diferentes formas de vida e movimento naquele espaço. Considerando as discussões de Donna Haraway (2001), podemos expandir a reflexão sobre a presença de seres vivos não humanos no barracão. Haraway argumenta que as fronteiras entre humanos e animais não são tão delimitadas quanto pensamos, e que essas vidas também são entrelaçadas, ou seja, as relações entre humanos e animais são mais complexas do que a simples dicotomia entre humano e não humano ou sujeito e objeto.

Figura 8: Gato comendo banana e tomate no barracão.



Fonte: Foto minha

Nesse sentido, a presença do gato criado por Alice pode ser entendida como parte desse entrelaçamento. Ele não é apenas um animal que vive naquele espaço, mas sim um companheiro de Alice e dos demais agricultores, que compartilha do mesmo ambiente e recursos. Dessa forma, a ação do do gato ao apreciar tomates e bananas não pode ser entendida como uma coincidência isolada, mas sim como parte de uma rede de relações que envolve diferentes formas de vida. Portanto, a presença do gato que Alice cria, no espaço de armazenamento dos alimentos pode ser compreendida como parte de uma teia de relações entrelaçadas entre diferentes seres e formas de vida. Nessa primeira conversa com Alice, eu também comecei a me juntar em correspondência com aqueles que eu queria aprender e trocar, buscando a abertura de um movimento que ao invés de tentar fazer previsões, segue em frente rumo a um mosaico aberto de possibilidades.

Enquanto conversava com Alice e iniciava os preparos da organização das cestas, alguns agricultores passaram pelo barracão de sua casa, deixando seus produtos que seriam colocados nas cestas e/ou levados na manhã seguinte para a feira. Esses produtos que chegam na noite anterior da montagem das cestas ou da feira, geralmente são os mais perecíveis, e não podem ficar muito tempo expostos para não criarem manchas, envelhecerem, ou

murcharem, no caso dos cogumelos, trazidos por Vera do sítio “Intié”, vão direto para a geladeira até a manhã seguinte. Alguns dos produtos, por exemplo os tubérculos, como batata, mandioca e cenoura, e até os ovos, normalmente são levados para o barracão dependendo da logística dos encontros e passagem desses agricultores pela região em que fica a casa da Alice, não necessariamente chegam na noite anterior.

Durante minha primeira passagem ao barracão, pude conhecer alguns desses agricultores, e acompanhar seus produtos chegando, eram eles cogumelos *Lyophyllum shimeji*, conhecido popularmente como shitaki, morangos, tomate *Solanum lycopersicum var. cerasiforme*, ou tomate cereja como é conhecido, e mandioca. Após a chegada dos últimos produtos, começamos a montagem das cestas, que são transportadas dentro de caixa de papelão, as quais Alice ganha de doação de alguns comércios e moradores da cidade e dos próprios membros do grupo de agricultores.



Figura 9: Produtos dos diversos sítios reunidos no barracão da Alice. Fonte: Foto minha

3.1 CESTAS ORGÂNICAS, ENCONTROS IMPREVISTOS E RELAÇÕES MULTIESPÉCIE

Modos de ser são consequências de interações multiespécies, na qual humanos e não humanos trazem suas histórias, para enfrentar a imprevisibilidade do encontro das vidas. Essas histórias, humanas e não humanas, não são predeterminadas ou previsíveis como na visão ocidental de progresso, mas sim compreendidas no aqui e agora. Ou seja, nesse encontro entre humanos, não humanos e ambientes, cada entidade traz consigo um emaranhado único de histórias e experiências, convergindo (ou divergindo) para enfrentar a imprevisibilidade de suas vidas entrelaçadas. O que se desenha é uma narrativa multifacetada, onde os organismos vivos e os ambientes coexistem de maneira interdependente. Cada momento se torna um ponto de encontro entre as *linhas* entrelaçadas de vida, uma oportunidade de se desenvolver e responder às particularidades das relações multiespécies.

As imprevisibilidades do aqui e do agora, dentro da antropologia dialética proposta, devem levar em conta toda coerção e imposição de um mundo capitalista pós-colonial, onde esses encontros imprevisíveis muitas vezes são tendenciosos e favorecem grupos específicos dentro da divisão que se construiu em nossa história. Um exemplo dessa afirmação pode ser pensado a partir da história da produção dos alimentos, seus caminhos e consequências, dentro de um mundo pós-colonial. Sidney Mintz (1986), antropólogo conhecido por seus estudos sobre a alimentação dentro das diferentes culturas, demonstrou que é possível entender a história do mundo pós-colonial a partir da análise de um único produto: o açúcar. Ao traçar a história desse produto, podemos observar como as relações entre os modos de produção e consumo se desenvolvem de forma conectada e cercada por relações de dominações de algumas espécies e grupos sociais. O trabalho baseado na escravidão de um grupo sobre outro, e da apropriação e transporte de espécies pelo mundo, foi um fator fundamental na acumulação de capital nessa nova era que surgia: a era da monocultura.¹⁶ A política de escravização e exploração das populações das chamadas colônias não foi apenas uma característica da acumulação inicial do capitalismo, mas também, segundo Vladimir Lênin (2020), o da sua última e mais complexa fase: o imperialismo.

Mintz argumenta que o açúcar, um dos principais produtos fomentadores da dominação e escravidão nas colônias, principalmente no Brasil e Caribe, teve um papel crucial no desenvolvimento do capitalismo como conhecemos hoje. Além da lógica da produção do açúcar em si, o consumo do produto também teve uma função central no domínio da classe trabalhadora e no desenvolvimento do capitalismo baseado na exploração do trabalho. Segundo o autor, já que os trabalhadores eram submetidos a longas jornadas de trabalho de mais de 12

16. Não apenas a cultura agrícola. Podemos pensar nessa imposição dentro da cultura religiosa, cultura popular, cultura tradicional, cultura material entre outras.

horas em condições precárias, o consumo de açúcar desempenhou um papel fundamental, sendo uma fonte rápida de energia, já que ele é composto principalmente por sacarose, que quando digerida é quebrada em glicose e frutose. A glicose, por ser um carboidrato de rápida absorção, é sintetizada pelas células intestinais e cai na corrente sanguínea elevando os níveis de glicose no sangue, o que estimula a liberação de insulina pelo pâncreas, que “levam” a glicose para ser utilizada como fonte de energia para aquele que consome o açúcar. Mintz argumenta que o açúcar se tornou o principal combustível para os operários dentro das fábricas na Europa, proporcionando o impulso energético necessário para enfrentar as demandas físicas das tarefas fabris. À medida que o capitalismo espalhava sua dominação pelo mundo, o consumo de açúcar se expandiu junto. O uso e o consumo do açúcar nesse momento, acabou transformando não apenas a dieta da classe trabalhadora europeia, mas também o paladar de todo um continente. Um exemplo disso pode ser visto no consumo de doces na Grã-Bretanha. Mintz argumenta que uma dieta baseada em doces tem suas raízes no imperialismo histórico, calorias baratas e a popularidade de outras matérias primas relacionadas ao açúcar, como o chá. Portanto, a Inglaterra foi um dos principais compradores de açúcar produzido nas colônias britânicas do Caribe, enquanto a França importava açúcar das suas colônias nas ilhas do Caribe e da América do Sul. A Holanda, por sua vez, dominava o comércio de açúcar no século XVII, importando açúcar produzido no Brasil, nas ilhas do Caribe e nas colônias holandesas na América do Sul. Segundo Anna Tsing:

Como argumentou Sidney Mintz, as *plantations* de cana-de-açúcar foram o modelo para as fábricas durante a industrialização; as fábricas incorporaram a alienação ao estilo das *plantations* em seus planos. O sucesso da expansão através da escalabilidade moldou a modernização capitalista. (TSING, 2015, p 39)¹⁷

A política de escravização e exploração de grupos específicos por outros, desempenhou um papel primordial na história do capitalismo, desde a era da acumulação inicial até a sua fase do imperialismo. A análise de Sidney Mintz nos mostra como a história da cana de açúcar nos ajuda a entender a história de todo um mundo pós colonial baseado na imposição cultural e na monocultura. Anna Tsing por sua vez, demonstra como as plantações de cana-de-açúcar se expandiram e se espalharam pelas regiões quentes do mundo.

Seus componentes contingentes - estoque de plantio clonado, trabalho forçado, terras conquistadas e, portanto, abertas, mostraram como a alienação, a permutabilidade e a expansão poderiam levar a lucros sem precedentes. (Tsing, 2015, p.38).

Essa fórmula moldou e desencadeou tudo aquilo que chamamos de progresso e modernidade, segundo o pensamento dominante, estaríamos buscando um novo mundo sem fronteiras, onde a escalabilidade nos levará ao estágio superior da humanidade, ou o “fim da história”¹⁸. Caio Pompeia (2021) também demonstrou as consequências desse sistema em nosso desenvolvimento agrário. Segundo ele, o agronegócio no Brasil já surgiu baseado na grande concentração de terra, onde a elite agrária cresceu e se beneficiou das políticas públicas favoráveis e da exploração de trabalhadores rurais. Essa dinâmica resultou em uma relação de dominação política e econômica no campo, na qual os proprietários de terras detinham grande poder sobre a política agrícola e o desenvolvimento rural do país. O autor demonstra como o termo, “agronegócio”, foi criado para ajudar a construir uma nova perspectiva da relação entre agricultura e indústria, incluindo todos processos de trabalho, armazenamento, transporte, uso de máquinas e agrotóxicos para potencializar a produção. A lógica se fundamenta em uma crença na modernização tecnológica em prol dos ganhos na produtividade dentro do campo. Segundo o autor, esse modelo se baseia na valorização das grandes unidades produtivas e foi amparado no Brasil durante os governos militares, com amplo apoio às políticas de mecanização e industrialização do setor, beneficiando grandes produções monocultoras e investidores internacionais, além do forte discurso de marginalização em relação aos pequenos agricultores.

Anna Tsing argumenta que a escalabilidade, uma das bases do agronegócio, exige que os elementos do projeto sejam alheios às indeterminações do encontro, ou seja, é assim que eles permitem sua expansão. Assim, também, a escalabilidade bane a diversidade significativa. A conexão entre a expansão e o avanço da humanidade tem sido tão forte que os elementos escaláveis recebem a maior parte da atenção. O não escalável torna-se um impedimento ao progresso ocidental.

Uma das preocupações teóricas e dialéticas que defendo nesse debate é a voltar a atenção ao não escalável – não apenas como objeto para descrição, mas também como aportes teóricos. Para pensar na agricultura familiar da forma proposta, devemos pensar também a partir do não escalável, deixando de lado a ideia dominante de progresso, e pensando um desenvolvimento possível para todas as espécies e grupos sociais. Tsing nos mostra como é possível estudar o capitalismo sem essa suposição artificial do progresso, em *Mushrooms and the End of the World*, a autora afirma:

18 Ideia trazida do livro “The End of History and the Last Man”, de Francis Fukuyama, que argumenta que a democracia liberal e o capitalismo de mercado, marcaram o fim da evolução sociocultural da humanidade.

Este livro mostra como é possível estudar o capitalismo sem essa suposição incapacitante - combinando atenção especial ao mundo, em toda a sua precariedade, com perguntas sobre como a riqueza é acumulada. Como o capitalismo pode parecer sem pressupor o progresso? Pode parecer irregular: a concentração de riqueza é possível porque o valor produzido em manchas não planejadas é apropriado para o capital. (TSING, 2001, p. 51)¹⁹

Segundo a autora, a história ocidental se molda sobre a concentração de riquezas a partir da transformação de humanos e não humanos em recursos para investimento. Dentro das imprevisibilidades, observamos que as ruínas dessas transformações também geram novas relações multiespécies e a vida multicultural.

Dada a eficácia da devastação estatal e capitalista de paisagens naturais, podemos perguntar por que algo fora de seus planos está vivo hoje. Essas consultas aparentemente triviais podem mudar tudo para colocar encontros imprevisíveis no centro das coisas. (TSING, 2015, p. 23)²⁰.

Em minha primeira conversa com Alice, percebi que essa imprevisibilidade fazia muito sentido em relação a venda das cestas orgânicas. A princípio parecem coisas distintas, mas dentro da materialidade daquela situação começou a fazer muito sentido. Alice me explicou que inicialmente o foco principal do grupo era produzir para vender na feira mensal que acontece na cidade de São Pedro de Alcântara/SC. A feira já existia a alguns anos, e o grupo conseguiu o espaço de uma barraca, que posteriormente viraram duas. Alguns produtos já eram vendidos fora da feira, mas o foco inicial era a venda na própria cidade de São Pedro de Alcântara/SC. Alice me contou que no início, o número de cestas semanais vendidas variava de dez a quinze. Porém, no início do ano de 2020, a imprevisibilidade histórica e dos encontros acabou alterando toda lógica de trabalho e escoamento do grupo, a pandemia do Coronavírus (Covid-19) trouxe à tona um novo mundo. Um mundo em que o contato físico entre as pessoas deveria ser evitado, o que causou uma grande preocupação ao grupo de agricultores familiares da cidade, já que a feira mensal não iria mais acontecer por um período indeterminado. A pandemia, claro, foi um momento de repensar ações para todos os pequenos agricultores do Brasil. Segundo João Batista dos Santos, em uma publicação na Revista Brasileira de Ciências Agrárias, a dificuldade começou na produção, no acesso a alguns insumos, como sementes, adubos e fertilizantes, e foi até o escoamento, com o fechamento de feiras livres, restaurantes e outros comércios que compravam desses agricultores. Ou seja, a pandemia trouxe desafios significativos para a produção e

19 Tradução minha

20 Tradução minha

comercialização dos produtos agrícolas, com a queda nas vendas e o aumento nos custos de produção e transporte, os agricultores se viram em momento de repensar suas ações.

Em contrapartida, ainda segundo o artigo, a pandemia do Coronavírus também fortaleceu nas pessoas a preocupação com a saúde, que somado à vontade de evitar ir a supermercados, acabou fortalecendo as vendas de cestas orgânicas ou familiares em todo Brasil. Assim como grande parte das pessoas do mundo, o grupo de São Pedro de Alcântara/SC teve que se adaptar a essa nova realidade inesperada, e a venda das cestas acabou se tornando a maior prioridade de escoamento daqueles produtos. Segundo Alice, após o início da pandemia, as cestas, que eram vendidas cerca de quinze unidades semanais, passaram a vender mais de cem, chegando a cento e vinte cestas vendidas em uma única semana. Esse crescimento não aconteceu de uma hora pra outra, mas seguiu uma lógica exponencial. No início da pandemia, o número de cestas vendidas eram quinze, nas duas semanas seguintes o número dobrou para aproximadamente trinta. Em um mês já saíam para entrega quase sessenta cestas por semana, e ao final de dois meses o número de cento e vinte ou mais cestas foi atingido, o que deu a possibilidade de o grupo continuar com a produção praticamente na mesma intensidade, atingindo novos compradores, principalmente da cidade de Florianópolis/SC.

Figura 10: Alice se preparando para montar as cestas que seriam enviadas a Florianópolis.



Fonte: Foto minha

Anna Tsing (2005) preocupa-se em mostrar como os movimentos e transformações globais, sejam elas de cunho econômico, social, cultural ou climático, agem sobre e transformam práticas agrícolas locais dentro das diferentes comunidades rurais em todas as partes do mundo. A autora demonstra como esse movimento em âmbito global consegue afetar a vida cotidiana de seres vivos humanos e não humanos em uma comunidade menor, mas que está conectada com as transformações e mudanças gerais do mundo. Segundo a autora, as conexões, que chamamos de globais, são como "fricções"²¹, ou seja, encontros inesperados e muitas vezes contraditórios e conflitantes entre si. Assim como dentro dos encontros de vidas, essas "fricções" podem criar embates e choques culturais, naturais e sociais, e ao mesmo tempo podem ser interessantes fontes de inovação e mudança. Em seu livro *Friction: An Ethnography of Global Connection*, Anna Tsing faz uma análise sobre a relação entre a economia de um mundo capitalista, chamado de globalização, e uma pequena comunidade de agricultores locais, nas montanhas Meratus de South Kalimantan, uma

21 Tradução minha

província da Indonésia. Segundo a autora, as mudanças globais, sejam elas climáticas, econômicas ou culturais, afetam tanto as práticas agrícolas desses pequenos agricultores, quanto às práticas cotidianas, de relacionamento entre si, e também dos mais diversos relacionamentos multiespécie. Isso não significa que devemos considerar esses grupos e pessoas como inertes ou sujeitos passivos sem agência diante de um mundo globalizado. Segundo a autora, essa comunidade agrícola em Java, entre outras em lugares com menos acesso aos bens do chamado “progresso” ocidental, como o próprio grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, criam estratégias, tanto de produção, como de escoamento que fortalecem uma certa autonomia frente às pressões capitalistas. A adoção do sistema de permacultura do Sítio Igatu, o cultivo de morango e suas técnicas e produtos do sítio Badalotti, a produção de ovos caipiras pelo sítio Terra nova ou as estratégias de venda de cestas orgânicas do grupo, são alguns exemplos que pude observar na prática.

Pensar nesses trabalhadores rurais familiares como atuantes e incluídos no capitalismo global a partir de suas estratégias adaptativas, nos faz evitar o risco de criarmos classificações fechadas, que não nos permitam entender a inserção das unidades familiares na economia e na sociedade de forma dinâmica. Para Giralda Seyferth (2011),

[...] A economia camponesa não pode ser vista apenas como resquício de um passado pré capitalista, conforme o postulado de pesquisadores que preferiram situar o verdadeiro camponês no sistema de servidão medieval. A multiplicidade dos dados empíricos mostra que ela se insere no sistema mundial de modo específico e a partir de suas próprias demandas. (SEYFERTH, 2011, p. 400).

Cada uma dessas comunidades, seja em Santa Catarina, em outros lugares do Brasil ou do mundo, interagem e respondem a essas mudanças globais de forma distinta e única. Ambas as autoras demonstram como essas pressões capitalistas globais, podem acarretar impactos “negativos” dentro dessas comunidades agrícolas, mas também destacam estratégias de adaptação, transformação e resistência em face dessas pressões estruturais de cunho global. Patrícia Postalli (2021), em sua tese, mostra-nos alguns caminhos e perigos em se estudar essa relação entre o global e o local:

Assim, busco me distanciar de teorias camponesas clássicas que muito têm descrito os agricultores como atores passivos na história de co-constituição das paisagens locais e das redes sociotécnicas em que estiveram inseridos (...) as narrativas agrárias buscaram, a partir de diferentes perspectivas, consolidar um universo de estudo dentro das ciências sociais a partir da composição de mundos dualistas. A criação do papel do camponês e a própria narrativa do fim do campesinato é fruto de um esquema próprio da narrativa moderna. Esses estudos nas Ciências Sociais e na Antropologia produzem narrativas relativistas na construção do conhecimento científico. (POSTALLI, p.132, 2021)

De acordo com perspectiva adotada, isto é, que valorize uma descrição crítica, tanto o conhecimento global, como o local; tanto os agricultores familiares, quanto antropólogos ou cientista; tanto os humanos, quanto os não humanos: todos devem ser compreendidos como seres que criam mundos e constroem conhecimentos, uma vez que são “seres capazes de agenciamentos recíprocos.” (POSTALLI, p 134, 2021).

3.2 COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) E AS ESTRATÉGIAS DE VENDA DE CESTAS ORGÂNICAS.

As cestas orgânicas vendidas pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara são uma manifestação de agenciamentos recíprocos dentro da prática de uma agricultura familiar que se constrói diariamente a partir do conhecimento agrícola e da abertura de possibilidades. Essas cestas são mais do que recipientes de produtos, pois representam uma rede de conexões que desdobra uma abordagem complexa no contexto ambiental e social agrícola. Através da produção, da feira mensal e da venda das cestas, o grupo valoriza os conhecimentos e práticas locais, e demonstra o domínio da paisagem e das técnicas agrícolas mais pertinentes àquelas realidades.

A comercialização das cestas orgânicas pelo grupo representou um marco de significativo impacto não somente para os agricultores envolvidos, mas também para a trajetória e rumos traçados pelo grupo enquanto agricultores familiares organizados. Inicialmente o modelo de compra e venda funcionava apenas através do pedido semanal das cestas, no qual os compradores eram informados sobre os produtos disponíveis e faziam seus pedidos por meio do WhatsApp. A compra ocorria por meio do sistema de formulários do Google, no qual o consumidor escolhia previamente os produtos que desejava incluir em sua cesta e, caso quisesse continuar, era necessário repetir esse processo semanalmente.

À medida que o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara buscava estabelecer conexões mais profundas com seus consumidores e aproveitar totalmente as safras sazonais, Alice, em conjunto com alguns dos agricultores, iniciava o desenvolvimento e refinamento do modelo de venda das cestas. Esse processo de refinamento e inovação levou ao desenvolvimento de um novo modelo de compra e venda desenvolvido exclusivamente pelo grupo. Durante minha segunda ida a campo, quando fui novamente recepcionado por Alice em sua casa, após tomarmos o café da tarde, que se tornaria tradição em nossos encontros, fomos ao barracão. Alice estava animada para me contar sobre o novo modelo de

compra e venda das cestas que o grupo havia desenvolvido sobre sua tutela. Esse modelo foi nomeado pelo grupo de “CSA”, comunidade que sustenta a agricultura. Segundo ela, esse modelo é “uma forma de fomentar a agricultura ao incentivar o comprador a consumir o produto que tiver disponível”. Dessa forma, o agricultor não se vê obrigado a produzir e colher fora da época, o que acarreta no maior uso de fertilizantes, além de uma estrutura mais cara e difícil de se manter. Segundo ela, "o consumidor vai aprender a respeitar o tempo das coisas e respeitar os ciclos da natureza". Nesse modelo, o cliente paga uma vez por mês, e recebe quatro cestas, uma por semana, contendo os produtos específicos daquele mês e época do ano.

Durante nossas conversas Alice demonstrou vasto conhecimento sobre plantas, frutos e vegetais, e segundo ela “Cada época do ano tem a ver com o que nasce da terra; sempre está disponível o que precisamos. A natureza não erra com a gente, é só saber entender isso e aproveitar. A natureza dá tudo que a gente precisa”. Alice me deu alguns exemplos sobre o que falava: “Pois veja a laranja, a melhor época para colher ela é entre maio e setembro, ou seja, quando tá frio, época que a gente fica doente da garganta, a natureza nos dá a vitamina C, percebe?” Outro exemplo apontado por Alice foi o do gengibre dentro das mesmas condições, onde ele é melhor cultivado no final do ano, e chega no seu ápice na época mais fria do ano no Brasil.

No contexto do modelo CSA, os compradores assumem um papel ativo no apoio da economia e da agricultura local. Ao escolherem adquirir cestas através desse modelo, eles não apenas têm acesso a alimentos frescos e sazonais, mas também apoiam diretamente esses produtores, que são parte integrante da comunidade de agricultores organizados em São Pedro de Alcântara/SC. Além disso, a compra de cestas baseadas na sazonalidade dos alimentos ajuda a promover uma relação mais harmoniosa com a natureza e com a paisagem. Isso porque o tempo dos alimentos é respeitado, fazendo com que o produtor evite o uso de técnicas de produção intensiva, o que requer mais fertilizantes e uma ambiência artificial.

Enquanto eram organizadas as cestas daquela semana, Alice me explicava que uma das finalidades do modelo CSA era incentivar a diversidade na produção agrícola local. Com os agricultores cultivando variedades de alimentos mais adequadas à época do ano e ao solo da região, “ajuda a preservar a biodiversidade da nossa cidade, e não deixa o agricultor ficar dependente de um número pequeno de produtos.” Além da preocupação com o agricultor local, essa forma de venda de produtos agrícolas, age na conscientização e abertura do imaginário do consumidor, que muitas vezes não tem o interesse em entender sobre esses ciclos e técnicas agrícolas. Ao adotar o modelo CSA, os compradores não selecionam

antecipadamente os produtos que desejam receber em suas cestas. Em vez disso, eles recebem os itens que estão disponíveis no momento da colheita. Essa abordagem pode ser estranha, de início, para muitos consumidores acostumados a escolher seus alimentos de forma individual e personalizada, como é feito no mercado. No entanto, essa estranheza pode dar lugar a uma oportunidade única de conexão com a sazonalidade e os ritmos naturais da agricultura por esse consumidor. Segundo Alice, isso ajuda a conscientizar os consumidores sobre a sazonalidade dos alimentos e os ciclos ambientais e a importância de respeitá-los. A ideia que Alice compartilhou comigo é que, à medida que os consumidores se tornam mais cientes das mudanças e transformações sazonais, eles também tendem a valorizar e a respeitar mais a produção agrícola familiar.

Além da venda e compra das cestas, o modelo CSA, abre a possibilidade para os consumidores visitarem os treze sítios produtores do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara. Alice e todo o grupo organizaram encontros mensais ou bimensais que ocorreriam nesses treze sítios. Em cada encontro, faríamos uma incursão pelo espaço do sítio, apresentando as paisagens moldadas locais pelas práticas agrícolas, uma apresentação dos produtos em sua fase de desenvolvimento, uma imersão no convívio com os animais e outros seres vivos não humanos que compartilham aquele espaço, além das técnicas de plantio e colheita. O encontro terminaria com a degustação de alimentos majoritariamente produzidos e processados pelo próprio grupo e uma conversa com os consumidores, sobre agricultura, alimentação consciente, sazonalidade, reaproveitamento de alimento, reciclagem, entre outros temas como política, educação e saúde pública. Segundo Alice, um dos objetivos do modelo CSA é “estreitar o laço com o cliente, para ele entender a soberania da natureza. Queremos criar um sistema, dando informações para os clientes sobre terra, comida e reaproveitamento. Assim ele pode criar um vínculo com o agricultor e com a comida que ele coloca no prato.”

Esses encontros, nos quais a interação entre agricultores, consumidores e ambientes acontecem, ecoam as ideias de Anna Tsing sobre "contaminação", ou seja, quando uma reunião se torna mais do que a soma das pequenas partes. Essa “contaminação” reflete uma troca de conhecimentos e perspectivas além de ações práticas dos seres humanos e dos seres não humanos envolvidos nessa produção agrícola. Segundo a autora:

Estamos contaminados por nossos encontros; eles mudam quem somos à medida que abrimos caminho para os outros. À medida que a contaminação muda, os projetos de criação de mundos, mundos mútuos e novas direções podem surgir. (TSING, 2015, p.27)

Como afirma Tsing, a sobrevivência de todas as espécies requer colaborações habitáveis, trabalhando a variedade e aceitando a “contaminação”. Sem essa colaboração, a sobrevivência é ameaçada. No entanto, é preocupante constatar que a mentalidade predominante enxerga a sobrevivência como uma ação exclusivamente baseada no avanço dos interesses individuais. Essa mentalidade é amplamente divulgada pela narrativa do senso comum através da mídia dominante. As políticas neoliberais nos condicionam a acreditar na ideia de que o sucesso individual é o único caminho a seguir. Na economia liberal, bem como na agricultura industrial, o foco está nas riquezas individuais e na maximização de interesses pessoais, o que acaba por limitar a possibilidade de encontros transformadores. A precariedade nos lembra que precisamos da ajuda de outros para sobreviver, e que essa ajuda necessariamente envolve a ação de outros. A visão míope que coloca o indivíduo acima de tudo ignora a necessidade das “contaminações”, das teias de relações e de construir uma rede de relações multiespécies.

“É difícil para mim pensar em qualquer desafio que eu possa enfrentar sem solicitar a ajuda de outros, humano e não humano. é um privilégio inconsciente que nos permite fantasiar, contrafactualmente, que cada um de nós sobrevive sozinho.” (TSING, 2011, p.30)²²

A venda de cestas do modelo CSA pelo grupo "Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara" representa uma resistência ao sistema agrícola industrial dominante e desenvolve-se, sobretudo, em uma colaboração intensa com a paisagem e comunidade local. Além disso, ajuda a manter as vendas do grupo, mesmo no período pós pandemia. Ao perguntar para Alice se as vendas continuaram em alta após a reabertura da feira e demais comércios, ela me respondeu que “O número de cestas vendidas caiu um pouco em relação ao auge da pandemia, mas a gente segue se reinventando e criando novas estratégias de venda.” Uma das estratégias de Alice envolveu uma parceria entre o grupo de agricultores e a cervejaria local da cidade de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina. Como parte dessa colaboração, o grupo teria a oportunidade de realizar uma pequena feira no espaço da cervejaria, uma vez por mês, aos domingos.

Refletindo a partir dos conceitos de Anna Tsing, podemos mergulhar em uma outra compreensão do significado de estar vivo. Através da lente da autora, emerge a percepção de que a sobrevivência, para todas as espécies, está intrinsecamente ligada à capacidade de estabelecer colaborações habitáveis. É nessa interação entre seres e ecossistemas diversos que ocorre o que Tsing chama de "contaminação", um processo no qual as trocas e influências

22 Tradução minha

mútuas ocorrem e se entrelaçam de maneira imprevisível e dialética, ora através da harmonia, ora através do embate. Ao realizar essa contaminação na prática de uma agricultura em pequena escala, o grupo Agricultura Familiar de São Pedro existe, sobrevive e contribui para a construção e abertura de possíveis mundos colaborativos.

Ao enfatizar a relevância da sazonalidade dos alimentos, o grupo se insere em uma dinâmica mais harmônica com o ambiente local e com os ritmos naturais de produção. Mas não podemos ser ingênuos em relação às complexidades em uma produção agrícola, mesmo que em pequena escala. Como vimos durante a dissertação, nosso objetivo não é encontrar uma harmonia utópica, mas refletir sobre as respostas sensíveis encontradas pelo grupo aos ritmos da vida e da terra.

3.2 CIDADE E FEIRA MENSAL LIVRE DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC

Outra estratégia de escoamento essencial para o grupo é a feira mensal da cidade de São Pedro de Alcântara/SC. A feira é uma importante atividade comercial e cultural da cidade, que além de promover o comércio de alimentos e artesanatos produzidos pelos moradores locais, também é um ponto de encontro e promoção de eventos e ações culturais.

Na minha primeira viagem de campo não participei da montagem das barracas do grupo junto com Alice, pois passei a manhã de sábado no sítio “Badalotti”, junto com Ivete e Cleonir, aprendendo sobre suas técnicas e práticas de cultivo, principalmente do morango. Após uma manhã proveitosa junto com esses agricultores, Cleonir me levou de carro até a feira. Ao chegar lá me deparei com uma grande festa, com músicas tradicionais alemãs, pessoas à caráter com roupas típicas do sul da Alemanha.

Descobri, durante a feira, que a cidade de São Pedro de Alcântara/SC é a primeira colônia alemã do estado de Santa Catarina, e uma das primeiras do Brasil, tendo sido estabelecida em 1829 por imigrantes principalmente das regiões de Hunsruck e Eifel, localizadas no sudeste da Alemanha. É perceptível, quando andamos na cidade, que alguns símbolos do processo de colonização alemã no Brasil estão presentes nos espaços públicos da cidade, onde algumas práticas culturais dos colonos de Santa Catarina são preservadas. Minha primeira visita aconteceu durante a comemoração de aniversário de cento e noventa e três anos da cidade, e pude perceber pessoas com roupas comumente usadas em festas e comemorações de caráter alemão no Brasil, elas são conhecidas como *Dirndl* (feminino) e *Lederhose* (masculino).

A feira livre, que acontece sempre no segundo sábado de cada mês, na praça central

em frente à prefeitura, é composta por oito barracas. A feira é um espaço de encontro entre produtores e consumidores, e é possível comprar muitos produtos – desde pães, doces, salgados, ovos, queijos, processados, frutas, cogumelos, vegetais, e legumes frescos, produzidos pela agricultura local, até artesanatos, como esculturas em madeira, panos de prato, bonecas de panos, quadros, sabonetes e shampoos artesanais.

A feira mensal de São Pedro de Alcântara/SC é uma ação organizada em parceria entre a prefeitura local e os agricultores e artesãos da região. Com um total de 8 ou 9 barracas cedidas e armazenadas dentro do espaço físico da prefeitura, a feira oferece uma diversidade de produtos locais. O grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara é responsável por duas barracas, que comercializam produtos cultivados e processados pelo próprio grupo, incluindo frutas, legumes, leguminosas, alimentos processados, mudas, entre outros. Na segunda barraca, é comercializado um chopp que é produzido na cidade e possui uma parceria com o grupo estudado e salgados assados e fritos, também produzidos pelo grupo.

Outras duas barracas também vendem produtos orgânicos ou familiares vindos de outras associações de produtores, enquanto três delas se dedicam à comercialização do artesanato local. Há também uma barraca que vende caldo de cana e pastel. Além disso, a última barraca apresentou uma variação conforme minhas visitas a campo, ela já foi ocupada por uma massagista e quiropraxista local ou alguma outra barraca dedicada ao artesanato. Além disso, em uma das visitas a feira, esse espaço se tornou um ponto de encontro para compartilhamento de informações e experiências, como foi o caso dos ciclistas da região que se reuniram para trocar vivências sobre os percursos realizados dentro da cidade de São Pedro de Alcântara/SC.

Figura 11: Salgados produzidos pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara – os recheios são todos feitos a partir da própria produção do grupo.



Fonte: foto minha

A localização da feira, no centro da cidade, em frente à prefeitura, contribui para que ela seja um espaço de convivência, troca de experiências e saberes entre produtores e consumidores. Nesse sentido, podemos pensar com De Certeau (1998), para quem a prática espacial é essencial para a construção da sociabilidade, uma vez que os produtores e consumidores, a partir do espaço da praça central da cidade, produzem laços de afeto e confiança quando compartilham suas histórias, experiências, modos de produção e sobrevivência. A feira mensal de São Pedro de Alcântara/SC é uma prática espacial em a feira se desenvolve como uma forma de marcar e celebrar um dos aspectos importantes de uma cidade interiorana que respira o ambiente rural e promove valorização da produção rural local. Nessa perspectiva, o espaço da feira é carregado com os saberes e tradições dos produtores do campo, e isso é uma maneira de celebrar a produção rural local. Cada barraca, cada produto exposto e cada conversa compartilhada entre os visitantes, consumidores e os produtores contribuem para a construção de uma narrativa coletiva que conecta as ações produtivas dos produtores locais com o restante dos moradores. A feira não apenas oferece uma oportunidade para adquirir alimentos frescos e produtos artesanais, mas

também é um espaço onde a identidade local se materializa e se fortalece.

Inspirados por De Certeau (1998), percebemos que os indivíduos e grupos, desenvolvem estratégias para navegar através do contexto material e social que os envolve. Assim acontece na feira mensal com o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, que traça um caminho próprio através do emaranhado tecido das relações cotidianas.

Se observarmos atentamente as feiras populares em locais centrais, especialmente aquelas que contam com a participação de agricultores familiares ou produtores orgânicos, podemos identificar estratégias de ocupação de espaços geralmente públicos para a venda de produtos que, de certa forma, diferem do padrão de produção do sistema capitalista global. Segundo João Peres (2020), as grandes empresas do ramo agrícola e alimentício têm poder para ditar as regras do mercado. Através do controle dos preços, o estabelecimento de monopólios sobre sementes e variedades de espécies, a influência social e política e a hegemonia na mídia, essas entidades influenciam diretamente sobre a produção e a distribuição dos pequenos agricultores e comerciantes. Essa complexa teia de controle, por vezes, resulta em um obstáculo significativo para os agentes econômicos de menor porte, que enfrentam grandes desafios para competir em um cenário favorável aos interesses das elites empresariais. Além de que segundo Peres, a concentração do mercado de alimentos nas mãos de poucas empresas, que muitas vezes agem de forma monopolista, elimina a concorrência e afeta diretamente a qualidade e segurança dos alimentos consumidos pela população geral.

Os grandes supermercados são uma espécie de fiador das dívidas dos produtores. Ao mesmo tempo que impõem preços baixos, os supermercados também fazem os produtores trabalharem sob condições que nem sempre permitem que produzam alimentos com qualidade. O resultado disso é que o consumidor muitas vezes leva para casa alimentos com excesso de químicos e medicamentos que deveriam ter sido evitados. O mercado de frutas e verduras, por exemplo, é um dos mais contaminados do mundo, e isso se deve em grande parte à falta de regulamentação e controle da produção por parte do Estado (PERES, 2018, p. 62).

As práticas dos pequenos agricultores, a partir da venda de seus produtos em feiras e cestas orgânicas, representam ações que vão na contramão das ações do grande mercado. Essas estratégias geralmente não seguem uma lógica específica, mas acontecem no fazer diário, na prática do cotidiano. Segundo De Certeau: "A produção social do espaço se apresenta como um conjunto de práticas espaciais." (DE CERTEAU, 1998 p. 115). Em outras palavras, a maneira como os agricultores familiares se organizam, montam suas barracas, desenvolvem suas estratégias de venda e ocupam o espaço central da cidade por meio da feira para comercializar seus produtos, representa uma forma de construção social desse ambiente.

A participação dos agricultores nesse movimento de feirantes, ao promover a venda de produtos locais, demonstra também que a sua forma de utilização do espaço é uma maneira

eficaz de escoar suas produções. Aproveitar as oportunidades do momento também inclui um domínio da paisagem dentro dos sítios, da sazonalidade da produção e das estratégias de venda dos seus produtos:

[...] As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas funções de um poder. Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentam sob uma forma tão nítida, nem é por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir. (DE CERTEAU, 1998, p. 102).

Dessa forma, os agricultores familiares adaptam-se ao ambiente da feira e utilizam suas próprias estratégias, tanto de organização desse espaço dentro da barraca, como das estratégias de venda. Essa forma de ocupação espacial é uma forma de produzir socialmente o espaço da feira através das práticas locais da agricultura familiar em São Pedro de Alcântara/SC.

A barraca principal do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, é administrada por Alice com ajuda de algum outro agricultor, geralmente Grazi é quem compartilha essa função. Quando foi perguntado sobre a organização dessa barraca, Alice me explicou: “Os verdes ficam mais pra trás na barraca, por causa do sol e do vento... a gente não quer que elas ressequem”.

Figura 12: Verduras posicionadas mais para trás. A foto foi tirada quase ao final da feira, ou seja, grande parte das verduras já haviam sido vendidas



Fonte: Foto minha

Já os produtos que não serão afetados nesse período da feira pelo sol ficam mais pra frente, geralmente em caixotes de madeira ou plástico, e são eles: batata, banana verde, mandioca, aipim, e a depender da época do ano laranja, gengibre e açafrão.

Figura 13: Parte da frente da barraca, caixotes que são mais expostos ao sol



Fonte: Foto minha.

Na parte central da barraca, Alice organiza uma mesa de madeira com os demais produtos como o mel, ovos, cachaça, geléias, conservas, pesto, pasta de legumes, pães e doces, variando conforme o mês e a estação do ano. Na mesa também fica a balança usada para calcular os valores das compras e o caixa geral das barracas. Quanto à disposição dos produtos nessa mesa, Alice explicou que gosta de organizar os itens por categorias ou tipos. Segundo ela, existe uma preocupação estética com a barraca. “Eu vejo como fica mais legal visualmente. Também serve para chamar atenção do cliente a organização.”

Figura 14: Barraca logo após a montagem e organização.



Fonte: Foto minha

Já os cogumelos necessitam uma atenção especial, por isso ficam guardados em uma caixa térmica, e são abertos apenas para a venda ou para amostra ao cliente. Os cogumelos produzidos no sítio Intié, aos comandos da agricultora Vera, são *Lyophyllum shimeji* (*hon-shimeji*), o popular shimeji, e o *Lentinula edodes*, conhecido popularmente por shitaki. Ambos os cogumelos apresentam o certificado de orgânicos e foram muito procurados durante as feiras em que eu participei.

Figura 15: cogumelos conservados em caixa térmica



Fonte: Foto minha

3.3 AGRICULTURA FAMILIAR E AGRICULTURA INDUSTRIAL.

Os clientes mais assíduos do grupo não compram apenas na feira mensal, mas também são consumidores das cestas orgânicas entregues na cidade de São Pedro de Alcântara/SC ao longo do mês. Embora alguns deles prefiram comprar no mercado principal da cidade nos outros dias, a feira desempenha um papel adicional importante dentro de suas compras mensais. Para esses consumidores, a feira funciona como um complemento para adquirir alimentos que acabaram durante a semana ou que não tenham sido comprados ou encontrados no mercado. É notável que a feira também desempenha um papel importante para os consumidores da cidade. Segundo Alice, as vendas da feira têm uma forte ligação com o almoço do final de semana com a família ou amigos. Por isso, a movimentação mais intensa ocorre principalmente durante a manhã até a hora do almoço.

É nesse contexto que muitos clientes optam por visitar a feira para complementar suas compras e adquirir alimentos diretamente dos produtores locais. Para os consumidores, a feira funciona como uma oportunidade de comprar a um preço acessível alimentos frescos, sazonais e de origem local, que algumas vezes não são encontrados no mercado da cidade. É nesse contexto que muitos clientes optam por visitar todo primeiro sábado do mês a feira para complementar suas compras com alimentos produzidos diretamente da agricultura de São

Pedro de Alcântara/SC.

Após o período de pandemia, com o retorno das feiras e da normalidade do cotidiano, as vendas das cestas apresentaram uma pequena queda segundo Alice, alguns dos compradores preferem apenas frequentar a feira e escolher pessoalmente seus produtos, e outros voltaram para a normalidade das compras em mercados, que muitas vezes funcionam dentro de uma disputa desleal com os pequenos agricultores. Muitos moradores da cidade optam por comprar no mercado local, ou até mesmo em mercados em Florianópolis, pois muitas vezes conseguem encontrar produtos com preços mais baixos, principalmente nas grandes redes e conglomerados, que predominantemente vendem insumos provindos do agronegócio. Essa relação de contradição entre os pequenos agricultores com suas cestas e feiras e o agronegócio com suas grandes redes de mercado reflete uma estrutura desigual de poder e recursos, em que os interesses e as estratégias das grandes empresas representam uma força contrária aos objetivos e necessidades dos pequenos agricultores.

A ação do agronegócio, representado na fase do escoamento pelos grandes mercados, intervém diretamente nas escolhas e ações dos pequenos produtores. A concentração do poder econômico e político nas mãos dos conglomerados do agronegócio desempenha um papel crucial na influência exercida sobre as políticas agrícolas, como os preços dos produtos e as práticas de produção adotadas pelos agricultores

Peres (2020) descreve como as grandes empresas exercem influência sobre as políticas agrícolas no geral, muitas vezes por meio de *lobbies* e relações estreitas com o poder político, econômico e midiático. Essa influência gera medidas favoráveis ao agronegócio em contrapartida aos interesses dos pequenos agricultores, como a flexibilização de regulamentações ambientais ou a concessão de subsídios direcionados às grandes empresas, além do controle exercido por elas sobre as práticas produtivas dominantes. Ou seja, segundo Peres, o grande agronegócio a partir da sua influência, impõem padrões e exigências de uma “qualidade”, muitas vezes inatingíveis para os pequenos produtores em termos de recursos e capacidade técnica. Porém essa “qualidade” acaba se restringindo muitas vezes à estética superficial do produto, por exemplo, nos mercados convencionais, encontramos frutas de tamanho avantajado, com as cores mais bonitas e sem quaisquer marcas ou imperfeições. No entanto, essas frutas alcançam essa “perfeição” estética devido à presença significativa de substâncias agrotóxicas e pesticidas, e quando consumidas já não são assim tão “perfeitas”.

Outra diferença crucial em relação à produção sazonal é o fato de que produzir fora de época pode levar à necessidade de investimentos adicionais e aumentos de custos de produção para os agricultores familiares. Diferente do agronegócio, que a partir de suas técnicas de

monocultura, agrotóxicos, pesticidas e investimento tecnológico conseguem produzir determinada espécie o ano todo. Essa desvantagem dos pequenos produtores em relação às grandes empresas também se manifesta no escoamento dos produtos. As grandes empresas detêm o controle sobre canais de distribuição e acesso aos mercados, dificultando o alcance direto dos pequenos agricultores aos consumidores. Isso limita suas opções de negociação.

Entretanto, o grupo Agricultura familiar de São Pedro de Alcântara tenta inverter essa lógica, e consegue da sua forma competir nesse cenário desleal. As ações são diversas, e mesmo sem ter consciência a todo momento dessa disputa, os agricultores de São Pedro de Alcântara/SC e Alice buscam formas de se inserir no mercado a partir de suas estratégias coletivas, colaborativas e inventivas. Algumas delas já foram discutidas nesta dissertação, mas vale uma recapitulação, uma vez que buscamos, agora, enfatizar a disputa dentro das lógicas de venda dentro do capitalismo.

A primeira ação idealizada, é a comunicação ou o marketing, trabalho feito por Alice quase em tempo integral. Alice preza sempre pela venda acompanhada de discussão e conscientização, porque busca apresentar os benefícios de consumir alimentos sazonais produzidos dentro da paisagem local, ressaltando sempre a qualidade e o frescor da produção do grupo, além de enfatizar os valores sustentáveis de suas práticas agrícolas, frente a produção devastadora do agronegócio dentro do território nacional. A partir dessa estratégia, também podemos pensar no trabalho que o grupo faz em relação a certificações e selos de qualidade. Nem todos os sítios possuem o selo de orgânico, mas aqueles que possuem, como a “Fazenda Intié”, que produz cogumelos, e o “Sítio Terra Nova” que produz batata, mandioca e verduras, ajudam a iniciar uma construção de confiança com os consumidores. Essas certificações demonstram o compromisso desses agricultores em se adaptarem dentro das práticas exigidas para a produção do orgânico.

A segunda ação tange a variabilidade dos produtos, já que treze sítios fazem parte do grupo, a gama de variedades é grande. Assim eles podem atender a diferentes demandas dos consumidores das feiras e das cestas, respeitando a sazonalidade e características específicas de cada cultivo. A partir dessa gama diversificada de produtos, acontece um fortalecimento da posição do grupo no mercado competitivo de produtos orgânicos, familiares, ou mais saudáveis, um mercado novo mas com uma gama de consumidores a serem conquistados. Essa diversidade também acontece dentro da fabricação dos processados, que agregam valor e atratividade a seus produtos, como geléias, queijos, pestos e até salgados produzidos por eles.

Uma terceira ação consiste em estabelecer parcerias e participar de redes cooperativas. Não apenas parcerias que acontecem dentro do grupo ao compartilhar recursos,

conhecimentos e materiais de produção, mas também parcerias que acontecem dentro da própria cidade e até mesmo com a região de Florianópolis. Por exemplo o “Sítio Intié”, tem parceria com a COOPAFREN, uma cooperativa agrícola de produtos orgânicos localizada na cidade de São José/SC, e que distribui alimentos nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Outro exemplo de cooperativa para o escoamento da produção é o do “Sítio Terra Nova”, que tem uma parceria, a partir de licitações municipais, para fornecer parte dos alimentos das merendas das escolas do município.

A quarta estratégia a ser destacada são as cestas orgânicas ou familiares comercializadas pelo grupo, em especial o modelo criado localmente: o CSA. Assim os compradores podem receber as cestas durante o mês todo, fornecendo uma comodidade em relação às compras, e uma variedade de alimentos baseados na sazonalidade e produzidos dentro da paisagem local. Além dos encontros bimensais, que promovem uma discussão sobre alimentação saudável, produção consciente em harmonia com a natureza, sempre colocando em pauta os malefícios individuais e coletivos que uma agricultura industrial pode trazer.

A quinta ação, que já foi discutida neste capítulo, são as feiras livres mensais. Elas demonstram ser uma excelente maneira de conexão e aproximação direta com os consumidores e compradores da cidade. As feiras oferecem um ambiente mais próximo e pessoal, permitindo que os agricultores locais estabeleçam um relacionamento direto com os clientes; relacionamento este que muitas vezes ultrapassa o de vendedor/consumidor, atraindo esses compradores a participarem e apoiarem o grupo de diversas formas.

Estas ações adotadas pelo grupo, além de seus objetivos comerciais, acabam, conscientemente ou não, gerando ações práticas em relação à forma que enxergamos e fazemos agricultura no nosso país. Não podemos mais pensar nas paisagens e seus ciclos naturais como arcaicos ou antimodernos, pois o progresso pressupõe que devemos ter controle total sobre os acontecimentos na terra, e qualquer coisa que fuja do nosso domínio e tenha um caminho por si só é considerado não moderno, ou não alinhado ao progresso humano. Segundo Anna Tsing

Para os humanistas, os pressupostos do domínio humano progressivo encorajaram uma visão da natureza como um espaço romântico de antimodernidade (...) Novos desenvolvimentos na ecologia tornam possível pensar de forma bastante diferente, introduzindo interações entre espécies e histórias de distúrbios. Nesta época de expectativas diminuídas, procuro ecologias baseadas em distúrbios em que muitas espécies às vezes

vivem juntas sem harmonia ou conquista.²³ (TSING, 2015, p. 04)

A busca implacável por recursos, um dos princípios básicos do capitalismo, reflete na forma com que o agronegócio enxerga o progresso e busca suas vantagens. Dentro dessa lógica, quando um recurso específico se esgota ou não é mais viável, as pessoas e seus instrumentos abandonam o local em busca de novos recursos em outro lugar. Esse processo de alienação da natureza e dos espaços vivos, geram nada mais do que ruínas e abandono. Nas palavras de Tsing:

Aqui, atender aos emaranhados do espaço vital parece ineficiente e talvez arcaico. Quando seu ativo singular não puder mais ser produzido, um lugar pode ser abandonado. A madeira foi cortada; o óleo acabou; o solo da plantação não suporta mais as lavouras. A busca por ativos retoma em outro lugar. Assim, a simplificação para a alienação produz ruínas, espaços de abandono para produção de ativos (TSING, 2015, p. 5)

Em um contexto de incerteza e instabilidade, somos obrigados a buscar vida nessas ruínas. Um bom começo para fazer esse resgate é incentivando nossa curiosidade e nos libertando das narrativas simplistas de progresso que nos foram impostas. Anna Tsing (2018), em um artigo sobre suas pesquisas com forrageadores de cogumelos nos EUA, demonstra como essa relação entre o trabalho na terra e a noção de exploração e de liberdade são absolutamente complexas, e descreve a colheita comercial de cogumelos nas florestas dos Estados Unidos como um exemplo de uma “cultura popular de liberdade”. Nessa pesquisa com forrageadores tanto estadunidenses veteranos de guerra quanto imigrantes ou foragidos dos conflitos armados do sudeste asiático, é comum ouvir relatos sobre a associação entre colher cogumelos com a liberdade. A pesquisa aborda a relação entre a política de liberdade de um país imperialista e o empreendedorismo. O que a autora denomina de “neoliberalismo popular”, é uma tentativa de explicar porque pessoas pobres endossam o empreendedorismo como uma forma de liberdade. Nessa lógica, o comércio de cogumelos é visto como parte de cadeias globais de suprimentos, possibilitando a produção de *commodities* e representando esse empreendedorismo. O compromisso com a liberdade é uma ideologia propagada com força nos Estados Unidos, tanto por isso, esses forrageadores a partir de suas memórias de guerra, veem seu trabalho na terra como sobrevivência e subsistência a partir do conceito de liberdade.

A colheita comercial de cogumelos é uma forma de empreendedorismo para aqueles não apenas sem capital, mas também sem o privilégio de lares ancestrais seguros.

23 Tradução minha

As suas confluências de liberdade política e de mercado também são centrais para outras estratégias que permitem às pessoas sobreviver a perturbações, a deslocamentos e a guerras. (TSING, 2018, p. 234)

O exemplo nos faz perceber que existem outros modos de produzir e de se desenvolver dentro das diversas realidades. Cada ser vivo, seja ele humano ou não, molda o mundo através de ciclos de crescimento e padrões reprodutivos ao longo da vida. Existem múltiplos projetos de projeção do tempo e do espaço, à medida que os seres vivos se unem e coordenam para formar paisagens multiespécies. Alice e o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, são um exemplo de como as coisas e ações transformadoras podem ser feitas em tempos diferentes do que aqueles impostos pelo progresso capitalista, através de uma agricultura sazonal, e em comunhão com o tempo das coisas, Alice e o grupo não só se inserem no mercado, mas também fazem um papel de conscientização e divulgação da agricultura familiar em São Pedro de Alcântara e no estado de Santa Catarina.

Baseado no debate e reflexões sobre a lógica constitutiva da agricultura familiar através das ações do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, percebe-se uma capacidade de adaptação, e da potência dessa forma de fazer agricultura como uma alternativa viável para o desenvolvimento rural. No entanto, é crucial reconhecer os desafios que esses agricultores enfrentam diante da desigualdade estrutural frente ao agronegócio. A reflexão é válida para pensar na forma em como a agricultura familiar no Brasil pode ser cada vez mais valorizada, seja através de práticas conjuntas, políticas públicas que valorizem e apoiem suas produções sazonais e locais, possibilitando o acesso a recursos, estrutura, mídias e mercados. Além disso, a formação de alianças e cooperativas, bem como a conscientização dos consumidores sobre a importância de uma agricultura que pense e ande junto com todas espécies presentes na produção, desempenham papéis fundamentais na busca por uma mudança na lógica do sistema agrícola no Brasil.

3.4 AGRICULTURA FAMILIAR EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC: REFLEXÕES SOBRE IMIGRAÇÃO, PAISAGEM E DESENVOLVIMENTO LOCAL.

De acordo com a metodologia proposta, uma compreensão histórica e geofísica da formação do ambiente e das paisagens é fundamental para uma análise dinâmica desse espaço social. Baseado no conhecimento proposto pelo materialismo dialético, e desenvolvido nessa pesquisa em conformidade com a antropologia de Tim Ingold e Anna Tsing, pensamos na

história não como um conjunto de eventos isolados, mas sim como um processo ativo, complexo e interconectado, moldado por forças sociais, econômicas, políticas e naturais.

As estruturas sociais, as instituições políticas, as relações de classe, tais quais os ambientes e paisagens não são estruturas fixas ou imutáveis, mas produtos históricos que refletem as relações entre os seres vivos e suas transformações ao longo do tempo. Ao adotar uma perspectiva histórico-materialista, reconhecemos que as transformações sociais não são lineares. Elas são o resultado de processos contraditórios e conflitos de classe, e que a análise dialética permite captar as contradições internas de determinado espaço social, bem como as possibilidades de superação e avanço. Para prosseguir com o viés da discussão, devemos pensar na agricultura no Brasil, mais especificamente no Sul do país, partindo das diversas temporalidades presentes na construção dessa forma de desenvolvimento de vidas, e buscar as conexões, ou até mesmo as desconexões com os movimentos agrícolas atuais.

Segundo José Raul Staub (2020), a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao território de Santa Catarina em 1828, foi impulsionada pela visão estratégica do governo imperial brasileiro em estabelecer um modelo agrícola baseado na estrutura da pequena propriedade familiar. Ao conceber esse modelo, o governo buscava promover a colonização e o desenvolvimento da região, utilizando-se da mão de obra dos imigrantes alemães. A ideia central era criar uma base agrícola pautada na propriedade familiar, como forma de fomentar a ocupação territorial e o desenvolvimento local.

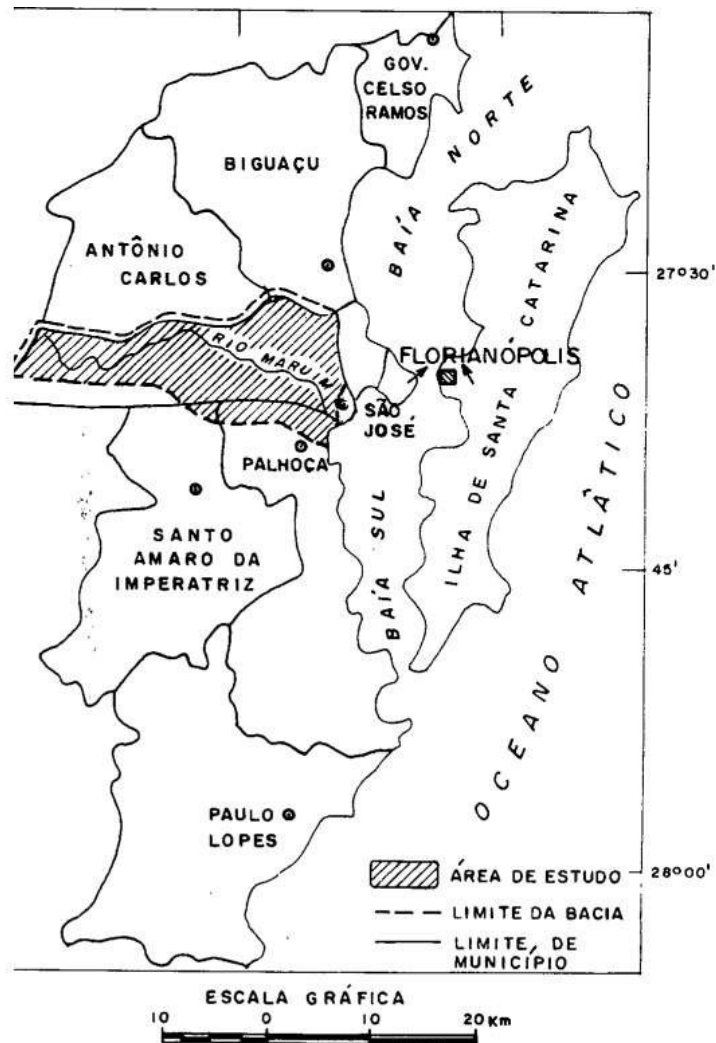
Se observa na legislação imigratória brasileira, começando com contratos determinando a fundação da 1ª colônia, com imigrantes suíços, em 1819, fixados em Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro; e, acontecendo até os decretos-leis posteriores à 2ª Guerra Mundial: privilegiava-se a vinda de agricultores, subsidiando, em grande parte, a imigração destinada a projetos de colonização. Logo, a colonização de Santa Catarina, mormente depois de 1850, se efetivou mediante a concessão familiar de lotes com aproximadamente 25 (vinte e cinco) hectares, demarcados a partir de picadas abertas na floresta, chamadas “linhas”, muitos destes, acompanhando cursos d’água. (STRAUB, 2020, p. 02)

Na prática da agricultura familiar de São Pedro de Alcântara/SC, pude observar a conexão dessa dimensão histórica a partir das técnicas de domínio da paisagem pelos agricultores locais. Três dos quatro sítios que visitei durante a pesquisa de campo ainda apresentavam conexões com essas “linhas” citadas por Staub, já que essas acompanham o curso da água do Rio Imaruí (ou Maruim) e tiram da lá grande parte dos recursos para seus sítios e suas plantações. Ao longo de seu percurso, o Rio Imaruí atravessa o município de São Pedro de Alcântara, e em seu trecho final, banha os municípios de Palhoça e São José. Segundo os pesquisadores Maria Dolores Buss, Luís F. Scheibe e Sandra M. A. Furtado “Este

rio apresenta um perfil longitudinal com grande desnível, com suas nascentes a 750 m de altitude, nos terrenos das “Serras do Leste Catarinense”, e a planície aluvial na divisa com o município de São José a partir dos 100 m de altitude” (Buss, Scheibe & Furtado (2002, pg 10)

O Rio Imaruí desempenha um papel fundamental para as atividades do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, já que a água proveniente do rio é utilizada para a irrigação das plantações e abastecimento das casas e sítios das famílias do grupo. Não só o grupo pesquisado, mas a agricultura local se apoia nas águas do rio, tornando-o um recurso vital para o desenvolvimento social, cultural e econômico da região.

Figura 16: Mapa



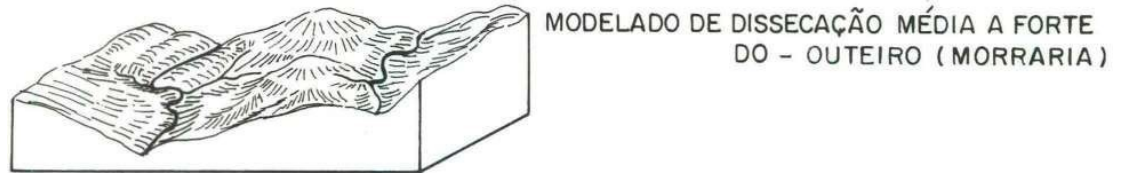
Fonte: Ferreira, Rubia Correa da Silva - Bacia do Rio Marum : transformações e impactos ambientais - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (1994) pg 10

O modelado do relevo apresenta formas montanhosas, predominante nos limites das bacias, formando cristas e serras. No restante da área dominam as formas de colinas e morrarias com topos arredondados. Os condicionantes geológicos que definem a paisagem da região, geram modelados intensamente dissecados²⁴, onde se observa sulcos e vales profundos. O modelo predominante na região, conforme apontado por Rubia Correia da Silva Ferreira, é o Modelo Dissecação Outeiro (Morraria), que “apresenta vales encaixados conformando morros com vertentes convexas-côncavas, com amplitudes altimétricas em

24 A dissecação é uma característica do relevo que mostra como a energia moldou uma região ao longo do tempo. Ao avaliar o grau de dissecação, podemos entender como a paisagem foi formada e identificar diferentes padrões de textura na superfície. (ESTUDO DA DISSECAÇÃO DO RELEVO NO ALTO RIO PIRANGA (MG), William Zanete BERTOLINI Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Chapecó, SC)

torno de 100 a 200 metros” (FERREIRA, 1994, p. 32)

Figura 17: Relevo



Fonte: Ferreira, Rubia Correa da Silva - Bacia do Rio Maruim : transformações e impactos ambientais - Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (1994) p. 32.

Devido a esses sulcos e vales profundos, conforme demonstrado na imagem, as práticas agrícolas da região estão em conformidade e se adequam a esse tipo de paisagem. Pude observar em todos os sítios visitados como a lógica do plantio nessas condições geográficas se adequa. Em minha visita ao sítio Badalotti, ouvi de Cleonir e Ivete algumas estratégias adaptativas. Ivete me explicou que “se o plantio é no chão, as culturas que precisam de mais água ficam aqui na parte de baixo, e as que precisam de menos água a gente planta lá pra cima”. Isso acontece porque vales e áreas mais baixas tendem a reter mais umidade.

Outro fator que deve ser levado em conta e me foi explicado por Arthur do Sítio Iगतú, é a exposição solar das culturas, ou seja, como deve ser levado em conta a posição dos morros em relação ao sol. Segundo Arthur, as áreas mais elevadas voltadas para o sul podem receber menos luz solar direta, o que pode afetar o crescimento de determinadas plantas ou favorecer aquelas que não precisam de tanta exposição solar. Em contrapartida, áreas elevadas voltadas para o norte ou para o leste (dependendo da região, da época do ano, e de outras características geográficas) podem receber mais luz solar e serem mais favoráveis ao plantio de determinadas culturas.

A relação entre a história e a geografia de São Pedro de Alcântara/SC me proporcionou um cenário para compreender as transformações socioambientais dessa região. As concepções naturais e históricas através da ótica de sociólogos e antropólogos como Tim Ingold e Anna

Tsing abriram um campo para a observação da interação entre a ocupação humana, o ambiente, as paisagens e as dinâmicas culturais da cidade. A herança da chegada dos imigrantes alemães, como destacado por Seyferth (2011), marcou o início de uma trajetória que moldou a identidade dessa comunidade. Porém, a metodologia histórico- dialética contribui para que uma elaboração crítica mais profunda sobre a colonização que não nos é mostrada nos livros e documentos oficiais. Sabe-se que, na verdade, o processo de colonização no Brasil não foi um mar de rosas – mais se aproximou de um mar de sangue –, visto que existiam populações humanas ocupando esse espaço, populações que foram mortas ou forçadas a deixar suas terras. Em Santa Catarina e em São Pedro de Alcântara não foi diferente. O discurso de caráter “oficial” insiste em afirmar que a chegada de imigrantes ao território catarinense no século XIX, especialmente alemães e italianos, foi altamente benéfica para a prosperidade e desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. No entanto, é importante lembrar que esse chamado "progresso" foi precedido por uma enorme expropriação dos povos indígenas durante o processo colonizador. O governo e as autoridades da época ao promoverem políticas de ocupação e colonização tratavam as populações nativas como obstáculos ao desenvolvimento econômico e ao chamado "progresso" pretendido. Essas autoridades buscaram justificar suas ações com base na ideologia do "branqueamento" da população, atraindo europeus para povoar a região, em detrimento das comunidades indígenas. Ana Lúcia Vulfe e Andreia Mendes de Souza (2011), afirmam que para entender a verdadeira história da ocupação do território catarinense e suas consequências para os povos indígenas, é essencial revisar e reconhecer os aspectos omitidos nas construções das narrativas históricas. Segundo as autoras:

Para termos idéia dos embates que ocorriam, basta levarmos em conta que o governo favoreceu grandemente a imigração, mas aos imigrantes omitia o fato de que já existiam moradores aqui. ‘Imediatamente surgia uma grande clareira na selva e aceiros; posteriormente o fogo e a roça vicejante nas íngremes montanhas do Rio Cubatão, Capivari e dos Bugres desfiguraram a floresta e denunciavam a presença de estranhos’ sendo que, a consequência disso tudo foi que os ‘índios’ tiveram suas terras invadidas sem explicação e permissão alguma. (2011, p. 04).

Ainda segundo as autoras, antes da grande chegada dos europeus ao território catarinense, a partir do século XVIII, os povos indígenas que habitavam o Estado foram submetidos a processos violentos e expulsão. A abertura da Estrada de Tropas em 1728 e o subsequente surgimento de Lages em 1771, juntamente com o estabelecimento de fazendas de criação, desencadearam uma fase inicial de desestruturação do território tradicionalmente utilizado pelos indígenas para fins de caça, pesca, coleta e habitação.

Comparando com a colonização portuguesa e políticas colonizadoras das grandes

fazendas de café durante o período imperial e da Primeira República, a colonização de Santa Catarina é enaltecida e celebrada como uma "colônia de povoamento". É ensinado nas escolas e no discurso oficial que este modelo colonizador é mais brando em relação à chamada "colônia de exploração". Essa abordagem histórica se ajusta à narrativa da historiografia catarinense, que, segundo esse modelo explicativo, a colonização é vista como um dos principais impulsionadores do desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Porém, mesmo nesse formato de colonização, a natureza é reduzida a um mero recurso para o progresso e a história dos povos que já habitavam essas terras são invisibilizadas. Segundo Lauri Emilio Wirth (2016), para os indígenas, a "colônia de povoamento" é ainda mais devastadora do que a que enfrentaram no início do período colonial brasileiro. Naquela época, pelo menos do ponto de vista teórico, os indígenas eram considerados subordinados em potencial e alvo de missões catequizadoras da igreja. No entanto, nessa visão civilizatória dos "colonizadores tardios", os indígenas são apenas vistos como obstáculos à colonização que precisam ser expulsos ou exterminados. Tudo isso em prol de um único objetivo: a apropriação das terras indígenas para fins comerciais. Segundo o autor:

O Congresso de Americanistas, realizado em Viena, em 1908, contribuiu decisivamente para a mudança de postura dos órgãos oficiais em relação à questão indígena no Brasil. Representaram o Brasil naquele Congresso o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Um dos participantes, Alberto Vojtec Fric, denunciou que, no sul do Brasil, o extermínio dos indígenas estaria rendendo uma valorização de 1.500% das terras das colonizadoras, por serem consideradas terras livres de índios (2016, p. 156.)

Em São Pedro de Alcântara/SC, o cenário não foi diferente. Os Guaranis que habitavam a região, foram expulsos ou exterminados para que o "progresso" pudesse ser trazido pelos alemães.²⁵ Em minha primeira visita à feira mensal, enquanto acontecia a celebração do aniversário da cidade, um vereador local fez uma fala muito marcante, onde afirmou que: "a gente fala muito sobre a colonização alemã da cidade, exalta os colonizadores que construíram São Pedro, mas a gente esquece que aqui nessas terras já existiam povos nativos! Os Guaranis ocupavam e vivam nesta e desta terra, mas foram todos assassinados em nome de um falso progresso." Tive a impressão de que a maioria dos presentes não deram atenção ou importância para sua fala, e logo as músicas tradicionais alemãs voltaram a tocar alto nas caixas de som.

25 Não foram encontradas dentro de textos acadêmicos e da literatura a história dos Guaranis que habitavam a região de São Pedro de Alcântara/SC. Mais uma prova do apagamento histórico e social que esses povos sofreram e sofrem até os dias de hoje.

Uma das questões mais pontuadas entre os moradores da cidade, é o fato de que a colonização da cidade foi uma das primeiras do Sul do Brasil, e a primeira colônia alemã do estado de Santa Catarina, segundo Seyferth:

O ponto de partida da colonização do sul foi a fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, por imigrantes alemães, em 25 de julho de 1824, numa iniciativa subsidiada pelo governo imperial brasileiro. A localização de imigrantes prosseguiu, de forma incipiente, até 1829, ano da fundação da colônia de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina. Nesse período, cada família recebeu um lote de terras de 75 hectares, por concessão gratuita. (2011, p. 12)

Após a promulgação da Lei 601, a Lei de Terras, em 1850, houve uma efetiva regulamentação da colonização estrangeira, especialmente nas regiões de expansão dos núcleos coloniais, principalmente no sul. Essa expansão foi impulsionada por uma série de fatores, que incluem tanto os esforços do governo imperial em atrair colonos europeus por meio de intermediários que ofereciam subsídios às famílias imigrantes, como também a abertura para a iniciativa privada, permitindo a constituição de empresas colonizadoras por empreendedores, de preferência estrangeiros.

A concentração de colônias no sul tem explicação adicional. Na década de 1840, o governo imperial transferiu o controle de uma parte das terras devolutas para as províncias interessadas em promover a colonização (depois referendado pela Lei de Terras); também foi proibida a posse de escravos por colonos estrangeiros. Nesta circunstância, foram as províncias do sul, particularmente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com baixa densidade populacional e vastas áreas não ocupadas por “gente civilizada” (conforme expressão da época), que aceitaram dividir a responsabilidade pela localização de colonos com o governo central. (SEYFERTH, 2011, p. 13)

São Pedro de Alcântara/SC teve um papel importante na história da imigração europeia e no estabelecimento do campesinato na região. A chegada de imigrantes europeus, deu início para a formação da comunidade agrícola em São Pedro de Alcântara/SC como conhecemos hoje. Giralda Seyferth, em sua obra "Campepinato e Estado", enfatiza a importância do campesinato como uma forma de organização social e produtiva que se estabeleceu nas áreas rurais. A autora nos explica grande parte da origem dos trabalhadores do campo no Sul do país, especialmente em Santa Catarina, ao explorar o conceito de “colonos-operários”. Esses trabalhadores no geral eram imigrantes, que passaram a trabalhar em indústrias e fábricas nas cidades, mas mantiveram vínculos com a agricultura familiar. Os chamados “colonos-

operários” mantinham suas raízes no campo, usando a produção agrícola como uma forma de suplementar a renda familiar e muitas vezes garantir a subsistência. Nas palavras de Seyferth:

Colonos-operários – a maioria da população rural. São aqueles colonos que possuem terras de lavoura em pequena ou média quantidade (nos padrões locais) e por isso têm membros da família que trabalham como assalariados nas indústrias locais ou de cidades próximas. A maioria deles não tem “safra” (ou, quando têm, esta não é suficiente para assegurar uma renda compatível), e a policultura atende, principalmente, à subsistência do grupo doméstico, só excepcionalmente produzindo excedentes para venda [...] Trata-se daqueles trabalhadores que na literatura especializada são conceituados como worker-peasants, e cuja atividade é designada como part-time farming – isto é, operários que se dedicam em tempo parcial à lavoura na pequena propriedade familiar (SEYFERTH, 1992, p. 66).

Segundo a autora, esses “colonos-operários”, mesmo trabalhando nas fábricas localizadas nas cidades, não abandonaram o trabalho e a produção em suas propriedades agrícolas. No início da industrialização, eles encararam o trabalho na fábrica como uma complementação das atividades agrícolas e optaram por continuar morando em suas casas nas áreas rurais e fazer deslocamentos diários de até quilômetros para o trabalho nas fábricas.

A colônia é concebida como propriedade da família e seu significado extrapola qualquer consideração de ordem econômica: ela é representativa da identidade social do colono e da sua relação com a terra; ela expressa o enraizamento da família camponesa na comunidade local (Seyferth, 1985, p. 23)

No contexto histórico da imigração e ocupação das terras do sul, a relação entre os primeiros trabalhadores da região de São Pedro de Alcântara/SC e o movimento atual da agricultura familiar pesquisado demonstra algumas conexões. Em um embasamento histórico e dialético podemos vislumbrar a continuidade e a transformação das práticas agrícolas na cidade, destacando a relevância de compreender as raízes históricas para uma análise mais completa e crítica do desenvolvimento socioeconômico e ambiental dessa região através das ações dos trabalhadores da terra. Alguns pontos em comum traçam vínculos desses primeiros trabalhadores da região com o movimento atual da agricultura familiar em São Pedro de Alcântara/SC dentro do grupo estudado.

Pude observar que, na questão do trabalho, assim como os colonos, parte dos pequenos trabalhadores agrícolas do grupo possuem trabalhos “tradicionais” fora de seus sítios. Como o exemplo de Alice e sua família, que trabalham também com uma floricultura muito conhecida e visitada na cidade. Ou no caso de Arthur, que tem a função de professor universitário e pesquisador da área da permacultura. Em alguns casos, esses agricultores são

aposentados de outras funções, e usam o trabalho familiar na terra como um complemento da renda, como por exemplo Cleonir, que trabalhava em uma penitenciária na cidade, antes de se dedicar exclusivamente para o plantio, colheita e venda de insumos produzidos dentro do sítio Badalotti.

Em minha visita ao sítio Badalotti, quando conversávamos sobre o trabalho na terra, Cleonir comentou que preferia trabalhar no sítio em relação ao emprego anterior que tinha. Cleonir trabalhava em uma penitenciária da cidade, e alguns anos antes de aposentar, junto com sua esposa Ivete e seu filho que já não morava mais no sítio durante minhas visitas, intensificaram o trabalho produtivo na terra, que já havia sido iniciado a alguns anos, principalmente pelo pai de Ivete, que segundo ela “sempre trabalhou na terra [...] já trabalhou para outras pessoas, mas já teve seu espacinho próprio também. Hoje em dia, com quase 90 anos, ele ainda nos ajuda aqui todo dia”.

Cleonir, assim como os colonos operários, mas em condições históricas e sociais distintas, também vivenciou uma dualidade em sua jornada de trabalho. Ao se aproximar da aposentadoria, Cleonir fortaleceu sua conexão com o trabalho na terra, dedicando mais tempo e esforço ao cultivo e à produção agrícola. Quando comparado ao emprego anterior, segundo ele “Trabalhar aqui na terra é muito melhor, a gente consegue ter um ritmo mais tranquilo e estar mais no controle das coisas”. Nas conversas, percebi que para ele, o trabalho na agricultura é mais do que só uma fonte de renda, é também uma expressão do que Bruno Latour (2012) chama de “modos de existência”²⁶ enquanto agricultor, e a busca por conexões e laços com outros agricultores da região. Cleonir é uma pessoa muito ativa dentro do grupo, e participa de todos os encontros, conversas, reuniões e cursos ministrados pelo grupo.

Mesmo que com suas diferenças, o caminho percorrido por Cleonir, descendente direto dos alemães que colonizaram a região de São Pedro de Alcântara, assemelha-se em certo grau ao dos colonos operários, que, mesmo inseridos no contexto urbano e industrial, mantinham seus trabalhos nos sítios juntos com os membros da família como forma de aumentar a renda. A dedicação de Cleonir ao trabalho na terra e sua conexão familiar com o passado da região, nos ajuda a compreender a relevância das complexas relações entre história, cultura e agricultura familiar, revelando como esses elementos se entrelaçam e moldam a trajetória desses agricultores familiares e suas comunidades ao longo do tempo.

Conforme apontado por Seyferth, a dinâmica do camponês, que simultaneamente

26 Pensando em modos de existência em Bruno Latour (2012). Segundo o autor, existem múltiplos modos de existência, que se desenvolvem com suas próprias características, lógicas e formas de ser. Cada modo de existência é uma rede complexa e dinâmica de entidades, humanas e não humanas, que estão interconectadas e interdependentes e se criam a partir da história, do ambiente, da política, da economia, da religião entre outros.

desempenha os papéis de “trabalhador e patrão”, tem o efeito de suavizar a percepção de exploração, transformando-a em uma espécie de mal necessário. Nesse processo é possível observar uma lógica baseada na família e em valores morais em contraste com a racionalidade econômica capitalista em sua forma mais pura. Esse disfarce da sensação de exploração ocorre devido à relação íntima e complexa que os trabalhadores rurais têm com a terra e com as atividades agrícolas, pois ao se verem como proprietários de seus próprios meios de produção, eles internalizam a ideia de que estão trabalhando para si mesmos e para o sustento de suas famílias. Essa perspectiva confere um sentido de propósito e dignidade ao trabalho, o que diminui a sensação de exploração em relação a outras formas de trabalho assalariado. Além disso, a lógica familiar desempenha um papel central na vida desses trabalhadores. As relações sociais e econômicas são permeadas por laços familiares, tradições transmitidas de geração em geração e valores culturais enraizados, já que para eles a ideia de preservar a unidade e o bem-estar da família é fundamental, e essa lógica influencia as decisões e ações relacionadas ao trabalho e à economia. Dessa forma, a racionalidade econômica capitalista, que busca maximizar o lucro individual e a acumulação de capital, cede espaço para a valorização da solidariedade familiar e do bem comum. É importante destacar que essa diluição da sensação de exploração e a prevalência da lógica familiar e moral não significam que não haja contradições ou tensões presentes. As demandas econômicas, as transformações sociais e as pressões externas podem desafiar e perturbar essa lógica familiar.²⁷ No entanto, é a interação entre as dimensões ambientais, econômicas, sociais, familiares e culturais que molda a percepção e a vivência do trabalho pelos trabalhadores rurais, criando uma realidade complexa e muitas vezes contraditória. Nas palavras de Seyferth:

[...] o camponês é explorado, mas também se autoexplora; ou nos termos do tratamento das contradições dadas por Grignon (1975) é explorado por adversários anônimos, por ninguém, por todos, por mecanismos abstratos, pelo mercado e até por “outros” representados por si mesmo (2011, p. 401).

Vale ressaltar que no contexto em que Seyferth está discutindo, no momento da chegada de colonos europeus, eles eram vistos como civilizadores e modernizadores, sua capacidade produtiva é altamente valorizada, por isso a cobrança em cima do trabalho é tão

27 Além de questões internas, como a hierarquia dentro de produção familiar, onde o patriarca muitas vezes exerce controle sobre a esposa e filhos. Segundo Mariane Rodrigues Silva (2019), existe uma desigualdade de gênero socialmente construída e enraizada no meio rural que se baseia na divisão sexual do trabalho. Segundo a autora, muitas vezes, devido a pressão do marido, existe uma fragilidade da mulher no autorreconhecimento enquanto trabalhadora rural, sobretudo no acesso a políticas públicas.

marcante. Observei, em alguns sítios visitados, como a importância do trabalho e da “não preguiça” é algo importante para muitos desses trabalhadores. O exemplo ficou bastante explícito especialmente vindo daqueles descendentes de colonos europeus, que herdaram essa lógica do trabalho como algo edificante. O trabalho faz parte dos modos de existência dos camponeses colonos, e dos trabalhadores rurais que os sucederam. O valor do trabalho é visto como moral e civilizatório, sendo extremamente prezado desde a infância e transmitido pela família. Esse valor está relacionado ao trabalho manual nas atividades rurais, enquanto o trabalho intelectual era menos reconhecido por esses colonos camponeses.

Essa valorização do trabalho manual reflete a ênfase na produção material e no esforço físico como elementos centrais para a construção da identidade e da autoimagem dos colonos e camponeses. Essa perspectiva influencia não apenas suas atividades cotidianas, mas também suas relações sociais, sua visão de mundo e sua posição na estrutura social.

3.5 NATUREZA, ESTADO E SOCIEDADE

Estamos cercados por muitos projetos de construção do mundo, sejam eles humanos ou não. Projetos de construção de mundo emergem de atividades práticas de construção de vidas, já que no processo eles alteram o mundo. A finalidade dessa dissertação não é definida pela pretensão de “fechar” o universo rural da agricultura familiar, pois, seguindo os trilhos abertos por Ingold e Tsing, devemos “abrir” novos mundos, através de uma etnografia que educa a percepção e abre os olhos para outras possibilidades de ser.

Segundo Tsing (2015), as artes de notar, como perceber pequenas alterações nas paisagens, ver e escutar diariamente as coisas e sentir as mudanças do ambiente, são consideradas arcaicas porque são incapazes de “escalar” as coisas. “A capacidade de fazer com que a estrutura de pesquisa se aplique a escalas maiores, sem alterar as questões de pesquisa, tornou-se uma marca registrada do conhecimento moderno.” (Tsing, 2015, p. 41). Para pensar na agricultura familiar da forma proposta, devemos deixar de lado essa lógica e assumir que o “não-escalável” também pode ser conhecimento. Os passos da pesquisa se construíram dentro dessa dinâmica, considerando que observar é uma forma de estar em interação com o que acontece ao redor; observar é ver, ouvir, cheirar e sentir, e participar, por sua vez, significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre.

A herança do pensamento dualista insinua que observação e participação estejam em contradição. Essa ideia está ancorada nos protocolos da “ciência normal”, na qual precisamos

estar desligados do mundo para conhecê-lo. Desde o Iluminismo, filósofos ocidentais nos apresentaram uma visão grandiosa da natureza, porém, também a retrataram como algo passivo e mecânico, vista como um cenário e um recurso para a intencionalidade moral do ser humano, o qual tem o poder de subjugar e dominar a natureza em prol de seus interesses.

Segundo Anna Tsing:

Toda essa domesticação e domínio fez uma bagunça tão grande que não fica claro se a vida na terra pode continuar. Em segundo lugar, interespecies emaranhadas que antes pareciam matérias de fábulas, agora são materiais para a discussão séria entre biólogos e ecologistas, que mostram como a vida requer a interação de muitos tipos de seres. Os humanos *não podem*²⁸ sobreviver pisando em todos os outros. (TSING, 2011, p. 10)

Nas últimas décadas, o clima da Terra está mudando de forma não desejada, e o avanço da industrialização revelou-se muito mais danoso para a vida na Terra do que se poderia imaginar há um século. A justificativa máxima de almejar o progresso econômico não mais se sustenta, pois a economia já não é uma fonte de crescimento constante, e as crises econômicas atingem até o mais imperialista dos países. Essa precariedade não é apenas um jargão da militância, e o reflexo dessas ruínas atinge principalmente o destino dos mais pobres e com menos condições econômicas, políticas e sociais. Neste contexto, é crucial repensar nossa posição na natureza, e reconhecer a importância das trocas harmônicas entre todas as formas de vida. A antropologia multiespécie de Anna Tsing, a Antropologia da Vida de Tim Ingold, o pensamento ambiental crítico de Enrique Leff e a noção de espécies companheiras de Donna Haraway nos convidam a reimaginar uma narrativa que valorize a interdependência entre os seres humanos e as demais espécies que constroem a vida como conhecemos na Terra. Por isso, o método utilizado nessa pesquisa propõe repensarmos essas partilhas, buscando construir um conhecimento que emerge a partir das encruzilhadas de vidas vividas junto dos outros.

Para Tim Ingold (2011), as ações humanas têm um impacto significativo não apenas nos próprios seres humanos, mas também nos seres vivos não humanos, estabelecendo condições que afetam o seu desenvolvimento. Um grande exemplo disso se encontra na discussão que percorreu toda dissertação, ou seja, o trabalho dos agricultores, que além de desenvolverem suas condições de vida a partir do trabalho na terra, criam ambientes propícios para o crescimento e desenvolvimento das plantas cultivadas e animais criados. Além disso, é importante reconhecer que nem todos os agentes de produção são humanos, e é possível demonstrar como vários seres não humanos contribuem para ambientes específicos, não

apenas para o seu próprio crescimento e desenvolvimento, mas também para o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos. Portanto, a vida social humana não deve ser vista como algo separado da natureza, mas sim como uma parte integrante do que ocorre em todo o mundo orgânico. Nossas ações e interações estão entrelaçadas com as dos seres não humanos, e juntos fazemos parte de um tecido interdependente de vida e coexistência.

A pesquisa se desenvolveu a partir de um conhecimento dialético, baseado nas linhas historicamente construídas. Esse conhecimento consiste não em proposições sobre o mundo, mas em habilidades de percepção e capacidade de observação que se desenvolvem no decorrer do engajamento direto, prático, e atento com o que está a nossa volta. Segundo Tim Ingold:

Eu tenho uma visão diferente, a vida orgânica, como eu encaro, é atividade, ao invés de reatividade. Um desdobramento criativo de todo um campo de relações dos quais os seres emergem e assumem suas formas particulares, cada um em relação com/aos outros. A vida nessa visão, não é a realização de formas pré especificadas, mas um processo em que formas são geradas e mantidas em seu lugar. (INGOLD, 2016, p. 07).

Todo o ser, à medida que entra nesse processo e o leva adiante, surge como um centro singular de consciência e agência. A partir dessa reflexão, Tim Ingold (2011), apresenta uma visão dinâmica sobre o ambiente, e é com essa noção de ambiente que a presente discussão se construiu. Para o autor, ambiente é um termo relativo pois a existência de um organismo está intrinsecamente ligada ao ambiente em que ele se encontra, ou seja, não há ambiente sem organismo, assim como não há organismo sem ambiente. “Assim o meu ambiente é o mundo como ele existe e ganha sentido em relação a mim, e dessa forma surgiu e desenvolveu-se comigo e ao meu redor.” (INGOLD, 2010, p. 12). Outro ponto importante para o autor é que o ambiente nunca está completo, pois ele é constantemente moldado pelas atividades dos seres vivos. Enquanto a vida continuar, o ambiente estará em constante construção, assim como os próprios organismos inseridos nele.

Ao tratarmos do “ambiente rural” na perspectiva de Tsing e Ingold, consideramos um ambiente em constante transformação e mudança tanto pela ação dos agricultores na terra quanto pelas conseqüentes transformações daquele ambiente pelas plantas e animais inseridos em determinadas paisagens.²⁹ Em minha visita ao sítio Iगतú durante as conversas sobre permacultura, Arthur me explicou que essa metodologia de desenvolvimento com a terra, vê o ambiente, a moradia e os “habitantes” como um mesmo organismo vivo, segundo ele “o

29 Dentro do estudo de campo, ficou claro que as vegetações “nativas” daquele ambiente em São Pedro de Alcântara/SC, hoje em dia se misturam com as diversas espécies introduzidas pelo processo de colonização e pelo desenvolvimento que se construiu na cidade.

ecossistema pra gente nada mais é do que uma comunidade de organismos interagindo com o ambiente físico formando uma unidade ecológica”. Segundo Arthur e sua visão da permacultura, todo organismo vivo cumpre sua função específica, e depende de outros seres para desempenhar essa função no ambiente em que está inserido. Essa relação de sobrevivência e trabalho é importada para os estudos e práticas da permacultura, onde todos tem sua importância para manter um equilíbrio dentro do ambiente.

Conforme as abordagens da permacultura, é fundamental reconhecer que o meio ambiente não é algo imaginativamente separado dos seres vivos. Nós não simplesmente existimos de forma isolada, mas coexistimos e somos mutuamente interdependentes. Ainda segundo Arthur, todos os seres vivos compartilham um código genético básico, constituindo uma teia de vida que inclui até mesmo os microorganismos. Essa rede complexa é responsável pela criação dos biomas e da biodiversidade, sendo crucial para a sobrevivência e subsistência de toda a vida neste planeta. Assim sendo, a agricultura não pode pensar de forma diferente se quiser estar alinhada com a vida na terra. Para Ingold, tanto organismo quanto ambiente estão imersos em um processo em tempo real, um processo de crescimento e desenvolvimento mútuo.

Agora eu posso explicar melhor o que eu digo por “ecologia da vida”. São dobradiças de uma resposta a uma pergunta de Bateson: “O que é organismo mais ambiente?”. Para a ecologia tradicional, significa uma simples adição de uma coisa a outra, em que ambos têm suas particularidades, independentemente de suas relações mútuas. Assim o organismo é pré especificado genotipicamente antes de sua entrada no ambiente; o ambiente é especificado como um conjunto de coerções físicas, antes mesmo do organismo chegar para preenchê-lo. (INGOLD, 2021, p. 21)

Para o autor, a noção de ecologia que nos é ensinada desde a infância pode ser considerada “antiecologica”, já que ela define organismo e ambiente como mutuamente excludentes, que só posteriormente são reunidas e interagem entre si. Uma abordagem propriamente ecológica, para Ingold, é aquela que tomaria, como seu ponto de partida o “whole-organism-in-its-environment”. “Em outras palavras, organismo mais ambiente deve denotar não um composto das duas coisas, mas sim uma totalidade indivisível.” (INGOLD, 2021, p. 19). Uma das preocupações do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara é justamente a questão da noção de ecologia, de ambiente, de natureza e da terra. A ressignificação desses conceitos para eles está intrinsecamente ligada à comercialização de seus produtos. Também por isso, o grupo desenvolveu um conjunto de oficinas, denominadas “Da Terra a Terra”, que além de ter o objetivo de promover um ensino sobre o manejo, conservação e preparo de alimentos, também trás consigo uma preocupação em debater

questões ambientais, a noção do que é agricultura e como podemos fazer parte de uma mudança, não só pessoal, mas uma mudança coletiva sobre os rumos da agricultura e dos ambientes e paisagens em Santa Catarina no Brasil e no mundo.

Essas questões se apresentam logo no convite a participação dessas oficinas, que são divulgadas nas redes sociais: “As oficinas Da Terra à Terra são oficinas que irão abranger a agricultura com um olhar mais conectado a terra, possibilitando usar com sabedoria todo o fruto dela gerado, seja na forma de alimento fresco, alimento beneficiado, compostagem e plantio. As Oficinas serão ministradas por Delícias da Roça (módulos que envolvem beneficiamento e aproveitamento integral) e pelo Sítio Igatu (módulos referentes a plantio, permacultura, colheita e compostagem).”

As oficinas são ministradas por Alice, Grazi e Arthur, e buscam promover não apenas o manejo consciente dos alimentos, evitando desperdícios e incentivando a conservação adequada, mas também fomentar a reflexão sobre o significado da agricultura familiar, da agricultura sazonal e do ambiente em que vivemos. As oficinas visam trazer à tona a importância de uma abordagem agrícola que esteja em sintonia com os ciclos naturais e respeite o tempo das coisas. Essas iniciativas convidam o cliente e participante a repensar a concepção sobre ambiente e natureza, e reconhecer que fazemos parte delas, em vez de sermos meros espectadores que exploram seus recursos externamente, pois somos parte de um mundo vivo e interdependente, coexistindo com outras espécies em uma cadeia complexa de relações.

As oficinas promovidas pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara oferecem um espaço de aprendizado e reflexão, guiando seus consumidores e demais participantes a uma compreensão mais profunda das interconexões entre os seres vivos, ambientes e agricultura. Ao promover uma abordagem que busca uma conexão com os ciclos dos seres vivos e da terra, essas oficinas não apenas fornecem ferramentas práticas, mas também incentivam uma mudança fundamental na forma de pensar e agir em relação ao ambiente e à nossa própria existência como parte integrante da teia da vida. Essa conexão fortalece os laços entre produtores, consumidores e moradores da cidade para além da transação comercial.³⁰ A comida produzida pelos agricultores familiares torna-se, assim, uma ponte que cria a relação entre esses pequenos agricultores familiares e os consumidores locais.

³⁰ Alice e o grupo desenvolvem outros projetos na cidade, como o projeto “Arteirinhas”, que recolhe roupas doadas na cidade de São Pedro de Alcântara/SC e também em Florianópolis e distribuem para pessoas em situações menos favoráveis na cidade. Durante a pandemia, o grupo também disponibilizou parte da produção de alimentos para escolas locais e famílias com pouco acesso e condições.

Pensando na ótica da antropologia alimentar, Sidney Mintz (2001) apresenta a ideia de que a comida é mais do que apenas nutrição; é também um meio de expressão cultural, social e político. Essa conexão entre agricultores e consumidores através da comida não se limita à experiência individual das pessoas envolvidas nessas relações, mas ela existe dentro de uma dimensão coletiva, onde a agricultura familiar e os alimentos produzidos por eles tornam-se um símbolo de conexão entre a paisagem, os produtores e os consumidores. Essa conexão através da comida se torna, portanto, a base para a construção de uma relação mais responsável com a paisagem e o ambiente local, onde o alimento se demonstra como um fio condutor que tece a rede de vida, cultura e história do grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara. Nesse contexto, os alimentos cultivados pelo grupo é um ponto de convergência que une produtores e consumidores em uma comunidade interdependente. Contudo, essa conexão com o ambiente e a natureza não se limita apenas ao cultivo e consumo de alimentos; já que um dos objetivos do grupo, também é discutir uma compreensão mais profunda do entrelaçamento entre seres vivos, humanos ou não, e seu ambiente circundante. Para explorar essa perspectiva, mergulhamos nas reflexões de Tim Ingold, cujo pensamento nos convida a discernir entre a noção de natureza e ambiente, revelando uma visão mais dinâmica e abrangente da relação entre humanos e o mundo que os cerca.

Segundo Ingold (2011), ao falar conceitualmente sobre o ambiente, não podemos confundi-lo com natureza. A distinção entre natureza e ambiente reflete a diferença de perspectiva entre nos vermos como seres dentro do mundo, inseparáveis dele, ou como seres fora do mundo, que o observam de uma distância segura. Para o autor o mundo natural não deve ser considerado apenas como um pano de fundo para a conduta humana e suas necessidades. Dentro da dialética de construção do mundo, os ambientes, que continuamente emergem nos processos de vida, são também fundamentalmente históricos, políticos e sociais. Enrique Leff apresenta a ideia de que a questão ambiental não pode ser dissociada dos problemas políticos e sociais. De acordo com ele, no contexto de um pensamento ambiental crítico, é necessário integrar a sustentabilidade ecológica com a busca pela igualdade, por meio de uma nova abordagem produtiva que leve em consideração tanto os processos culturais quanto os ecológicos. De acordo com Leff (2000), toda formação social está intrinsecamente ligada ao seu ambiente, no entanto, a integração da população humana ao seu meio ecológico é sempre condicionada pelas práticas culturais de envolvimento e desenvolvimento com o ambiente, que mediam as inter-relações entre os processos ecológicos e históricos.

Moacir Palmeira (1989), antropólogo brasileiro, conhecido por seus estudos sobre campesinato e sua atuação na esfera política, fez importantes contribuições para o entendimento da relação entre campesinato, política e Estado. Na sua atuação, tanto na academia como na política institucional, Palmeira enfatiza que a participação política deve ser uma característica fundamental do campesinato e destaca o papel crucial do Estado na manutenção ou questionamento das formas tradicionais de dominação no campo. Ele critica a visão substancialista que simplifica a participação política do campesinato apenas à sua condição de classe, propondo uma abordagem mais flexível e aberta às especificidades daqueles que trabalham na terra. As reflexões e ações de Moacir Palmeira enfatizam a participação política como um elemento constitutivo para aqueles que vivem do trabalho na terra e ressaltam a importância do Estado na dinâmica das relações de poder no campo.

É combativo politicamente quem se organiza e não quem encarna não se sabe as virtudes de um determinado estrato social. E, para que determinado grupo se organize, o que é determinante não é o seu 'ser de classe' (ou fração de classe) mas o conjunto de contradições a que está submetido num determinado momento e [...] o aparato institucional dentro do qual serão vividas essas contradições (PALMEIRA, 1975, p. 07).

Sua abordagem crítica e sua atenção às contradições e especificidades ajudam a ampliar a compreensão das questões já colocadas pelo campesinato em um momento de expansão tecnológica e econômica do campo no Brasil. Palmeira, pensando no campesinato principalmente no pós golpe militar, enfatiza a importância dos sindicatos rurais como um dos agentes de mudança dentro da luta por espaço dessa classe de trabalhadores que vivem do trabalho no campo, pois, para o autor, a organização política em diversas esferas de atuação é uma forma de desafiar a dominância econômica e política das classes poderosas. O autor reconhece que os sindicatos desempenham um papel fundamental na formação da consciência de classe dos trabalhadores rurais e na construção de um sentimento de coletividade voltada para a defesa de seus interesses.

As lutas camponesas não aconteciam de forma isolada, e, em um cenário de transformações e embates, os trabalhadores rurais internalizaram a luta de classes na esfera da produção rural e do trabalho cotidiano. A mobilização política é um dos fatores que criam a identidade do campesinato e promove formas de atuação coletiva. Após a chamada "revolução verde" no Brasil, a organização política dos movimentos rurais cresceu e diversificou-se buscando novas políticas governamentais voltadas para o campo, e a questão agrária assumiu seus contornos, e escreveu sua história através do embate com o Estado. Segundo Giralda Seyferth:

Por outro lado, o papel do Estado na conformação de certos campesinatos, exemplificado pelas políticas públicas que conduziram a colonização estrangeira no sul do Brasil, aparece até com mais clareza nas atuais territorializações de grupos rurais que recorrem aos dispositivos constitucionais de 1988, reconstruindo suas identidades. No caso apresentado, fica evidente a importância atribuída às diferenças culturais e sociais que destacam valores e comportamentos dessemelhantes e atitudes próprias da existência camponesa, as quais emergem às vezes com mais consistência nas situações de mudança, reforçadas pela simbólica da etnicidade (SEYFERTH, 2011, p. 413).

Para ambos os autores, as lutas políticas pela terra, que aconteceram e acontecem no campo, contribuem para ampliar a democracia, incorporando os excluídos da propriedade da terra à comunidade política. Os trabalhadores rurais e aqueles que vivem do campo, ao buscar seu reconhecimento enquanto importantes agentes dentro de um sistema político a nível nacional, desenvolveram uma coletividade a partir da organização e das conquistas, mas paradoxalmente também surgiam novos conflitos e formas de não-reconhecimento para com essa classe. Palmeira revelou que a lenta e gradual democratização da sociedade brasileira resultou em uma nova forma de blindagem do Estado em relação às demandas dos trabalhadores rurais, já que esse processo de conquista do reconhecimento das demandas populares frequentemente estava acompanhado por formas antigas e novas de exclusão desses grupos. Durante a chamada modernização do campo, muitas contradições se acentuaram, e por mais que a exportação e o PIB agrícola do Brasil apresentavam uma crescente, grande parte dos trabalhadores do campo não tinham o devido retorno. Segundo Palmeira:

Essa modernização, que se fez sem que a estrutura da propriedade rural fosse alterada, teve, no dizer dos economistas, "efeitos perversos": a propriedade tornou-se mais concentrada, as disparidades de renda aumentaram, o êxodo rural acentuou-se, aumentou a taxa de exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas, cresceu a taxa de auto-exploração nas propriedades menores, piorou a qualidade de vida da população trabalhadora do campo. Por isso, os autores gostam de usar a expressão "modernização conservadora". (PALMEIRA, 1989, p. 01)

O autor enfatiza que é difícil compreender a modernização da agricultura sem considerar as transformações que ocorreram no próprio Estado brasileiro. Segundo Palmeira, para compreender o caminho histórico construído pela agricultura no Brasil, é necessário analisar a ação e o significado do Estado no campo. Na década de 1960, foram elaboradas leis específicas para o campo, como o Estatuto do Trabalhador Rural e o Estatuto da Terra, juntamente com uma extensa legislação complementar e previdenciária. Essas leis foram resultado de um processo de lutas sociais e políticas, refletindo conflitos e composições de interesses dos setores envolvidos com a questão da terra, além de questões como dos direitos

trabalhistas.

Se pensarmos especificamente na agricultura familiar e sua relação com o Estado, foi principalmente a partir do golpe Civil-Militar de 1964 que esse modelo produtivo começa ter uma grande desvantagem, pois nos governos que se seguiram ao golpe, foi priorizada a via da “modernização conservadora” do latifúndio em detrimento da formação de propriedades familiares, mesmo que o Estatuto da Terra de 1963 favorecesse essa última opção. A escolha dessa via, chamada de modernizadora, foi influenciada pela especulação financeira e pela importância das exportações agropecuárias e agroindustriais como fonte de desenvolvimento para o país. Segundo Palmeira, a intervenção estatal nesse processo foi abrangente e o crédito subsidiado foi apontado como o principal instrumento utilizado:

O lugar estratégico atribuído à especulação financeira e a importância atribuída à exportação de produtos agropecuários e agroindustriais como fonte de divisas para o país, no modelo de desenvolvimento adotado pelo regime militar, foram, certamente, decisivos para a escolha da via da modernização conservadora. Delgado relativiza o papel desempenhado pela agricultura como fonte de divisas. A exportação agrícola, segundo ele, "no início do período, de 1967 até 1979, (...) comanda praticamente a pauta de exportações globais, com participação em torno dos 80%". Mas, ao longo da década, há uma diversificação do seu perfil, "com a introdução de novos e importantes produtos agrícolas e, principalmente, produtos agrícolas elaborados pelo setor industrial a jusante da agricultura" (DELGADO, 1985, p. 27). Sua conclusão é que "essa mudança na estrutura do comércio exterior agrícola altera um pouco o enfoque de considerar o setor agrícola como fonte provedora de divisas para o restante da economia, para fazer realçar também um novo aspecto das relações internacionais do setor agrícola, que é o da integração de relações interindustriais". (PALMEIRA, 1989, p. 26).

Durante os governos militares no Brasil houve também uma transferência maciça de terras do patrimônio fundiário nacional para particulares, principalmente na Amazônia. Através de dispositivos ancorados com a legislação da época, o governo autoritário transferiu grandes áreas de terras do Estado para entidades particulares por meio de licitações e leilões. Esses processos beneficiaram grandes fazendeiros e grupos econômicos internacionais, permitindo-lhes adquirir com facilidade grandes extensões de terra. “Curiosamente, essa política generosa de alienação de terras públicas a grupos nacionais e estrangeiros se fez acompanhar de um crescente envolvimento das Forças Armadas com o problema fundiário e com a questão da terra” (PALMEIRA, 1989, p. 12)

Esses instrumentos, como incentivos fiscais e a transferência de terras públicas, foram utilizados para promover o que Moacir Palmeira define como modernização conservadora da agricultura – que resultou em grande concentração de terras, baixa rentabilidade dos projetos e desigualdades socioeconômicas. A presença do Estado no campo nesse momento, apoiado pelas políticas importadas dos Estados Unidos fortaleceu o antigo capital agrário e promoveu

uma coalizão de interesses em torno da especulação com a terra.

Para Leff (2000), a relação entre os sistemas naturais e as estruturas sociais foi desequilibrada pelo modelo do sistema produtivo vigente. A introdução de modelos tecnológicos e culturais inadequados em um contexto de dominação colonial e imperialista resultou em uma produtividade irracional. Consequentemente, quando as relações sociais de produção impactam a natureza em escala global, os processos biológicos passam a ser determinados pelos processos históricos nos quais seres humanos e natureza estão imersos. Seguindo a linha de raciocínio de Palmeira, Leff e Tsing, o fato de existirmos como seres sencientes implica necessariamente estarmos situados em um ambiente específico e comprometidos com as relações que surgem desse contexto. Essas relações, juntamente com as sensibilidades que se desenvolvem ao longo de sua evolução, são essenciais para nossa capacidade de discernimento e habilidade de fazer julgamentos. Os cientistas, incluindo os antropólogos, assim como todos outros seres, dependem dessas capacidades e habilidades, pois também são seres no mundo. É por isso que a perspectiva da razão abstrata, na qual a ciência ocidental baseia sua autoridade, é praticamente inalcançável. Essa abordagem pressupõe uma inteligência totalmente desconectada das condições de vida no mundo, o que conflita com a essência de nossa existência como seres situados em um ambiente e inseparáveis das relações que o envolvem.

Em resumo, a perspectiva soberana da razão abstrata é o resultado da interação de duas dicotomias: a dicotomia entre humanidade e natureza e a dicotomia entre modernidade e tradição. Segundo Ingold (2011), da mesma forma que uma obra de arte pode ser contemplada em sua forma final independentemente da perspectiva do observador, a razão abstrata almeja tratar diferentes concepções de mundo como objetos de contemplação, cada uma delas representando a construção singular de uma realidade específica. Além de que, a razão específica tem a capacidade de explorar distintas visões de mundo como objetos de contemplação, cada uma delas caracterizada por sua própria configuração específica da realidade. Os antropólogos, ao investigarem a ampla rede de variação cultural humana, assemelham-se a visitantes em uma galeria de arte, assumindo o papel de "observadores de perspectivas". Não é coincidência que essas duas perspectivas, a da pintura e a da antropologia, tenham emergido em uma trajetória de pensamento compartilhada no contexto do pensamento ocidental.

Ainda segundo Tim Ingold, existe uma clara divisão entre conhecimento científico e o conhecimento de "outras culturas".

Se é através da capacidade de raciocinar que a humanidade nesse discurso ocidental, se distingue da natureza, então é pelo máximo desenvolvimento dessa capacidade que a ciência moderna se distingue do conhecimento prático de pessoas de “outras culturas”, cujo pensamento deve permanecer limitado pelas restrições e convenções da tradição. (INGOLD, 2021 p. 15)

Essas dicotomias desenvolvidas nos últimos séculos, especialmente pela filosofia ocidental, manifestam-se na distinção entre conhecimento científico e conhecimento culturalmente situado, e as reflexões sobre as partilhas entre conhecer e ser, natureza e humanidade, ser vivo humano e ser vivo não humano, adentram os domínios acadêmicos, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais ampla e integrada.

4 CONCLUSÃO: FAZERES AGRÍCOLAS E OS CAMINHOS ABERTOS PELA AGRICULTURA FAMILIAR EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC

Assim como provoca Tsing, o enfoque dado por Tim Ingold às linhas, não àquelas linhas retas e estáticas dos livros de gramática ou matemática da escola, mas sim aos caminhos em constante movimento que se entrecruzam dentro das atividades animadas e dinâmicas, representa um ponto de partida interessante para adentrar no fascinante mundo das práticas agrícolas, visto que a agricultura familiar é um movimento social, político, cultural, ambiental e econômico que se transforma e segue abrindo novos horizontes enquanto luta por seu espaço e se desenvolve. Os caminhos me levaram a compreender que a performance, ou seja, os movimentos envolvidos nas práticas de uma agricultura familiar, orgânica e sazonal, mostraram sensibilidades enriquecedoras para compreender a vida no campo. Ao acompanhar o plantio, a colheita e o escoamento dos alimentos produzidos pelo grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara, me envolvi nas riquezas biológicas e culturais daqueles trabalhadores rurais, que assimilam as paisagens da cidade para extrair seu sustento, já que esse domínio da paisagem é uma prática essencial para um cultivo mais tranquilo e harmônico dentro de cada sítio. Diferente do agronegócio que independente da paisagem, sem se importar com as relações multiespécies e o companheirismo entre as espécies, transforma o ambiente como quer, a partir de produtos químicos nada saudáveis ao solo e aos seres vivos em geral. Nas palavras de Anna Tsing:

Nas plantações do agronegócio, nós coagimos as plantas a crescerem sem ajuda de outros seres, incluindo os fungos da terra. Substituímos os nutrientes fornecidos pelos fungos por fertilizantes obtidos pela mineração e em indústrias químicas, com suas trilhas de poluição e exploração. Cultivamos nossas plantações para isolamento em estufas químicas, enfraquecendo-as como galinhas enjauladas e sem bico. Nós mutilamos e simplificamos as plantas cultivadas até que elas não saibam como participar em mundos de múltiplas espécies. (TSING, 2019, p. 07)

No universo da ciência e da pesquisa, a preocupação com as relações mais harmoniosas baseadas em contextos multiespécies vem crescendo a cada ano. Anna Tsing, em “viver nas ruínas”, aponta que diferente das abordagens científicas anteriores, a motivação dessa linha de pesquisa não se restringe apenas à crítica da ciência, embora também possa (e deva) ser crítica. Esses estudos abrem uma janela para uma imersão nas vidas dos seres vivos não humanos e a relação desses seres na construção e desenvolvimento do mundo e de sua história. Anteriormente, essa área do conhecimento, era idealizada apenas aos pesquisadores das chamadas “ciências naturais”, ou “ciências puras”, o que já não é mais uma

exclusividade, como apresentamos nesta pesquisa.

Os pesquisadores e escritores desse novo gênero, incluindo autores base nessa pesquisa, como Tim Ingold e Anna Tsing e outros, empenham-se com a possibilidade de romper as fronteiras entre as ciências naturais e as humanidades, e isso me motivou a fazer esse estudo baseado nessa forma de conceber o mundo. “Mas só teremos sucesso com esse gênero na medida em que possamos abrir novos espaços na imaginação do público, espaços pouco percorridos pela paixão ou pela atenção”. (TSING, 2015, p. 30). Para tentar alcançar esse objeto, recorro a esses pensadores que também fazem esse trabalho em buscar uma nova forma de contar a história dos seres humanos, na verdade não mais apenas a história dos seres humanos, mas sim a história da interação entre os seres humanos, outros seres vivos não humanos, o ambiente e paisagens em que estamos inseridos. Minha pequena contribuição nesse gênero descritivo é uma tentativa de contar a história da agricultura de uma cidade, mais especificamente de Alice e um grupo organizado de agricultores familiares dispostos a também contar suas histórias a partir da comida que compartilham com outras pessoas.

Em São Pedro de Alcântara/SC a agricultura familiar floresce dentro das práticas agroecológicas e da comercialização direta de seus produtos, seja por meio da feira mensal ou das cestas orgânicas. As diversas formas de escoamento das produções agrícolas, especialmente daqueles que vivem e trabalham no campo com suas famílias, não se limitam apenas a uma relação econômica entre pessoas interessadas na venda ou na compra de produtos agrícolas. As negociações e trocas que acontecem dentro do universo da agricultura familiar, também criam laços de sociabilidade, fortalecendo os vínculos internos entre agricultores, e vínculos entre agricultores e consumidores.

Assim como destaca Giralda Seyferth, podemos observar a grande importância da agricultura familiar na criação de vínculos comunitários em uma cultura agrícola. Segundo ela:

Trata-se da afirmação de interesses coletivos que estimulam a identidade ou, mais precisamente, a consciência (de pertencimento) grupal. Tais considerações aplicam-se igualmente ao conceito mais amplo de identidade social que, no caso do campesinato, também supõe pertença grupal expressada na ordem do discurso e das representações, assentado nos símbolos e nas práticas cotidianas, presumindo a existência de um segmento camponês diferenciado do capitalismo agrícola e dos cidadãos. (SEYFERTH, 2011, p. 08).

As práticas agrícolas e as técnicas de cultivo criam elementos que constroem um sentido de pertencimento comunitário e conexão com a terra, o território e a paisagem, dentro de um movimento que abre caminhos e constrói possibilidades de desenvolvimento de vidas

humanas e não humanas. Através dessas práticas, os agricultores criam uma relação de interdependência entre si e com o ambiente e paisagem em que estão inseridos e transformam diariamente, reconhecendo a importância dos ciclos naturais e de cuidar da terra e preservá-la para garantir a sua própria existência através de seus insumos e do trabalho de plantio, colheita e venda.

É nesse contexto que minha pesquisa tenta demonstrar que a agricultura familiar como uma força que se constrói e se reafirma sobre os ritmos e preceitos de suas práticas, dentro de um ambiente hostil e capitalista, tendo que se adaptar a ele, mas sempre demonstrando uma forma de resistência social. Diante das pressões sociais e culturais e da dominação política impostas pelo agronegócio, a agricultura familiar, mesmo que, por ora, tenha que se adaptar ao grande mercado, apresenta-se como um movimento inverso, que busca proteger suas práticas, suas técnicas e sua forma de vida. Essa resistência se manifesta na busca por alternativas tanto na produção quanto no escoamento, que fazem sua parte na luta contra o modelo predatório do agronegócio.

É importante destacar que as práticas comunitárias existentes dentro dos mais diversos tipos de fazer agrícola, não são como estruturas cristalizadas no espaço ou no tempo, ou seja, não estamos aqui tratando de um movimento estático e homogêneo. Práticas agrícolas, assim como outros fenômenos sociais, políticos, culturais e econômicos, estão em constante transformação e mudança, e são influenciadas por fatores externos ao próprio movimento.

Novas políticas agrícolas, variações governamentais ou sindicais, mudanças socioeconômicas e culturais, além de transformações ambientais caminham junto com o desenvolvimento dos agricultores dentro do campo de ação de suas práticas, ou seja, dentro das paisagens específicas ao qual estão atuando em conjunto com outros seres vivos, sejam humanos ou não. Essa dinâmica se desenvolve junto aos contextos contemporâneos a esses movimentos, onde as decisões políticas e econômicas, as quais muitas vezes aqueles que trabalham no campo não tem a oportunidade de opinar ou pensar sobre, influenciará as ações desses trabalhadores. Segundo Enrique Leff (2001)

O ambiente está integrado por processos, tanto de ordem física como social, dominados e excluídos pela racionalidade econômica dominante: a natureza superexplorada e a degradação socioambiental, a perda da diversidade biológica e cultural, a pobreza associada à destruição do patrimônio de recursos dos povos e a dissolução de sua identidade étnicas; a distribuição desigual dos custos ecológicos do crescimento e a deterioração da qualidade de vida. Ao mesmo tempo, o ambiente emerge como um novo potencial produtivo, resultado da articulação sinérgica da produtividade ecológica, da inovação tecnológica e da organização cultural (LEFF, 2001, pág. 159).

A racionalidade capitalista, da máxima produtividade, exerce grande controle sobre os processos tanto físicos quanto sociais que compõem o ambiente. Essa lógica, representada em nosso campo de estudo pelo agronegócio, resulta na exploração excessiva da natureza e na degradação ambiental, na perda de diversidade de seres vivos não humanos, e também dos seres vivos humanos. Uma produtividade elevada ao máximo dentro da produção agrícola, gera uma distribuição desigual dos impactos ecológicos do crescimento econômico e afeta a qualidade de vida daqueles que trabalham com essa agricultura industrial, e também daqueles que consomem seus insumos.

A crença de que o modo de produção capitalista pode caminhar em consonância à sustentabilidade ambiental é uma ilusão perigosa que engana milhares. Segundo Luiz Marques (2015), a lógica do sistema capitalista é incompatível com a preservação ambiental de longo prazo, para o autor:

A ilusão de que o capitalismo pode se tornar “ambientalmente” sustentável é a mais extraviadora do pensamento político, social e econômico contemporâneos [...] De que quanto mais excedente material e energético formos capazes de produzir, mais segura (e feliz) será nossa existência. (Marques, 2015, p. 549)

Marques destaca que a busca incessante pelo aumento do excedente material e energético na sociedade, em nome de uma falsa segurança, pode na verdade, ameaçar a sustentabilidade do planeta. A abordagem de crescimento infinito do capitalismo, com seu foco na produção e consumo incessantes, entra em conflito direto com os limites finitos dos recursos naturais e os impactos ambientais resultantes. Nesse sentido, ele enfatiza a necessidade de repensar e buscar alternativas ao paradigma de crescimento desenfreado.

Alguns autores liberais e defensores da economia capitalista vigente, costumam fazer analogias do sistema produtivo capitalista com sistemas orgânicos dos seres vivos. Autores como Friedrich Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedman frequentemente destacam as semelhanças entre o mercado e os sistemas biológicos com o intuito de argumentar que o mercado é um sistema autossustentável e ajustável às transformações, como se o sistema em si fosse capaz de se ajustar às mudanças econômicas, políticas e sociais, e alcançar o equilíbrio por meio de mecanismos de autorregulação, assim como um corpo orgânico. Milton Friedman (1982), um dos maiores expoentes do pensamento liberal, defende que a concorrência entre os agentes econômicos funciona como um mecanismo natural de seleção de Charles Darwin, permitindo a sobrevivência e crescimento das empresas mais eficientes

frente aquelas mais fracas e que não conseguem se adaptar.³¹

Luiz Marques, em sua obra “Capitalismo e Colapso Ambiental”, demonstra como essa analogia é equivocada, já que comparar o mercado a um sistema biológico ignora a complexidade das questões sociais, culturais, políticas e ambientais envolvidas na economia. Além disso, a ideia de um mercado totalmente auto regulado e autossustentável pode ser facilmente contestada, visto que as intervenções governamentais, assimetrias de poder resultantes da luta de classes e também as questões ambientais acabam tendo um impacto significativo na economia, a ponto de desequilibrar essa harmonia e adaptação fantasiosa.

Para Marques, a única forma de reduzir o impacto ambiental do capitalismo é diminuir a produção em quantidade, e principalmente o consumo de energia. No entanto, ainda segundo o autor, essa abordagem não é compatível com o mecanismo básico expansão do capitalismo global e com a visão de mundo promovida por esse sistema econômico. Segundo Marques:

A única saída, portanto, para diminuir o impacto ambiental do capitalismo é diminuir em termos absolutos a produção e o consumo de energia, o que é incompatível com o mecanismo básico de funcionamento expansivo do capitalismo global e com a divisão de mundo vendida à sociedade por esse mecanismo [...] no capitalismo, a escassez crescente de recursos naturais redundando em agravamento do impacto ambiental da atividade econômica. (MARQUES, 2015, p. 562)

Mesmo que hora vemos na televisão ou nas redes sociais alguns protestos localizados, ou esforços de ONG's e grupos ativistas pela defesa do ambiente frente às ações agressivas do capitalismo na Terra, essas ações têm claras limitações, visto que nenhuma delas tem sido capaz de mobilizar uma frente expressiva em torno da ideia de uma nova sociedade, pautada em uma nova forma de produzir *com* a natureza, e não produzir *usando* a natureza. Uma forma de produzir onde a economia esteja em consonância à ecologia, e a lógica não seja mais a produção excessiva, e sim uma produção necessária e em conformidade com as primordialidade dos seres vivos, sejam eles humanos ou não humanos.

Anna Tsing, apresenta o conceito de “Diversidade Contaminada”, para se referir aos modos culturais e biológicos que se desenvolvem a partir das ruínas trazidas pela produção capitalista em escala desenfreada. Segundo Tsing:

31 Ressaltando que a leitura de Friedman, faz parte de uma corrente de leituras equivocadas da teoria Darwiniana. Assim como no pensamento do “Evolucionismo Social”, a evolução é uma trajetória unilinear de progresso constante. Em vez disso, a discussão se baseia na noção de descendência com alterações, pois abrange a possibilidade de aprimoramento ou extinção das espécies. Essa melhoria não está vinculada à ideia de “sobrevivência do mais forte”, mas sim à sobrevivência do mais adaptado, ou seja, aquele que estabelece relações de interação mais equilibradas com o ambiente.

Diversidade contaminada é adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária — assim como do devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável (TSING, 2019, p. 02)

Tsing argumenta que é necessário contar histórias que deem voz às formas contaminadas dessa diversidade cultivada em meio às ruínas das transformações contemporâneas. Ela propõe que a abordagem da "diversidade biocultural" inclua o que ela chama de diversidade contaminada, ou seja, devemos reconhecer e valorizar as diversas formas de perturbação lenta³², já que “Diversidade contaminada está em toda parte; para melhor ou para pior, é o que nós temos” (TSING, 2019, p. 02).

No coração do sistema capitalista, a devastação ambiental age como um ventrículo que bombeia e espalha o sangue por nossas paisagens e pelas diversas vidas humanas e não humanas que ali habitam. A produção desenfreada, impulsionada por uma lógica de acumulação constante, deixou um rastro de ruínas no qual nós somos testemunhas da insustentabilidade intrínseca de um modelo econômico nefasto. No entanto, como nos ensina Anna Tsing, é nesse contexto desafiador e caótico que surgem possibilidades de repensar o conceito de desenvolvimento e de trilhar caminhos alternativos que nos permitam viver em harmonia com todas as espécies vivas, levado em conta a importância de cada uma delas, sem hierarquizar ou dominar nenhum organismo.

Frear o que por tantos anos e décadas chamamos de desenvolvimento implica reconhecer os limites da expansão capitalista e buscar um novo modelo produtivo que supere a lógica de classes sociais e da busca insaciável pelo lucro e se baseie em princípios de equidade e responsabilidade para com todos os seres vivos. A lógica da acumulação já não pode mais fazer sentido, visto que, como nos apresenta Marques, em 2014, a Oxfam³³ apresentou dados sobre a concentração extrema de riqueza no mundo. Apenas 85 indivíduos detinham uma fortuna combinada de mais de 1,7 trilhão de dólares, equivalente à riqueza compartilhada por 3,5 bilhões de pessoas, a metade mais pobre da humanidade. Essa disparidade na distribuição de riquezas cresce em números exponenciais, e cabe a sociedade civil e suas diversas organizações sociais, sindicais e políticas começar uma transformação no atual sistema global, caracterizado pela concentração de poder e riqueza. Claro que não existe uma resposta certa e um caminho simples, essa é uma responsabilidade imensa e requer uma

32 Perturbação lenta, para Tsing, é uma transformação em constante devir: seja dos ambientes, alterações das espécies vegetais e animais ou mesmo dos seres vivos humanos.

33 Oxford e Famine (Oxford Committee for Famine Relief)

abordagem colaborativa e engajada para construir um novo modelo de sociedade, pautada em uma nova forma de produzir com o mundo, pensando nos ambientes não como estoques infinitos de recursos, mas como uma companheira dos seres no desenvolvimento mútuo de uma melhor condição de vida compartilhada.

Na agricultura familiar e orgânica, encontramos um dos possíveis caminhos produtivos baseados no respeito aos ciclos da natureza e na compreensão profunda das conexões intrínsecas entre plantas, animais, seres humanos e demais seres vivos. É um modelo que se opõe à monocultura impulsionada pelo agronegócio, que esgota os solos, contamina os rios e empobrece a biodiversidade. Em contrapartida, a “pequena” agricultura se baseia principalmente na busca pelo equilíbrio dentro de determinado ambiente, consequentemente valorizando a interdependência entre os elementos da paisagem. A Antropologia Multiespécie nos provoca a abandonar a mentalidade de que o ser humano é quem tem em mãos o controle dos demais seres vivos para podermos abraçar uma posição de seres que só existem graças às conexões e interações com outros organismos e ambientes, que, segundo Tim Ingold (2009), só existem se estão intrinsecamente ligados. É um chamado para valorizar a diversidade, a complexidade, a “contaminação” e a interdependência entre os seres humanos, os organismos e os ciclos naturais, reconhecendo que somos apenas parte de um todo que está em constante transformação e interação. Assim como afirmou Alice em uma de nossas conversas: “Sem a terra não somos nada, sem o alimento não somos nada... precisamos respeitá-los para que eles também nos respeitem.”

Durante minha pesquisa de campo, percebi que o grupo Agricultura Familiar de São Pedro de Alcântara é como um microcosmo dessa forma de produção que leva em conta a importância das relações e da interdependência entre os seres vivos. Talvez, por ora, de forma inconsciente, esses agricultores familiares tecem uma teia de relações interna, entre eles próprios e as diversas vidas presentes nos ambientes em que transformam, quanto relações que vão para além do campo, criando laços com os consumidores da cidade de São Pedro de Alcântara/SC e de Florianópolis que valorizam a forma que é produzida e origem dos alimentos que consomem.

É nesse caminho dinâmico que a cada passo se constroem jornadas rumo a um novo modelo produtivo, que ofereça a todos os seres vivos a possibilidade de viver de maneira mais harmônica e em equilíbrio uns com os outros. À medida que abraçamos a agricultura familiar ou orgânica e outras práticas conscientes, estamos dando pequenos passos para a construção de narrativas de transformação, onde não a disputa, mas a interação e o caminhar entrelaçado de todas as formas de vida se tornam prioridades. Alice e o grupo Agricultura

Familiar de São Pedro de Alcântara nos ensinaram que é possível trilhar esse caminho através de pequenos passos, mas passos que não percam de vista o horizonte de uma nova sociedade onde a produção seja guiada pelo compartilhamento e empatia, seja com humanos ou não humanos, e pela preservação e respeito aos ciclos da Terra, uma Terra onde possamos florescer em comunhão com todos os seres vivos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. Hucitec/Edunicamp/ANPOCS - São Paulo, 1992.

_____. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. In: **Reforma Agrária. Campinas**, v. 28, n 1,2, 3 e 29 n. 1, jan./dez. 1998 e jan./ago. 1999.

_____. “Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo” Texto para Discussão IPEA n.702, 2000.

BUBANDT, Nils The odour of things: Smell and the cultural elaboration of disgust in Eastern Indonesia, **Ethnos**, 63:1, 48-80., 1998.

BRANDENBURG, Alfio. Ciências sociais e ambiente rural: principais temas e perspectivas. In: **Sociedade e Ambiente**, São Paulo, v. 3, n. 1, jan./jun. 2005.

CARNEIRO, Maria José. Agricultores familiares e pluriatividade: tipologias e políticas. In: COSTA, L.F.C.; MOREIRA, R.J.; BRUNO, R. (org.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 325-344.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ENTRE lavouras, abelhas e humanos: uma etnografia sobre práticas e ritmos na agricultura na região de Pelotas, Rio Grande do Sul. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, [S. l.], 2021.

FELD, Steven. Sound Structure as Social Structure. **Ethnomusicology**, v. 28, n. 3, p. 383-409, 1984.

FLORIANI, D. **Conhecimento, Meio Ambiente e Globalização**. Curitiba: Editora Juruá, 2004.

FLORIANI, Nicolas. FLORIANI, Dimas. Saber ambiental complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico. In: **Revista brasileira de Agroecologia**. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 3-23. 2010.

GIBSON, J. J. **The Senses considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin Company. 1966.

Guivant, Julia S. “Heterogeneidade De Conhecimentos No Desenvolvimento Rural Sustentável.” **Cadernos De Ciencia Tecnologia**, 1997.

INGOLD, Tim (2008) “Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano” In. **Revista Ponto Urbe**, ano 2, versão 3.0, julho de 2008.

_____. **Estar vivo: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, 39(3), 404-411., 2016.

_____. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill** (1st ed.). Routledge, 2021.

LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os Modos de Existência: Uma Antropologia dos Modernos**. Editora 34, 2012.

LEFF, E. **Ecologia, Capital e Cultura: Racionalidade Ambiental, Democracia Participativa e Desenvolvimento Sustentável**. Blumenau: EDIFURB, 2000a.

_____. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2000b.

_____. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2001.

NÖTZOLD, A. L. V., & Souza, A. M. de. Encontros e desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina. **ÁGORA: Arquivologia Em Debate**, 2011.

PÁDUA, J. A. "Natureza e Projeto Nacional: as origens da ecologia política no Brasil." In: PÁDUA, J.A. (org.) **Ecologia e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, IUPERJ, 1987.

POMPEIA, Caio. **Formação política do agronegócio**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

RAMOS, I. C. Arendt, M. A. Witt (red.). **Religiosidades em migrações históricas contemporâneas**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, Editora Oikos. 2016.

SEYFERTH, G. Herança e estrutura familiar camponesa. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 50, 1985.

_____. Trabalho assalariado, trabalho artesanal e camponato. **Antropologia Social** Comunicações do PPGAS, Rio de Janeiro, v. 1, p. 127-145, 1992.

_____, Camponato e o Estado no Brasil. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, ago. 2011a.

_____. Camponato e o estado no Brasil. **Mana**, [s. l.], ed. 17(2), p. 395-417, 2011b.

SILVA, M. R. (2019). Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar / Gender and inequalities: reflections on women in family agricultural activity. **Brazilian Journal of Development**, 5(3), 2095–2105.

STAUB, J. R., & Santos, A. M. dos. **História e memória das famílias descendentes de origem alemã de São Pedro de Alcântara/SC**. Brazilian, 2020.

TSING, Anna Lowenhaupt (2005). **Friction: An Ethnography of Global Connection**. Princeton/Oxford: Princeton University Press.

_____. **The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins**. Princeton University Press, 2015.

_____. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha - Revista de Antropologia*, 25 nov. 2015.

_____. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). *Cadernos do Lepaarq*, Jul-Dez., v. XV, n. 30, p. 366-382, 2018.

_____. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB/Mil Folhas., 2019.

VEDANA, Viviane. Diálogos entre a imagem visual e a imagem sonora: a experiência da escritura do sonoro nos documentários etnográficos. *Arquivo*, 2011

WOLF, Eric. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.